



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

JONAS PEREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR

**ENTRE A CRUZ E O MERCADO: estratégias mercadológicas
dos neopentecostais na conquista de clientes da fé**

**JOÃO PESSOA PB
2010**

JONAS PEREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR

**ENTRE A CRUZ E O MERCADO: estratégias mercadológicas
dos neopentecostais na conquista de clientes da fé**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, como exigência para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Cultura Urbana

Orientador: Prof. Dr. Adriano de León

**JOÃO PESSOA PB
2010**

O48e Oliveira Júnior, Jonas Pereira de.
 Entre a cruz e o mercado: estratégias mercadológicas dos
 neopentecostais na conquista de clientes da fé / Jonas Pereira
 de Oliveira Júnior. - João Pessoa, 2010.
 100 f.: il. -

 Orientador: Adriano de León.
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/ CCHL

 1. Sociologia. 2. Igrejas Evangélicas. 3. Mercado religioso.
 4. Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – Recife.
 5. Práticas teológicas. 6. Neopentecostalismo. I. Título.

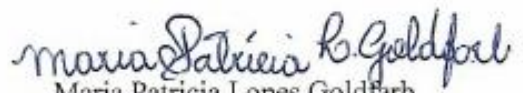
UFPB/BC

CDU: 316(043)

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA
COMPOSTA PARA EXAMINAR O ALUNO JONAS PEREIRA DE OLIVEIRA
JUNIOR.

Aos onze dias do mês de novembro de Dois Mil Anos e Dez, às 14h00, na sala de 500 do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, realizou-se a sessão pública de defesa de Dissertação, intitulada: “Entre a cruz e o mercado: estratégias mercadológicas dos neopentecostais na conquista dos clientes da fé”, apresentado pelo aluno Jonas Pereira de Oliveira Junior, sendo a Comissão Examinadora composta pelos Professores Doutores: Adriano de Léon (orientador/PPGS/UFPB), Maria Patricia Lopes Goldfarb (membro/UFPB) e Antonio Giovanni Boas Gonçalves (membro/PPGS/UFPB). Dando início aos trabalhos, o Professor Adriano de Léon, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os membros da banca examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida palavra ao mestrando para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi argüido pelos membros da Comissão. Encerrado os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, o qual foi atribuído o seguinte conceito APROVADO. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a LEI, expedi o respectivo Diploma de **MESTRE EM SOCIOLOGIA**. Sendo a presente ATA, assinada por mim, Nancy Azevedo da Silva, _____, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e demais membros da Comissão.


Adriano de Léon
(orientador/PPGS/UFPB)


Maria Patricia Lopes Goldfarb
(Membro/UFPB)


Antonio Giovanni Boas Gonçalves
(Membro/PPGS/UFPB)


Jonas Pereira de Oliveira Junior
Mestrando

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jonas Pereira de Oliveira (*in memoriam*) e Euda da Silva Oliveira, pelo carinho, dedicação e amor de sempre.

À minha vovó, Maria Pereira de Oliveira, pela grande lição de vida que ensinou que vou guardar por toda minha vida.

À minha amada esposa, Maria Suzanete Cavalcanti de Oliveira, pela paciência, compreensão, carinho e amor, durante todo o período da pesquisa, sem o seu apoio extensivo não conseguiria concluir mais esse desafio.

À minha querida filha, Suzy Priscila Jácome de Oliveira, pela sua maneira de ser que me traz bastante alegria.

Ao meu amigo e pastor, Dr Estevam Fernandes de Oliveira, por me acolher e depositar confiança no meu trabalho, por abrir as portas para um novo e estimulante caminho em minha vida, repleto de ricos aprendizados. Sem você certamente esta dissertação não chegaria ao fim.

Ao Dr Adriano de León, meu orientador de primeira hora, por partilhar comigo boa parte do processo de produção de dissertação, desde o projeto de pesquisa. Sua compreensão foi fundamental durante todo o tempo.

Ao Dr Guilherme de Albuquerque Cavalcanti, por ter me apoiado desde a graduação em Economia, como bolsista do PIBIC/CNPq. Seu estímulo, compreensão e apoio foram fundamentais durante todo o tempo.

As minhas queridas tias patenas (Luzia Jeanne, Angelina, Analice, Socorro, Nena, Joselita), pelo apoio, estímulo, auxílio, compreensão foram fundamentais antes e durante o tempo da pesquisa.

Ao Francisco Mendes (Chico), amigo e irmão em Cristo, pelo apoio e leitura dos meus primeiros textos.

A minha irmã Elaine da Silva Oliveira, pelas fotos aéreas que me ajudaram na visualização espacial das igrejas pesquisadas.

A Missão da Primeira Igreja Batista de João Pessoa no Bom Samaritano, minha querida comunidade de fé, pela compreensão, paciência e pelo tempo cedido para que eu pudesse realizar este projeto acadêmico.

Ao meu amigo, Albert Blanchard, pelas palavras de incentivo e apoio, nos momentos mais difíceis da produção do texto.

Aos professores e funcionários do PPGS pelo apoio durante esta caminhada.

Ao Pr Erliton agradeço as preciosas palavras de apoio e incentivo, durante todo o processo de produção do texto.

Ao Lenildo (Lelê) agradeço o apoio e a prontidão em me acompanhar nas visitas de campo.

Ao Ianco Cordeiro, pela amizade e pelas palavras de incentivos para continuar a pesquisa.

Ao Pr Kepler agradeço pela conversa informais e informações sobre a IURD como ex-pastor da Universal.

Aos demais amigos, irmãos, pelo companheirismo, compartilhando muitos dos momentos mais difíceis na condução deste trabalho.

À CAPES que financiou durante dois anos minha pesquisa.

E, especialmente, a Deus - Senhor da minha vida e razão do meu ministério pastoral.

Aos meus queridos primos João Paulo Lima e Silva Filho (Paulinho) e Ana Paula Tomás (Paulinha), agradeço pelo apoio na tradução do resumo para o Francês.

À Nicole Roose, agradeço pelo pronto atendimento na revisão da tradução do resumo para o Francês.

Ao Arielson Soares agradeço pela tradução do resumo para o inglês.

A realidade nunca nos é dada independentemente se
nossos esquemas conceituais, os quais se articulam
linguisticamente; isto é, nosso relacionamento com o
real é sempre medido pela linguagem: é no seio da
linguagem que os sujeitos tem sucesso acesso ao
mundo.

R. Rosty

RESUMO

Esta dissertação objetiva descrever a atuação em relação a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no Recife como representante do neopentecostalismo brasileiro na sociedade dita pós-moderna. Descreve-se, para isso, como a igreja vem se destacando através das estratégias mercadológicas contidas no seu discurso teológico, tendo nisso seu principal elemento de diferenciação dos demais grupos religiosos. O trabalho procura identificar através do que foi observado nas cerimônias religiosas e nos sermões proferidos pela liderança eclesiástica, as principais práticas teológicas e a forma que o discurso religioso se relaciona, nesse caso específico, com a pós-modernidade, tanto no seu dia-a-dia, como também nas estratégias de mercado utilizadas na disputa religiosa.

Palavras-chave: Igrejas Evangélicas. Mercado. Consumo. Bens Simbólicos. Pentecostalismo. Neopentecostal. Modernidade. Pós-Modernidade.

ABSTRACT

This dissertation has as objective describing the acting of the Universal Church of God's Kingdom (IURD) of Recife as representant of the brazilian neopentecostalism in the postmodern society. It is described how the church stands out through the merchandising strategies contained in their theologic speech, having this as the main element of differentiation from the others religious groups. This work seeks to identify, through what was observed in the religious ceremonies and sermons preached by the ecclesiastic leadership, the main theological practices of how the religious speech relates, in this specific case, with the postmodernity, so much in the daily basis as well as in the marketing strategies used in the religious dispute.

Keywords: Protestant Church. Market. Consume. Symbolic Assets. Pentecostalism. Neopentecostal. Modernity. Postmodernity.

RÉSUMÉ

Cette dissertation a pour objectif de décrire les activités de l'Eglise Universelle du Royaume de Dieu (IURD) à Recife, en tant que représentante du néo-pentecôtisme brésilien, dans la société dite postmoderne. Nous décrivons pour cela comment cette église est en train de prendre de l'importance au moyen de stratégies mercantiles contenues dans son discours théologique, cet aspect étant un élément important de différenciation avec les autres groupes religieux. Ce travail cherche à identifier, à travers ce qui a été observé au cours de cérémonies religieuses et dans des sermons prononcés par des responsables ecclésiastiques, comment les principales pratiques théologiques et le discours religieux, dans ce cas spécifique, ont un rapport entre eux et un rapport avec la postmodernité, tant au niveau du quotidien qu'au niveau des stratégies du marché, utilisées dans la dispute religieuse.

Mots-clefs: Eglises évangéliques. Marché. Consommation. Biens symboliques. Pentecôtisme. Néo-pentecôtiste. Modernité. Postmodernité.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Programa da semana.....	73
Quadro 02 - A Genealogia da “Teologia da Prosperidade”	78

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01 - Aérea da Localização da Iurd Recife.....	17
Foto 02 - Da Frente da Iurd Recife.....	18
Foto 03 - Assembleia de Deus.....	18
Foto 04 - Igreja Internacional da Graça de Deus.....	19
Foto 05 - Igreja Mundial do Poder de Deus.....	19
Foto 06 - Cruz.....	82
Foto 07 - Desafio da cruz.....	83
Foto 08 - Rosa ungida.....	84
Foto 09 - Fita do dizimista fiel.....	85
Foto 10 - Sal aromatizado.....	85
Foto 11 - Incenso sagrado.....	86
Foto 12 - Banho do descarrego.....	86
Foto 13 - Folheto do Banho do descarrego.....	87

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O CAMPO DE PESQUISA E A ESCOLHA METODOLÓGICA.....	16
2 O NEOPENTECOSTALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS NO CAMPO PESQUISADO.....	24
2.1 Discussão Teórica.....	24
2.2 Visão Pós-moderna da Religião.....	35
2.3 Inserção da IURD no novo Cenário da Religiosidade Brasileira: estratégias e afinidades com o mercado.....	37
2.4 Ética Weberiana e Ética Iurdiana.....	39
3 INDIVIDUALISMO, MARKETING E CONSUMO DA FÉ.....	45
3.1 Individualismo e seus Discursos na Prática Litúrgica da IURD.....	45
3.2 O Indivíduo e sua Identidade na Pós-modernidade.....	52
3.2.1 A antropologia cultural.....	52
3.2.2 Identidade e a religiosidade.....	53
3.3 Estratégias da IURD na Conquista de Fiéis no Mercado Religioso Brasileiro....	58
3.3.1 Consumismo e teologia da prosperidade.....	59
3.4 Um Breve Perfil das Igrejas Evangélicas Brasileiras e Atuação da IURD.....	63
3.5 A IURD e seus Discursos Estratégicos de Ruptura.....	70
3.6 A Guerra Contra as Religiões Afro-Brasileiras.....	72
3.7 Imagens e Símbolos na Prática Litúrgica da IURD.....	76
3.8 Discursos, Imagens e Símbolos na Prática Litúrgica da IURD.....	77
3.9 Símbolos Iurdiano como Pontos de Contato e suas Afinidades Seletivas com os Símbolos Afro-Brasileiros.....	81
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

A esperada morte da religião, baseada em certos fundamentos da dita modernidade, não se deu. Os diagnósticos fatalistas de Feuerbach, Marx ou Nietzsche, falharam, sendo agora percebidos apenas como uma crítica formulada contra uma postulada “fé não esclarecida do povo”. A análise de tal propósito vem sendo ora entendida como crítica parcial da modernidade (GUIDDENS, 1991; TOURAINE, 1994; HABERMAS, 1985), ora como superação total da mesma, cunhada nas terminologias da pós-modernidade (LYOTARD, 1989).

Essas críticas da modernidade identificam o que despertava interesse na abordagem moderna, não era o fenômeno religioso em si mesmo, nas suas imbricações com o universo social, mas seu paulatino suposto desaparecimento. Ainda segundo essas posturas, a crítica à religião, proveniente de tais teorias, por estarem deslumbradas com a ideia positivista da superação da religião pela ciência, negavam-lhe à religião uma análise séria como as feitas com relação à política, à arte ou à economia, impedindo um entendimento mais aguçado daquilo que Karl Jaspers (1931) chamou de “a situação espiritual de nossa época”. Tal visão se resumiria na célebre máxima de Marx: “a religião é o ópio do povo”. Não obstante essas limitações em determinados campos da sociologia, a que pôde, ainda, em seu período de formação se desenvolver a partir de uma preocupação específica com a religião. Na Alemanha e na França, Max Weber e Emille Durkheim vão trabalhar, cada um a sua maneira, o fenômeno religioso, tomando-o como elemento central da explicação e/ou compreensão da estruturação de uma sociedade. Mas, em nossos dias, que tipo de chave o estudo sociológico das religiões pode nos dar? Na sociedade dita pós-moderna, qual seria o interesse da análise das articulações entre as lógicas religiosas e as econômicas? Se a sociedade atual diferenciou-se como na visão moderna (diferenciação social do trabalho em Durkheim e em Marx, diferenciação das esferas de ação social em Weber), ou se fragmentando como na visão pós-moderna, o fato é que hoje estaríamos lidando com elementos novos de organização social nos quais o fenômeno religioso deixa sua marca e pede novas interpretações.

Mesmo na visão pós-moderna, o processo de modernização da sociedade teria gerado, no início, certo distanciamento nítido entre os diversos campos sociais, a criação de lógicas próprias e relativamente autônomas nas esferas de ação social. É nesse sentido que alguns domínios vão ganhar uma autonomia relativa, fazendo que, nesta perspectiva a ciência funcione como ciência, a

religião como religião, a família como família. No entanto, fronteiras sociais teriam sido borradas na atualidade por mecanismos novos que devem ser desvendados. Qual seria o espaço relativamente autônomo das religiões e quais as suas relações com os outros domínios, em particular com o domínio econômico?

Para Sung (1992), as sociedades criam diversos espaços sagrados (templos) e tempos sagrados (festas litúrgicas) para propiciar mais oportunidades de contato com o sagrado que dá um “banho de humanidade e pureza” nas pessoas. É a religião atendendo aos desejos dos consumidores de melhor viver a religião do mercado. São religiões a serviço da grande religião do mercado.

Uma primeira leitura dos textos escritos por sociólogos, antropólogos e representantes da igreja (IURD), faz surgir questões sobre a existência, em nossos tempos, de uma mistura entre os vocabulários econômico e religioso. O que esse hibridismo semântico quer dizer?

Existe um espaço social de disputa entre as igrejas e nesta disputa estão em jogo os fiéis e não os bens materiais. Quais lógicas ditam as regras do jogo, pela disputa do poder entre essas religiões? Por que podemos falar de mercado de bens religiosos, e em que sentido? Percebe-se que o que está em jogo é o mercado de crenças (entendidas como bens simbólicos) e não de bens materiais (econômicos), mas como descrever as regras desse mercado tão específico?

Diante desse quadro geral apresentado, um estudo sobre as afinidades e diferenças entre as lógicas do mercado propriamente ditas e as do “mercado religioso” ganham toda sua pertinência.

Qual o estatuto epistemológico dos bens simbólicos produzidos pela religião? Os bens simbólicos produzidos pela igreja são equivalentes aos bens materiais (econômicos)? Existem fronteiras entre o mercado simbólico religioso e o mercado econômico? Eis as perguntas que gostaríamos de abordar ao longo do trabalho.

Em suma, diante deste quadro geral apresentado, o objetivo geral é descrever como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no Recife como representante do neopentecostalismo brasileiro na sociedade dita pós-moderna, vem se destacando através das estratégias mercadológicas no seu discurso teológico, como elemento de diferenciação dos demais grupos religiosos. Por outro lado, apresenta de forma preliminar, a relativa diferença entre a ética *werberiana* e a ética *iurdiana* e, suas possíveis afinidades com o mercado. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esta pesquisa é do tipo qualitativa e descritiva.

Os objetivos específicos:

- Traçar um perfil do neopentecostalismo recifense, mais especificamente o da IURD, procurando destacar suas práticas teológicas e seu discurso religioso em relação à pós-modernidade, no seu dia-a-dia.
- Identificar se há alguma estratégia de mercado utilizada na disputa religiosa como: *Pesquisa e Desenvolvimento - P&D*; estratégia mercadológica (marketing) etc.

A dissertação está dividida em três capítulos, assim construída:

O primeiro capítulo apresenta o campo da pesquisa, a escolha metodológica, e a justificativa em estudar o fenômeno neopentecostal, especificamente a Igreja Universal do Reino de Deus, em Recife, Pernambuco, ao lado das demais igrejas, como também a característica interna do templo.

O segundo capítulo traz uma discussão teórica sobre o fenômeno neopentecostal e a pós-modernidade; traz discussão teórica sobre o fenômeno neopentecostal e a pós-modernidade. E a inserção da IURD no novo cenário da religiosidade brasileira, com suas estratégias mercadológicas.

O terceiro capítulo aborda a questão do individualismo, marketing e consumo da fé. Mostra como a IURD utiliza suas estratégias para conquistar os fiéis no mercado religioso brasileiro. Como os símbolos iurdiano são usados como pontos de contatos e suas afinidades seletivas com os símbolos afro-brasileiros.

Esta dissertação pretende contribuir em duas vertentes: a Acadêmica, e a sociedade de um modo geral.

Para o universo acadêmico, a contribuição dar-se-á para o lado da Sociologia, assim como Ciência da Religião. Tenciono preencher uma lacuna de obras que descrevem e analisam o fenômeno neopentecostal com a quebra de paradigma e ruptura com a teologia de tradição reformada e pentecostal. E também aproximar os profissionais da Sociologia dos conceitos e estratégias de mercado.

Voltada aos indivíduos/fiéis, essa dissertação pretende demonstrar como o comportamento dos fiéis consumidores da fé, procuram construir uma identidade em comunidade afetiva e que der sentido no meio social em que estão inseridos.

Portanto, considero ser este um tema desafiante para Sociologia, pois ao construí uma ponte denominada “cruz e mercado”, planejo permitir que se facilite o percurso entre o consumo e a espiritualidade.

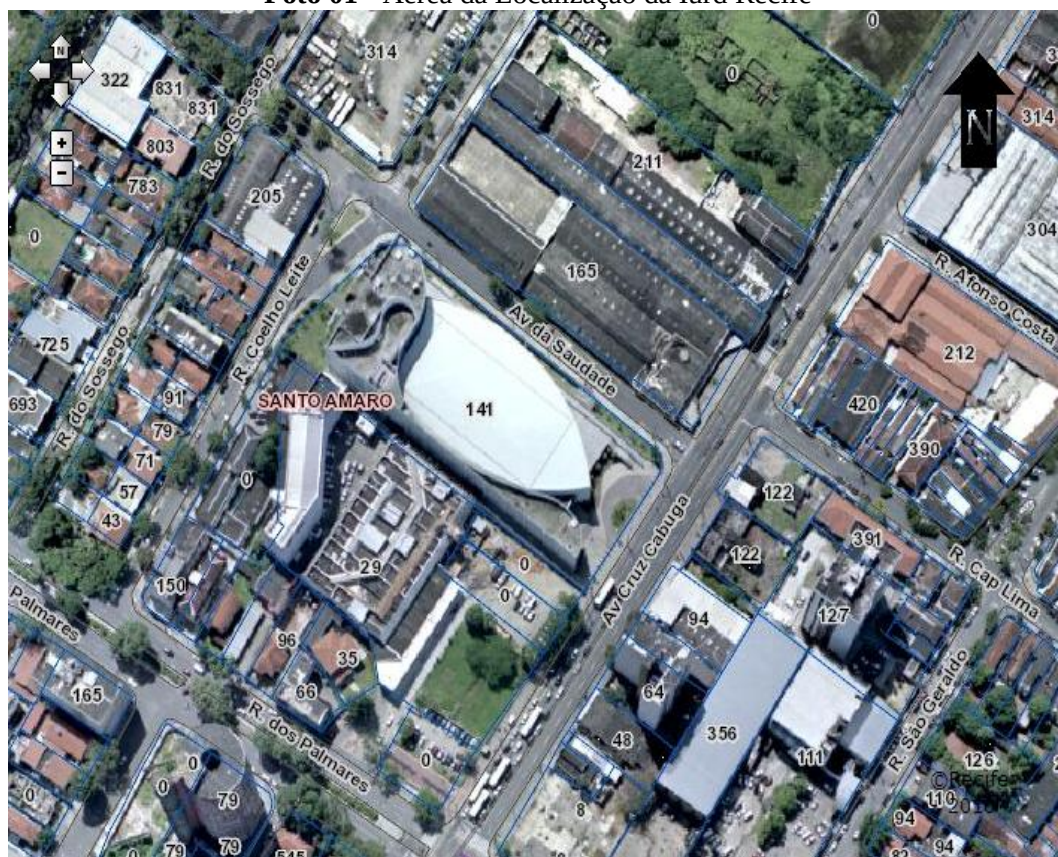
1 O CAMPO DE PESQUISA E A ESCOLHA METODOLÓGICA

O interesse de estudar a IURD vem desde a adolescência quando meu pai chegou em casa com o livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*, de Edir Macedo. Esse livro é um ataque direto aos cultos afro-brasileiros e ao espiritismo. Somente observei as fotos, fiquei assustado. Ouvi alguns comentários de meu pai a respeito do livro, comentários não favoráveis. O tempo passou, e observei o exponencial crescimento da IURD e que seus métodos de atuação diferenciavam das demais igrejas evangélicas brasileiras.

Ao concluir o curso de Economia, cursei uma disciplina como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção na UFPB, e tive a oportunidade de assistir as aulas da professora Carmela Buonfiglio, da disciplina Sociologia da Produção. Nessa disciplina tivemos a oportunidade de ler textos que tratavam das questões da modernidade e pós-modernidade. A temática da pós-modernidade fez-me lembrar dos métodos utilizados pela IURD para conquistar novos fiéis consumidores da fé. Esse interesse mais se acentuou a partir do curso de Teologia. Durante o curso, mais uma vez, me deparei com o tema pós-modernidade na programação da disciplina de Hermenêutica, que tratava sobre hermenêutica pós-moderna; e na ocasião escolhi para apresentar um seminário sobre o tema. Nesse momento veio à mente a questão da IURD e sua atuação no cenário religioso brasileiro. Foi a partir dessa trajetória que percebi a importância de dar um quadro analítico mais sistemático às indagações ocorridas durante essas disciplinas. Assim, a sociologia da religião e a teologia poderão responder às perspectivas de sistematização pretendida.

Recorri a diversas fontes de pesquisas: livros, revistas, panfletos, jornais, programas de televisão e de rádio. Depois disso, assisti a diversos cultos na IURD, tanto em Recife, na Avenida Cruz Cabugá, como em João Pessoa, na Avenida Epitácio Pessoa.

Foto 01 - Aérea da Localização da Iurd Recife



Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, 2010.

A partir da observação dos cultos, procurei construir parte de suas principais atividades e, principalmente, tentei compreender o sentido do conflito religioso neles estabelecido; especialmente na chamada Sessão do Descarrego. Nas minhas visitas aos templos, tanto em Recife como em João Pessoa, observei uma relativa homogeneidade de realização dos cultos nos templos da IURD visitados.

Em Recife está localizada numa avenida do centro da cidade, na Avenida Cruz Cabugá, com um fluxo de carros e ônibus com relativa intensidade. Com localização privilegiada, a IURD (nº 141) está entre duas igrejas. No lado esquerdo a Assembleia de Deus (nº 29), templo sede, no lado direito a Igreja Internacional da Graça de Deus (nº 165), conforme foto acima.

Foto 02 - Da Frente da Iurd Recife



Foto 03 - Assembleia de Deus



Foto 04 - Igreja Internacional da Graça de Deus



Foto 05 - Igreja Mundial do Poder de Deus



Em João Pessoa, sua forma de atuação no espaço geográfico foi diferente. Sua sede foi estabelecida no centro da cidade, mas em um local com pouca visibilidade, apesar de manter as mesmas estratégias que Leonildo Campos (1996), abordou em seu livro *Templo, Teatro e Mercado*, onde descreve que sua forma de atuação no espaço urbano das cidades era a de comprar ou alugar espaço urbano, teatro, cinemas, supermercados falidos, ou seja, espaços já conhecidos pela população com vias de acesso já estabelecidas, somado a isso toda uma programação de rádio e televisão; o potencial fiel consumidor da fé já estava sabendo onde estava localizado o prédio. Ou seja, espaço com uma relativa mobilidade social.

Só no ano de 2004, foi inaugurado o novo templo da IURD em João Pessoa na Eptácio Pessoa, principal avenida da cidade. Um templo suntuoso com visibilidade destacada, com arquitetura moderna, com alto padrão de qualidade nos materiais escolhidos. Na ocasião foi propagado um texto bíblico, a seguinte frase: “A glória da segunda casa será maior que da primeira casa”.

Ronaldo Almeida (2009), também identificou duas formas estratégicas de atuação em sua pesquisa etnográfica sobre a IURD em São Paulo. A primeira diz respeito ao próprio local do culto. A Igreja Universal optou inicialmente pela não construção de templos, sendo seu procedimento o de aquisição ou locação de cinemas, teatros, grande depósitos, fábricas fechadas; em suma, qualquer lugar bem espaçoso. Entretanto, a partir da segunda metade dos anos 1990, a Universal aumentou a construção de grandes templos, que foram chamados de “catedrais”. No início dos anos 2000, o templo do Brás passou a ser denominado Catedral do Brás. Ele está localizado em uma das principais vias que ligam o centro de São Paulo à populosa zona Leste, tem um heliporto, sendo atualmente a sede central de todo o Brasil.

Os templos seguem o mesmo padrão de qualidade, tanto o de Recife como o de João Pessoa. Ou seja, facilidade de acesso tanto externo com interno, iluminação externa e interna com qualidade, amplo estacionamento, cadeiras individuais e acolchoadas, plataforma ou altar em forma de meia lua com determinada altura para se destacar, que dá para ser visto de vários ângulos da nave do templo. O sistema de som também tem alto padrão de qualidade.

Nos templos sede existe um sistema de segurança eletrônico, com câmeras instaladas em pontos estratégicos. Há também seguranças, com farda ou sem farda, com fone de ouvido, e estão sempre comunicando entre si ou com alguma central. Presentes na entrada principal, no

estacionamento e nos principais acessos. De uma forma geral, eles recebem com cordialidade e sabem informar sobre dias e horários dos cultos da semana.

A estrutura do templo tem uma relativa diferença dos demais templos das igrejas evangélicas. Principalmente internamente, rompe completamente com o padrão de bancos tradicionais de madeira por cadeiras acolchoadas e individualizadas, dando ao indivíduo maior mobilidade para deslocamento e interação com o pastor e os obreiros durante a realização dos cultos. Essa é uma diferença que, aparentemente, não tem muito significado, mas no tocante à liturgia que é centrada no indivíduo diz muito ao universo simbólico de cada um. Toda liturgia é direcionada para o indivíduo, diferenciando das demais igrejas, onde o que é estabelecido no discurso é a mensagem voltada para coletividade, comunidade, irmandade, congregação. O outro quase não é ouvido na liturgia iurdiana. Como é dito pelos teólogos, a chamada “espiritualidade do “eu”” (PETERSON, 2007).

Na década de oitenta, o templo sede da Assembleia de Deus era o destaque na Avenida Cruz Cabugá pelo seu tamanho e capacidade de acomodação de pessoas. A IURD construiu ao lado da AD o seu templo sede. Sendo que a IURD superou em tamanho e em capacidade de acomodação dos fiéis. Em seguida se instalou ao lado da IURD a Igreja Internacional da Graça de Deus. Formando, com isso, três grandes templos para acomodação dos fiéis, um ao lado do outro. Conforme foto aérea de nº 01.

Existe uma relativa mobilidade para os fiéis que frequentam as três igrejas, pois é uma avenida de fácil acesso para carros e com várias linhas de ônibus por ela trafegando. Verificando o fluxo de pessoas que frequentam as igrejas referidas, observou-se que a grande maioria das pessoas chega ao local do templo através do sistema de transporte público, o mesmo acontecendo após o encerramento das reuniões.

Um aspecto chamou atenção quando a IURD passou a funcionar com suas atividades regulares, pois a Assembleia de Deus e a Internacional da Graça passaram a trabalhar em melhorias nas estruturas internas e externas dos respectivos templos. Principalmente a Assembleia de Deus, que instalou refrigeração através de uma central de ar-condicionado, uma iluminação melhor e um sistema de som melhor. Cada uma com a intenção provável de acomodar melhor os seus fiéis frequentadores.

Em uma das reuniões que tive a oportunidade de assistir na IURD, na entrada do sanitário masculino um senhor com idade aproximada de 60 anos aproximou-se de mim e falou que os

sanitários estão sempre bem limpos porque existe uma empresa especializada em limpeza que diariamente cuida para que o ambiente permaneça em bom estado. Em seguida perguntou se eu conhecia um ambiente especial para as crianças no terceiro andar, onde existem professores capacitados para cuidar dos filhos dos fiéis enquanto os pais estão nas reuniões. Também me falou que isso era fruto das aplicações dos dízimos e ofertas que são coletados nas reuniões diárias. Continuou explicando que, quando for o caso de levar alguma criança ao banheiro, tem um obreiro para os meninos e uma obreira para as meninas.

Na primeira visita, levei um caderno e comecei a fazer anotações do ambiente interno e das pessoas que frequentavam aquele espaço. Em dado momento, percebi que estava sendo observado com frequência por mais de um obreiro e segurança. Temendo qualquer coisa, logo guardei o caderno na mochila e comecei a interagir como qualquer fiel frequentador, participando das dinâmicas e dos desafios comandados pelo pastor. A partir desse episódio, nas reuniões seguintes passei a memorizar o que ocorria durante as reuniões e somente em casa registrava no caderno de anotações os eventos ocorridos.

Como se observar na foto aérea da IURD, o templo tem o formato de um grande navio visto de cima. Internamente é um espaço relativamente grande e confortável, com capacidade para acomodar mais de quatro mil pessoas sentadas em cadeiras acolchoadas e confortáveis. O altar está localizado em posição estratégica que oferece boa visibilidade aos fiéis que estão sentados. No altar, além dos símbolos tradicionais da cultura cristã (cruz, bíblia, pão, vinho), há azeite, candelabro, manto vermelho e amarelo, vara (simbolizando a vara do pastor de ovelhas).

Os aspectos internos da estrutura do templo da IURD são surpreendentes no tocante ao tipo de material escolhido, ou seja, piso de cerâmica e porcelanato, boa iluminação e um ótimo sistema de som com microfone sem fio para dar maior mobilidade aos pastores durante a pregação.

Grande parte dos frequentadores é composta por um público de mulheres que traziam objetos e roupas pessoais de seus familiares para receber a oração e para serem ungidos pelos pastores. O semblante de algumas mulheres era marcado por sofrimento, e que naquele espaço encontravam oportunidade de expressar a sua fé diante dos desafios propostos pelos pastores, que traziam reflexões com relativa objetividade e praticidade, sem a preocupação de aprofundar-se nos textos lidos, de contextualizar o texto em sua época, trazendo logo para uma aplicação prática e direta para as pessoas que estavam assistindo.

Em uma das reuniões que assisti, tive a oportunidade de permanecer no templo e observar a movimentação das pessoas. Entre uma sessão e outra, constatei que algumas pessoas entravam no templo e se acomodavam nas cadeiras para dar um breve cochilo, estando estas nos respectivos intervalos de horários de trabalho.

Cada início de sessão era introduzido por músicas suaves, e logo em seguida o pastor que ia conduzir a sessão chegava em situação de destaque atraindo a atenção de todo auditório para si. Normalmente cantava duas ou três músicas conhecidas do auditório, e em seguida lia um fragmento de um texto bíblico, e transmitia ao público uma mensagem desafiadora. A exemplo da fala de um dos pastores: “Atenção pessoal, vocês tem de fazer tudo o que eu mandar, porque vocês estão diante de um homem de Deus. Não adianta fazer nada se eu não mandar”. ... “hoje não é mais uma reunião, hoje vai ser diferente. Não é um dia comum, é um dia diferente”. ... “foi na sexta feira que Jesus começou a caminhar para o calvário, para a sua morte; mas foi também pra selar sua vitória e a nossa vitória, determine a sua vitória hoje, nesta sexta-feira, hoje é o dia da vitória”.

Chamou atenção outra frase ou desafio que eu ouvi do pastor: “A minha vitória é a vitória de Deus. A tua vitória é a vitória de Deus. A minha derrota é a derrota de Deus. A tua derrota é a derrota de Deus”.

Logo após ouvirem essas frases ou mensagens desafiadoras, as pessoas, na sua grande maioria mulheres, iam para frente do altar receber oração em suas cabeças e eram ungidas com azeite; consigo essas mulheres levavam objetos pessoais e de seus familiares.

Em suma, os meus procedimentos técnicos usados na pesquisa foram basicamente: observação empírica, *in loco*, caderno de anotação, máquina fotográfica digital, coleta de material das campanhas realizadas (conforme fotos em anexo).

2 O NEOPENTECOSTALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS NO CAMPO PESQUISADO

“Declaremos guerra à totalidade; sejamos testemunhas do irrepresentável; ativemos as diferenças e salvemos a honra do nome.”

Jean-François Lyotard (1984)

“Pós-modernidade é modernidade sem as esperanças e os sonhos que a tornaram suportável.”

Dick Hebdige (1988)

2.1 Discussão Teórica

De acordo com Campos (1997), os estudiosos têm vinculado o protestantismo ao processo de modernização do mundo ocidental. E faz as seguintes perguntas: Que transformação a religião experimenta se aceitarmos a substituição do período da modernização pelo advento de uma era de pós-modernização? Há alguma relação entre o surgimento do neopentecostalismo e a pós-modernidade?¹.

Tratar do tema pós-modernidade (LYOTARD, 1989)² é um desafio acadêmico na atualidade entre os intelectuais e estudiosos. Há um considerável debate entre eles sobre quando ocorreu a ruptura na modernidade e início da chamada pós-modernidade³.

Sabemos que os conceitos de modernidade e pós-modernidade circulam com relativa facilidade nos dias de hoje, mas em geral seu uso demonstra incompreensão e imprecisão⁴.

¹ Sobre as relações entre religiosidades populares e o projeto de modernização capitalista da América Latina veja Cristian Parker (1993). Esse autor defende a idéia de que o processo de urbano-industrialização capitalista provocou na América Latina o surgimento de um tipo particular de secularização que, ao invés de destruir o tecido religioso do Continente, construiu uma sociedade pluralista, na qual as religiosidades populares, entre elas o pentecostalismo, reconstroem as relações sociais dentro de novos moldes, obviamente, mais adaptados ao novo contexto econômico-social.

² O termo recebeu respeitabilidade intelectual em 1977 através da publicação do livro: “A condição pós-moderna”, resultado de um relatório sobre o conhecimento contemporâneo, elaborado a pedido do governo de Quebec. Com ele, após um uso desordenado, abrangente e impreciso, o conceito Pós-Modernidade adquiria “cidadania” intelectual (BENEDETTI, 2003).

³ Presente na reflexão de filósofos e sociólogos como: Heidegger (1976); Gadamer (1973); Lévinas (1985); Foucault (1979); Derrida (1987); Baudrillard (1984); Perniola (1983); Vattimo (1989); Jameson (1996) e; Lasch (1990).

São relativamente conhecidas as dificuldades de apreensão do contemporâneo (pós-modernidade⁵). Afirmar-se com frequência que só se pode obter e aproveitar o conhecimento sobre coisas de alguma maneira acabadas e encerradas. Por isso, a reivindicação de que se conhece o contemporâneo é vista muitas vezes como uma espécie de violência conceitual, uma fixação das energias fluidas e informes do agora urgente, mas tenazmente presente numa forma apreensível e exprimível, através de atos fundamentais e irrevogáveis de seleção crítica. Essa formulação baseia-se num sentido da separação inerente entre experiência e conhecimento, uma crença de que, quando experimentamos a vida, só podemos compreendê-la parcialmente e de que, quando tentamos compreender a vida, deixamos de experimentá-la de fato. De acordo com esse modelo, o ato de conhecer está sempre condenado a chegar tarde demais à cena da experiência.

Segundo Eagleton (1998), a palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico. Pós-modernidade⁶ é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos da explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo no tocante à objetividade da verdade, da história e das normas, às idiossincrasias e à coerência de identidades.

Já para Kumar (1997), tal como o pós-industrialismo e o pós-fordismo, o pós-modernismo é basicamente um “conceito de contrastes”. O significado fundamental, ou pelo menos inicial, do pós-modernismo tem de ser que não há modernismo, não há modernidade. A modernidade acabou.

⁴ Para Benedetti (2003, p.53): “Ninguém ousa definir a pós-modernidade. A tentativa de definição é, por si só, uma atitude que contraria seus cânones (se é que existem). Situa-la no espaço e no tempo segundo características marcantes é a única atitude plausível, desde que se leve em conta que o contrário do que se lhe atribui também pode (ou deve) ser aceito. É o próprio real que perde contorno, fronteira e até fundamento.” Já para Gonzalez (1995), a pós-modernidade antes que filosofia ou sistema racional, é uma experiência e um estado de ânimo. Outros só se aventuram a usar os termos Pós-Moderno e Pós-Modernidade entre aspas e como hipótese – a ser verificada – de uma descontinuidade radical entre as presentes condições socioculturais e aquelas próprias da sociedade moderna.

⁵ Para Touraine a palavra pós-modernidade é usada para denominar um conjunto mais delimitado de idéias, não possui princípio central detectável; ela associa orientações contrárias, ela parece puxada à direita e à esquerda.

⁶ Mas há quem prefira o conceito de **alta modernidade**, pois não houve realmente ruptura e a evolução de caráter científico continua seu curso. Outros utiliza **modernidade líquida**, pois a sociedade atual, como os líquidos, é marcada por uma incapacidade de manter a forma. Há também quem define de **exculturação**, ou seja, a explosão da religião do seio da cultura.

Isso não quer dizer, de acordo com Kumar, que estamos vivendo em uma era inteiramente nova, como se apressam em falar os pós-modernistas que ultrapassamos a modernidade. O “pós” de pós-modernidade é ambíguo. Pode significar o que vem depois, o movimento para um novo estado de coisas, por mais difícil que seja caracterizar esse estado tão cedo assim. Ou pode ser mais parecido com o *post* de *post-mortem*: exéquias realizadas sobre o corpo morto da modernidade, a dissecação de um cadáver. O fim da modernidade⁷ é, segundo essa opinião, a ocasião de refletir sobre a experiência da modernidade; a pós-modernidade é esse estado de reflexão. Neste caso, não há uma percepção necessária de um novo começo, mas apenas um senso algo melancólico de fim.

Já para Teixeira (2005), por trás do prefixo **pós** encontra-se a instabilidade gnosiológica, insuficiente para dar nome ao real. Quando se fala de **pós**, frequentemente é um pré que se tem em mente. O termo pós ainda é um modo que a nossa sociedade utiliza para persuadir que há um **depois**, ou seja, um **futuro**. Por outro lado, a **pós**-modernidade representa uma diferença. Tal diferença aparece no **pós** que acompanha a palavra “**moderno**”: o **pós** é a diferença no tocante ao moderno. Não há muita importância se com aquele **pós** se entenda um **super** – um **anti**-moderno. Decisivo é o fato que evidenciada a diferença, o pós-moderno sustenta que também o moderno é uma figura, portanto, uma condição, e que a passagem do moderno ao **pós**-moderno é a passagem de uma condição a uma outra condição. Com esta declaração, o pós-moderno cumpre duas operações: *mostra a sua interpretação do moderno*⁸, e *junto mede a própria distância deste, dito em outras palavras, se despede do moderno*.

Félix Torres (1984, p. 110), entende o fenômeno pós-moderno, antes de qualquer coisa, como um *sintoma*, pela sua aparição e pelas suas posições. Em Lyotard (1989), verificamos que pós-moderno indica simplesmente um estado de alma, ou melhor, um estado de espírito.

⁷ “Modernismo” e “modernidade” são dois termos às vezes usados um pelo outro, mas que ocasionalmente recebem significados diferentes. Seguiremos aqui o segundo curso. Entendemos por “modernidade” uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno. “Modernismo” é um movimento cultural que surgiu no ocidente em fins do século XIX e, para complicar ainda mais a questão, constituiu, em alguns aspectos, uma reação crítica à modernidade. Os dois termos, mesmo nesses sentidos distintos, estão com certeza ligados e nem sempre é possível ser inteiramente coerente mantendo-os separados (o mesmo se aplica ainda mais aos termos paralelos “pós-modernidade” e “pós-modernismo”). Isso acontece em parte porque não há consenso sobre seus significados.

⁸ Moderno vem da palavra latina *modo*, que significa “exatamente agora”, “recentemente”, “há pouco”. O moderno, historicamente, está sempre em conflito com o que vem imediatamente antes e em conflito consigo próprio, tornando-se, dessa perspectiva, inevitavelmente pós-algo. Mas o traço cracterístico do que se entende por moderno é, desde o século XIX, o “novo”. Vive-se sob o imperativo de que “é preciso ser moderno, sob pena de se tornar *démodé*”.

Para Smith (2002), a modernidade não pode ser separada da pós-modernidade. O contexto deve indicar se emprego a palavra modernidade para referir-me ao período que precedeu à pós-modernidade.

Segundo Texeira (2005) quando diz que o debate pós-moderno nos mostra que a mudança cultural é complexa, traumática, múltipla. Não se presta nem ao indolente monismo continuista, nem à lógica binária da revolução, nem à teologia trinitária da dialética. A pós-modernidade, assim como a modernidade ou o Renascimento, carece de um propósito, de uma meta definida, de uma alternativa. E, neste sentido, é preferível falar de estratégias pós-modernas: dispersão de ataques múltiplos e diversos que não estão ligados nem a uma mesma sensibilidade nem a uma mesma ideologia.

O termo pós-modernidade, adotado neste trabalho, alude a período histórico específico⁹, surgiu pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 1930. É uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação.

A palavra pós-modernidade, de acordo com Hans Küng (1999), não é uma palavra mágica que explica tudo nem um termo chocante ou polêmico, mas um conceito heurístico. Uma palavra “de busca”, característica de uma época, que começou há décadas, mas que só agora está se fixando na consciência geral das massas.

Neste sentido, Oliveira (2003) adverte que:

A realidade nunca nos é dada independentemente de nossos esquemas conceituais, os quais se articulam linguisticamente; isto é, nosso relacionamento com o real é sempre mediado pela linguagem: é no seio da linguagem que os sujeitos têm acesso ao mundo, de tal modo que a exigência básica de um pensamento que superou a ingenuidade é uma crítica da linguagem que possa estabelecer os limites do sentido. A tarefa é então explicar as condições linguísticas de todo conhecimento e de toda ação. Os pós-modernos se baseiam, sobretudo, na segunda fase dessa reviravolta analítica do pensar, que se caracteriza por uma crítica radical ao ideal de uma linguagem única e universal.

⁹ As obras que colocam problemas de demarcação, são: *Against Postmodernism* (1989), de Alex Callinicos, faz uma análise mais detalhada do *background* político do pós-moderno. *Condição Pós-Moderna* (1990), de David Harvey, oferece uma teoria bem mais completa de suas pressuposições econômicas. *As ilusões do pós-modernismo* (1998), de Terry Eagleton, aborda o impacto de sua difusão ideológica. *As origens da pós-modernidade* (1999), Perry Anderson, faz um relato histórico das origens da noção do pós-moderno – Como surgiu? Quem cunhou o termo? Por que seu sentido mudou ao longo do século? Idêntica de forma precisa as diversas fontes do pós-moderno em seus respectivos cenários espacial, político e intelectual.

Pós-modernidade é um conceito que apresenta dificuldades para ser tratado. De forma mais ampla, tem se caracterizado pelas discussões em torno das mudanças estéticas, sociais e tecnológicas que vêm ocorrendo desde a segunda metade do século XX, frente a estas transformações. Alguns abertamente proclamam um novo período (LYOTARD, 1979; JAMESON, 1996), outros dizem que o que vivemos é um acirramento das consequências da modernidade, sendo que estaríamos, então, na modernidade tardia (GIDDENS, 1991).

Os que defendem essa terminologia enumeram as características fundamentais do clima intelectual da pós-modernidade:

- Desconfiança profunda diante de qualquer tipo de formação de consenso (e de sua identificação com o conceito de metafísica);
- Preferência pelas diferenciações e mudanças do sistema;
- Dúvida fundamentada na teoria da linguagem e na pretensão de universalidade do espírito;
- Um certo retorno ao vitalismo dos desejos em recusa às injunções de um superego vinculado ao sistema.

Enfim, não há unanimidade sobre a pós-modernidade. Para as finalidades deste trabalho, o importante é apontar os temas em torno dos quais se discutem esses aspectos, independentemente dos autores defenderem ou não a existência de um período pós-moderno.

Smith (2002), faz uma pergunta nesse sentido: “Quem está certo sobre a realidade: os tradicionalistas, os modernistas ou os pós-modernos?” E prossegue: “onde e quando quer que as pessoas vivam, elas se defrontam com três problemas inevitáveis”: 1) Como conseguir alimento e abrigo de seu ambiente natural (o problema posto pela natureza)? 2) Como se relacionar com os outros (o problema social)? 3) E como relacionar-se com o esquema geral das coisas (o problema religioso)? E nos faz uma advertência: “se a terceira questão parece menos importante que as duas primeiras, precisamos lembrar que os artefatos religiosos são as mais antigas descobertas arqueológicas”.

Consideram-se que estamos vivendo em uma sociedade pós-moderna, em que o sujeito desta é, relativamente, diferente do “*sujeito do Iluminismo*”¹⁰ e do “*sujeito sociológico*”¹¹. Para Stuart Hall (2005), esse “*sujeito pós-moderno*” é fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, ou não-resolvidas, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É nessa concepção que gostaríamos de estudar a noção de pós-modernidade.

Feitas as considerações iniciais, constata-se que a Religião era vista na modernidade e como, na chamada pós-modernidade, vai passar a ser concebida pelos teóricos, sociólogos e teólogos. Além disso, estuda-se o fenômeno neopentecostal e suas possíveis estratégias mercadológicas no campo religioso.

É dito pelos sociólogos e teólogos que a religião foi confrontada com as revoluções da Era Moderna. Na verdade, a idade moderna que, no sentido estrito, já havia começado um século e meio antes da Revolução Francesa – apresentou uma nova fé na razão do homem, que agora é quem decide em todas as questões da verdade. Com isso, todas as autoridades tradicionais – seja Aristóteles ou a escolástica, seja o Papa – entram em crise: uma crise de legitimação. Essa modernidade racional se anuncia já no século XII.

A revolução da moderna filosofia, ciência, tecnologia e indústria se completa na revolução democrática de estado e sociedade. E que significado tem esse desenvolvimento moderno para a teologia? Para Küng (2004), a teologia ficou na defensiva; tanto a teologia católico-romana quanto a reformada já bem cedo caíram na defensiva. Ou seja, para o paradigma da modernidade, valeriam:

- Em lugar da revelação cristã, que se tornou histórica, insiste-se agora na religião natural originalmente dada.

¹⁰ O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de: razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo; – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do seu eu era a identidade de uma pessoa.

¹¹ Sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – à cultura – dos mundos que ele habitava. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado em diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

- Em lugar da religião como confissão, é propagada agora a tolerância em relação a todas as confissões e também às religiões.
- Em lugar do apelo à Reforma, ressoa agora o apelo ao iluminismo.

Como é apresentado por Mondin (1997), a religião foi objeto de crítica em todas as épocas da história e em todas as civilizações. Mas desde o início da época moderna, na maioria dos casos as críticas não eram dirigidas à religião em si mesma, mas a certas deformações e abusos: eram críticas politeístas, antropomórficas e de superstição.

A crítica que investe diretamente contra a religião em si mesma e investiga sua natureza, suas funções, seu valor, de acordo com Mondin, aparece só na época moderna; é uma expressão típica da modernidade.

Mas quanto mais a modernidade avança, mais se evidencia também sua própria relatividade. Se muita coisa negativa aconteceu em nome de Deus, muita coisa negativa acontece também em nome da razão, do progresso e da nação.

Conforme Martelli (1995) coloca, a modernidade não conseguiu resolver o problema da necessidade de transcendência, à qual a religião satisfaz, que brota de três características fundamentais da existência humana: a contingência, a impotência e a penúria (e consequentemente do sofrimento, da frustração e da privação que brotam, quando se verificam tais situações).

Como sintetiza Küng (2004), mostrando a dupla face da modernidade:

- Cada vez mais pessoas se beneficiam hoje da moderna liberdade e bem-estar. Mas cada vez mais pessoas deixam de alcançar o correspondente progresso nas questões da moral e do etos.
- Cada vez mais pessoas se encontram envolvidas em um sistema financeiro e econômico que opera globalmente. Mas são cada vez mais aquelas que exigem uma melhor justiça distributiva e preocupação com os que são prejudicados pela globalização.
- Cada vez mais pessoas participam dos frutos de uma tecnologia de grande eficiência. Mas são cada vez mais numerosas aquelas que desejam um maior controle, desejam humanização em lugar de racionalização.

- Cada vez mais pessoas aprovam a democracia, que aos poucos vai se impondo também fora da Europa e da América do Norte. Mas são também cada vez mais numerosas aquelas que não veem ainda uma paz nem uma nova ordem do mundo. Na verdade, cada vez mais as torres avançam em direção ao céu, e cada vez menos o céu é encontrado na terra.

Segundo Martelli (1995), a Religião é insubstituível e torna-se plausível não somente sob o ponto de vista do minimalismo, isto é, por causa dos limites evidentes e dos insucessos que *Welfare State* (*estado de bem estar social*), tecnologia e política encontram na busca de seus próprios escopos, mas também sob o ponto de vista qualitativo, isto é, em referência à desvalorização que qualquer resposta social encontra diante das crescentes e inexauríveis questões sociais. Trata-se de uma circularidade paradoxal entre satisfação das necessidades humanas e surgimento de necessidades em nível mais alto, que confirma no plano empírico a tese antropológica de que as necessidades humanas não têm limite, ou seja, de que o ser humano tem capacidade para transcender qualquer objetivo conseguido e qualquer limite.

De acordo com os teóricos da pós-modernidade, o nosso mundo se encontra em transição para uma nova época, para um paradigma pós-moderno. Este não possui ainda uma concepção teórica apurada como o período colonialista, o pós-imperialista; o pós-capitalista; o pós-sociedade; o pós-ideológico e o pós-confessional.

Autores como Jean-Francois Lyotard, Anthony Giddens, Fredric Jameson e Jean Baudrillard (CONNOR, 1993; TASCHNER, 1999) têm se destacado nestas discussões. Lyotard (1989) procura compreender as formas como o individuo integra sua identidade num mundo pós-tradicional, Jameson (1996) relaciona a pós-modernidade ao terceiro estágio de desenvolvimento do capitalismo e Baudrillard (1991) investiga a natureza ontológica da realidade engendrada pelas mídias eletrônicas e pela telemática.

De todas estas discussões, destaco três eixos importantes para a pesquisa proposta: a) metanarrativa; b) subjetividade e c) realidade virtual.

Os dois primeiros eixos terão por base as ideias de Lyotard (1989) e Giddens (1991). Destes eixos podemos retirar uma série de valores relacionados que, no âmbito da teologia no Brasil (neopentecostalismo, mais especificamente na Igreja Universal do Reino de Deus –

IURD), se manifestam através de algumas questões debatidas, sentidas e vividas atualmente em seu interior.

É importante assinalar que o presente trabalho utiliza o discurso relativo à pós-modernidade como uma forma de teorizar sobre as transformações mais recentes da cultura contemporânea e suas possíveis influências. Em momento algum existe a pretensão de dar alguma resolução para este complexo tema.

A relação entre religião e pós-modernidade é complexa. Alguns autores apontam a dificuldade que o discurso teológico tem de ligar-se ao programa do fim das metanarrativas (JUNKER-KENNY, 1999; DETEWESLER, 1995). Outros, entretanto, entendem que a pós-modernidade traz novas possibilidades para a expressão religiosa, devido ao fato de incorporar em seu discurso a dimensão da irracionalidade, da sensibilidade e do sublime (RUBIO, 1999; TRACY, 1994; ORANTOS, 1998).

Ao mesmo tempo a perspectiva pós-moderna afeta o discurso religioso em sua pretensão de portador de verdade transcendente. Para Baudrillard (1991), este processo se dá por meio da simulação, resultando no esvaziamento de categorias como as de Deus e Juízo Final, que ficam impossibilitadas de comunicar, como anteriormente o faziam, o que é o certo e o errado, o verdadeiro e o falso.

Com o processo de secularização, a esfera religiosa deixa de ocupar seu lugar como instância de legitimação e explicação dos acontecimentos. Assim, a religião é levada a redimir seu lugar na ordem social contemporânea, como afirma Aquino (1999). A questão que se apresenta hoje à religião é ocupar um lugar relevante na vida social.

Para Beyer (1994, p.400):

Da mesma forma como a ciência, a economia ou sistema de saúde, a religião deve proporcionar um serviço que não só apoie e fortaleça a fé religiosa dos seus adeptos, mas possa também impor-se pelo fato de ter implicações de longo alcance fora do âmbito estritamente religioso.

Giddens (1991), comparando a religião com os sistemas abstratos nas sociedades contemporâneas, afirma que a confiança em sistemas abstratos contribui para a confiabilidade da segurança cotidiana, mas por sua própria natureza não pode fornecer nem a mutualidade, nem a intimidade que as relações de confiança pessoal oferecem. A este respeito, as religiões tradicionais são completamente diferentes dos sistemas abstratos modernos, porque suas figuras

personalizadas permitem uma transferência direta da confiança individual com grandes elementos de mutualidade.

Lyotard (1993) observa que a religião poderia se tornar uma narrativa credível na situação de pós-modernidade, pois muitos pensam que chegou o momento da religião. Faz-se valer que o mito é o gênero originário, que o pensamento da origem aí se revela no seu paradoxo originário, e é preciso erguer as ruínas em que o pós pensamento racional, demitologizante e positivista cada vez mais serão relativizados.

Hans Küng (1991) considera o diálogo entre diferentes grupos sociais (políticos, cientistas, empresários) e religiões um pressuposto para o estabelecimento de uma ética planetária, compartilhada e universal na pós-modernidade. A centralidade do diálogo pode ser vista nas diretrizes programáticas propostas por Küng na esfera religiosa para o milênio: a) impossível à convivência humana sem uma ética planetária entre as nações; b) impossível à paz entre as nações sem uma paz entre as religiões; c) impossível à paz entre religiões sem diálogo de religiões.

Em suma, para alguns autores, se há uma coisa que caracteriza a modernidade, essa é a perda da fé na transcendência, numa realidade que abrange e ultrapassa nossos problemas cotidianos.

Como já colocamos anteriormente, o difícil conceito de pós-modernidade para os autores que tomamos com referencial teórico pressupõe uma perspectiva de descontinuidade e de rompimento das fronteiras anteriormente delimitadas. Como bem coloca Campos (1997, p. 46): “o ser humano estaria vivendo um processo social de atomização, tornando-se mais individualista, desprovido de historicidade, voltando-se para si mesmo, na busca de referências para viver diário”. Nessa circunstância, valoriza-se o lúdico, enfatiza-se o irracionalismo, e descrê-se da modernidade e de tudo que a caracteriza. Para o indivíduo ou ator social, pouco lhe interessa o passado e o futuro, pois a sua ênfase privilegia o presente.

Para Campos (1997) e outros, a pós-modernidade tem sido apresentada como uma das causas do surgimento dos novos movimentos religiosos no Ocidente¹². Com isso, ele analisa que o neopentecostalismo passa uma visão mais integralizadora, à qual se atribui a qualidade de ser “holística”; em contraste com a visão de um cenário cultural ocidental, racionalista e científico,

¹² Para um maior aprofundamento da questão ver G.K. Nelson (1987).

no qual predominou a influência de Newton e Descartes na produção de uma visão analítica e desagregadora da vida.

Campos lista quatro principais características dessas transformações culturais e religiosas que ajudam a lançar algumas luzes sobre o neopentecostalismo da IURD:

1. Valorização da energia e da potencialidade do homem individual, interligado com as forças vivas do cosmo e do universo. Na IURD, a entrega da vida ao poder do Espírito Santo é vista como uma reintegração do ser humano no próprio centro da natureza.
2. Globalização do sentimento religioso, com predomínio dos padrões universais sobre os particulares. A IURD é uma igreja que aspira à universalização de seu discurso. O termo “universal” em seu nome não é, portanto, um mero acaso.
3. Localização do transcendente dentro das pessoas, com o retorno da idéia de que o sagrado não pode ser atingido exclusivamente por meio das mediações religiosas tradicionais, mas também através de formas extra-sensoriais e de recursos como meditação, concentração, exercícios físicos, florais de Bach, pirâmides e outros procedimentos mais. Quanto à existência de fragmentos divinos no interior do ser humano, a IURD assimilou essa característica da nova situação cultural, e desenvolveu suas próprias técnicas de provocar êxtases e despertar nas pessoas um sentimento de busca interior da divindade.
4. Rompimento do monopólio ocidental e cristão sobre as expressões religiosas, trazendo inclusive profundas implicações para o ecumenismo. Enfraquece-se a rígida separação entre “fé cristã” e “paganismo”, implicado, segundo alguns, em uma “hinduinização”, “maometinização” ou “budinização” do cristianismo. No caso da Igreja Universal, tem havido uma certa “umbandinização” de sua visão de mundo e discurso.

Campos (1997) também constata no seu trabalho de pesquisa que é possível estabelecer alguma ligação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a *New Age* no contexto da mediação da cultura pós-moderna. Por exemplo, a filosofia da Nova Era ressalta alguns pontos também presentes nas pregações da Igreja Universal, que são:

- A vida material é uma manifestação de um Espírito eterno, uma energia que interliga todos e tudo sob a sua influência e se manifesta por meio de objetos. O *locus* privilegiado para a morada dessa força é o interior de cada um.
- Os seres humanos são de dupla natureza, a material e a espiritual. Os males vêm de fora e produzem em um EU inferior, por isso eles devem ser exorcizados pela força do EU superior – Jesus Cristo representado fisicamente pelo Pastor-exorcista.
- O mundo se encaminha para um novo período no qual as contradições serão superadas. Para uns é a “nova era”, para a IURD o “reino de Deus”.
- A ascensão social e a prosperidade estão intrinsecamente ligadas à espiritualidade. O ponto de ligação entre a prosperidade e a vida espiritual se dá por intermédio da manutenção de um pensamento positivo.
- O sofrimento é estranho à lógica da vida e deve ser evitado, até porque não há valor pedagógico algum na doença, no mal-estar, na pobreza e na dor.

2.2 Visão Pós-moderna da Religião

Antes de falar da relação entre a religião e pós-modernidade, apresentaremos, de forma preliminar, o que vem a ser religião. Para isso recorreremos ao Dicionário da Língua Portuguesa Larousse, ele define religião (lat. *Religio, religionis*) como: “Conjunto determinado de crenças, de dogmas que definem a relação do homem com o sagrado. Conjunto de práticas e ritos específicos, próprios a cada uma dessas crenças. Instituição social caracterizada pela existência de uma comunidade de indivíduos unidos pela mesma crença religiosa. Crença, devoção, piedade. Vida religiosa.”

Apesar de existirem centenas de definições diferentes, neste trabalho vamos nos ater a uma das melhores e mais aceitas, que é a do documento de Niniam Smart O significante na religião e o significado da religião (1969):

Conjunto de rituais adotados por uma tradição que expressam e evocam sentimentos em relação ao divino, ou ao foco transdivino, vistos no

contexto de comportamento fenomenológico humano e, em última instância, parcialmente descrito em mitos ou em mitos e doutrinas.

Outra definição útil é a de Rodney Stark (1989): “Qualquer padrão socialmente organizado de crenças e práticas sobre o significado último, que admite a existência do sobrenatural.”

De acordo com Paden (2001), estamos acostumados a pensar a religião a partir da perspectiva de determinada cultura ou tradição, como o cristianismo ou a ciência; no entanto, um estudo geral de interpretações da religião não pode pressupor as questões internas de qualquer posição religiosa ou anti-religiosa isoladamente.

Se alguém acha que religião é uma questão social, este será o aspecto para o qual seu olhar será atraído; ou se acha que a religião é o espírito de caridade ou de devoção a Deus, essas percepções lhe criarão outras categorias de dados (PADEN, 2001).

O termo religião foi utilizado de modos bem diferentes ao longo da história ocidental. A palavra vem do latim *religio*, que nos tempos dos romanos significava algo como “observância sagrada” ou “piedade”. O cristianismo se apropriou do termo e viu sua própria devoção como a verdadeira forma de *religio*, mas as discussões cristãs internas sobre o conceito chegaram ao auge durante a Reforma.

Os usos populares das palavras **religião** tendem a ser carregados de julgamento positivo ou negativo, segundo Paden (2001). Para o homem mediano, ainda significa sua própria religião – ou a que ele abjurou. Assim, religião é: “ir à igreja”; “crer no Alcorão”; “rezar um terço”; “amar o próximo”; “um estilo de vida”; “exposição social”; “ganância”; “fanatismo”; “lavagem cerebral”; “uma muleta emocional”; “a devoção ao verdadeiro Deus”.

Para Paden (2001), a religião aparece como moralidade, mas também como êxtase; como devoção, mas também como iluminação; como convivência harmônica com a Terra, mas também como redenção de um mundo pecaminoso. Enfim generalizar “o que é” religião já é suficientemente difícil, levando em conta apenas o estudo histórico transcultural, sem considerar as questões de julgamento de valor filosófico ou religioso quanto ao que “deveria” ser.

2.3 Inserção da IURD no novo Cenário da Religiosidade Brasileira: estratégias e afinidades com o mercado

Nesse cenário, surge, de acordo com Mariano (2003), a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, no bairro da Abolição, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, num local onde funcionava uma pequena funerária. A IURD rapidamente se transformou no maior e mais surpreendente fenômeno religioso das duas últimas décadas no Brasil.

Segundo Mariano (2003), esse fenômeno não se desenvolveu num vácuo social. O contexto sócio-econômico, cultural, político e religioso no qual a Universal surgiu e prosperou lhe foi relativamente favorável. Basta atentar, no decorrer desse período, para:

- 1) A agudização das crises social e econômica brasileiras;
- 2) O elevado aumento do desemprego;
- 3) O recrudescimento da violência e da criminalidade;
- 4) A “destraditionalização” e a modernização sociocultural;
- 5) A vigência de plena liberdade religiosa e de um mercado religioso pluralista;
- 6) A baixa regulação estatal da religião;
- 7) O enfraquecimento religioso, a secularização e o declínio numérico da Igreja Católica;
- 8) A larga e contínua expansão pentecostal em todo o território brasileiro desde a década de 1950;
- 9) A extensa difusão dos meios de comunicação de massa e a relativa facilidade de acesso a eles;
- 10) A ampla aceitação pelos extratos populares da oferta de crenças e práticas religiosas (sobretudo as de origem e tradição cristãs) de cunho mágico, terapêutico e taumatúrgico.

É consenso entre os teóricos e especialistas que estudam as transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, que, aliás, são profundas e que precisam ser melhor estudadas e analisadas, assinalar que a sociedade de produtores vem gradualmente se transformando em uma sociedade de consumidores. Alguns têm classificado tal sociedade de

moderna¹³, outros de pós-moderna¹⁴, contudo, independente da classificação, todos são unânimes em afirmar tais mudanças.

Para Bauman (2008), nessa nova organização social, os indivíduos se tornam ao mesmo tempo promotores de mercadorias e transmudam-se também nas próprias mercadorias que promovem - e todos habitam o espaço social que costumamos descrever como “o mercado”.

Nesse sentido Rossi (2002) diz que o mercado aparece como uma entidade supra-humana que consegue realizar aquilo que nenhum esforço humano poderia conseguir. O mercado apareceria como um espaço natural e providencial, que promete satisfazer tudo quanto é considerado direito inalienável na busca da realização humana. Existem vários conceitos de mercado¹⁵. Em Assman e Hinkelammert (1989, p. 275) encontramos o conceito de mercado total como meio e instrumento para chegar a uma nova utopia da sociedade. Para ele, “o mercado total, em sua representação do automatismo de mercado, é, como tal, utópico no sentido de uma *‘societas perfecta’* e de instituição perfeita”. Isso é reforçado pela tese dos neoliberais que apresentam relações do sistema de mercado como o único horizonte de liberdade possível. Conforme Polanyi (1980, p. 47), “o liberalismo econômico evoluiu para uma fé verdadeira na salvação secular do homem através de um mercado auto-regulável”; e acrescenta: “o credo liberal só assumiu um fervor evangélico em resposta às necessidades de uma economia de mercado plenamente desenvolvida”. Fazendo as devidas ponderações, observaremos que a linguagem usada sobre o mercado contém certo incitamento a saltos transcendentais. Consequentemente, entre as razões existentes, a sacralização e a transcendentalização do mercado são razões que possibilitam o surgimento do messianismo neoliberal (ROSSI, 2002).

E Rossi ainda salienta que o “capitalismo de mercado” se apresenta como uma tábua de salvação para a humanidade. Somente ele e mais ninguém seria capaz de superar todos os limites que são inerentes ao ser humano. O progresso prometido pelo sistema de mercado apresenta-se como o único caminho que levará a humanidade aos portões do paraíso.

¹³ Entendemos por “modernidade” uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno. Mas há quem prefira o conceito de **alta modernidade**, pois não houve realmente ruptura e a evolução de caráter científico continua seu curso. Outros utilizam **modernidade líquida**, pois a sociedade atual, como os líquidos, é marcada por uma incapacidade de manter a forma. Há também quem a defina por **exculturação**, ou seja, a expulsão da religião do seio da cultura.

¹⁴ Presente na reflexão de filósofos e sociólogos como: Heidegger (1976); Gadamer (1973); Lévinas (1985); Foucault (1979); Derrida (1987); Baudrillard (1984); Perniola (1983); Vattimo (1989); Lyotard, (1989); Jameson (1996) e; Lasch (1990).

¹⁵ É o local ou contexto no qual compradores e vendedores comprem e vendem bens, serviços e recursos. Temos um mercado para cada bem, serviço ou recurso comprado e vendido no sistema econômico.

Em suma, possivelmente seria essa a estrada da religião econômica defendida pela “teologia da prosperidade” e advogada pelo capitalismo de mercado, conforme a análise de Jung Mo Sung (1994, p. 204-205):

Só com essa transcendentalização é que se pode prometer acumulação ilimitada e a satisfação não só de todos os nossos desejos atuais, mas de todos os desejos ainda por vir. O mercado sacralizado é o fundamento da promessa de emancipação da humanidade pelo progresso no sistema de mercado. Isso significa que essas transcendentalizações das outras categorias e instituições econômicas têm a peculiaridade de ser a última transcendentalização, isto é, a transcendentalização que faz do mercado o Absoluto.

2.4 Ética Weberiana e Ética Iurdiana

Recorrendo ao texto clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber vai constatar que o ascetismo cristão tinha outra postura com relação às coisas terrenas (mundo).

Weber (2008, p. 121) assinala no último parágrafo do capítulo IV p 121:

O ascetismo cristão, que de início se retirara do mundo para a solidão, já tinha regrado o mundo ao qual renunciara a partir do mosteiro e por meio da Igreja. Mas, no geral, tinha deixado intacto o caráter naturalmente espontâneo da vida laica no mundo. Agora avançava para o mercado da vida, fechando atrás de si a porta do mosteiro; tentou penetrar justamente naquela rotina de vida laica, embora não para e nem deste mundo.

Ao longo de todo o livro, Weber (2008) procura comprovar essa tese, que em síntese seria o seguinte:

- Desde o cristianismo primitivo apocalíptico (quando achavam que o fim estava próximo), mas principalmente nos tempos medievais, apartar-se da sociedade para viver como eremita era a maneira mais eficaz de não cair em tentações e, portanto, de se santificar.
- As comunidades monásticas medievais foram os centros de excelências da sistematização filosófica e das experimentações tecnológicas vitais a toda a sociedade. A igreja, desde que se tornou a religião oficial do Império Romano, tornou-se por séculos a instituição culturalmente hegemônica do Ocidente.
- Apesar de sua influência psicossociológica na sociedade, estabelecendo normas e padrões morais, o ascetismo cristão não interferia diretamente nas questões da vida diária das pessoas.
- O ascetismo cristão se colocou no âmago do “mercado”, mas acresce a expressão “da vida”, deixando claro que está falando de algo tido como mundano (onde as pessoas também têm um preço, tal como as mercadorias).

O ascetismo cristão é o agente dinâmico em sua relação com o mercado da vida, ao que parece transformando-o intrinsecamente, ao contrário do que dizia Karl Marx no *Manifesto Comunista*, no qual o sentimento religioso e o halo de tudo o que se faz sagrado são violados pela ação do capitalismo.

De acordo com Sant' Anna (2008), na *Ética Protestante* Weber traça detalhadamente o tipo ideal de conduta religiosa que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento qualitativo do capitalismo. Trata-se do ascetismo intramundano vivenciado pelos seguidores do protestantismo: calvinismo, pietismo, metodismo e batistas.

Mesquita (2003, p. 15) faz uma diferenciação entre a ética calvinista e a ética dos pentecostais, da seguinte forma:

A conduta dos pentecostais acerca da Teologia da Prosperidade e seu ideal de “riqueza/abundância” aponta para um outro caminho, muito diferente das análises de Weber (1996), sobre o protestante calvinista que considerava o trabalho um fim. Este autor mostrou que a conduta ascética diante do trabalho fornecia uma sistematização da vida moral e social. O êxito no trabalho constituía o sintoma mais seguro de se agradar a Deus. O ganho capitalista era visto como um dos mais importantes indícios de que a bênção divina tinha sido derramada sobre fiel. O lucro e a propriedade, entretanto, não são um fim em si mesmo, são manifestações de predestinação.

Um estudioso do tema, Antonio Gouvêa Mendonça (1997, p. 165), relaciona os traços principais que distinguem o neopentecostalismo: característica empresariais de prestação de serviços ou oferta de bens religiosos mediante recompensa pecuniária, com modernos sistemas de marketing; distanciamento da Bíblia, que é usada de forma esporádica e sem nenhum rigor hermenêutico ou exegético; a inexistência de comunidade, já que a relação é mais entre “empresa” e “cliente”; culto fortemente caracterizado pelo anseio de obter os favores que “o sagrado” oferece; e, finalmente, o que Mendonça denomina de “intenso ambiente de magia”. Em sua opinião, o neopentecostalismo difere tanto do pentecostalismo clássico que nem sequer deveria ser vinculado nem ao pentecostalismo nem ao cristianismo protestante.

O neopentecostalismo perdeu dois elementos fundamentais desses dois ramos: do pentecostalismo clássico praticamente perdeu a segunda bênção (o batismo com o Espírito Santo); e do protestantismo, a Bíblia. No lugar desses elementos entraram aspectos mágicos, com o instrumental herdado das religiões correspondentes ao imaginário social, como novenas, bênção da água que se torna milagrosa (água benta), azeite, flores, chaves etc. (MENDONÇA, 1997, p. 165).

Em suma, o ascetismo intramundano praticado pelos puritanos, engendrou, segundo Weber, o espírito do capitalismo, produzindo empresários, trabalhadores e idéias para a consolidação de uma nova ordem social, que integrou, como nenhuma outra, um número excepcional de pessoas sintonizadas entre si para canalizar esforços produtivos na economia, conforme a orientação política preestabelecida.

No caso da igreja no Brasil, observaremos uma nova ética através do fenômeno neopentecostal¹⁶, tendo como melhor representante a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, por intermédio de seu fundador e líder, o Bispo Edir Macedo (1992, p. 118), que afirma:

Vivemos em um clima criado pela pregação protestante de Lutero e do reavivalista Wesley e agora temos de abandonar a pregação meramente carismática, que está na moda, pela ‘pregação integral’. Isto significa que, ‘acima de tudo o mais’, Jesus Cristo liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo e seus anjos.

De acordo com essas palavras, observa-se uma difusão de uma nova maneira de ler e interpretar a Bíblia, ou seja, uma nova teologia, a chamada “Teologia da Prosperidade”. Com a Teologia da Prosperidade, a IURD introduz no cenário religioso brasileiro, segundo Rodrigues (2003), princípios fundamentais em sua escatologia e teologia que a descaracterizam em relação às igrejas do campo do pentecostalismo e a afastam profundamente do espectro das igrejas reformadas, causando uma ruptura e não apenas uma mudança no pentecostalismo clássico¹⁷.

A IURD revela sua localização escatológica, reconfigurando a ascese intramundana adaptada às metamorfoses sócio-históricas que se desencadearam no final do século XX e início do século XXI. Para Rodrigues (2003), a IURD (re)introduz, a partir da sua escatologia, um

¹⁶ O neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos 1970. Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.

¹⁷ O pentecostalismo clássico abrange as igrejas pioneiras: Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus. A Congregação Cristã foi fundada por um italiano, em 1910, na capital paulista, e a Assembléia de Deus, por dois suecos, em Belém do Pará, em 1911. O segundo grupo de igrejas implantado no Brasil, que não obteve nomenclatura consensual na literatura acadêmica, começou na década de 1950, quando dois missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel* criaram, em São Paulo, a Cruzada Nacional de Evangelização. Por meio dela, iniciaram o evangelismo focado na pregação da cura divina, que atraiu multidões às concentrações evangelísticas na capital paulista e acelerou a expansão do pentecostalismo brasileiro. Em 1953, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular no Estado de São Paulo. No rastro de suas atividades de evangelização, surgiram Brasil Para Cristo (1955, SP), Deus é Amor (1962, SP) e Casa da Bênção (1964, MG).

discurso baseado na batalha *espiritual*, na confissão positiva e na teologia da prosperidade. Imprime, assim, na cena religiosa brasileira, um novo paradigma de análise sobre o sagrado e a religiosidade, bem como suscita inúmeras possibilidades para a vivência do converso diante do mundo, por intermédio das concepções baseadas em sua escatologia e na teologia da prosperidade.

Esta nova postura escatológica da IURD possibilita também diálogo do campo religioso representado pela Teologia da Prosperidade com o ideário que diviniza o mercado e que legitima a ética de consumo. A partir desta, a teologia iurdiana (re)constrói e (re)configura um *ethos* que evoca uma maior fruição, usufruto de bens produzidos e oferecidos em uma sociedade alicerçada na ética para o consumo, a fim de que o fiel possa obter e fruir os diferentes bens produzidos e em circulação na sociedade capitalista.

Porém existe uma relativa diferença no tocante ao conceito de ascese intramundana da IURD e o paradigma ético-racional analisado por Weber. Ou seja, a ética (ascese intramundana) do calvinista é diferente da ética iurdiana. A ética calvinista centralizava sua ação no trabalho, na austeridade, previdência e sobriedade quanto ao consumo, estimulando a poupança. Já a iurdiana, através da Teologia da Prosperidade, estabelece prioritariamente uma ética de fruição de bens não apenas simbólicos, religiosos, mas sobretudo materiais. Em suma, este discurso iurdiano¹⁸, em sua maior parte, é preterido por uma ética para o consumo e é relativamente norteado pelos apelos do mercado.

Como é mostrado nas palavras do Bispo Edir Macedo (1999), reforçando esse discurso:

É claro que a vontade de Deus é que seus filhos sejam abençoados e prósperos. Não bastassem as Palavra de Jesus, quando disse que veio para que tivéssemos vida e vida com abundância, podemos dar uma olhada na cidade que está sendo preparada para nós, uma cidade toda feita em metais e pedras preciosas, com água e alimentos em abundância, onde gozarão de perfeita saúde na presença de Deus e nunca mais verão tristezas nem morte.

(...) Verdadeiramente um pai rico só poderia ter filhos ricos. Se você amigo leitor, não está vivendo como um abundante filho de Deus, é porque ou está afastado das origens de sua verdadeira família, ou não quer se apossar da herança; entretanto, se você quer a verdadeira vida que Deus lhe tem preparada comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido (FOLHA UNIVERSAL, 1999, p. 35-36).

¹⁸ lança um novo paradigma no Brasil, ou seja, um novo paradigma da fé: ao invés da afirmação de que Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará (a crença no advento), os iurdianos declaram que Cristo salva, cura, batiza e liberta.

Partindo do discurso do Bispo Edir Macedo, percebemos que no interior das representações religiosas causas imaginárias substituem causas reais. Ou, pelo menos, as causas reais tornam-se os feitos das causas imaginárias, transcendentais e personificadas.

Conforme afirma Berger (1985, p. 102):

A ‘receita’ fundamental da legitimação religiosa e a transformação de produtos humanos em facticidades supra-humanas ou não-humanas, o mundo feito pelo homem é explicado em termos que negam sua produção pelo homem. (...) O *nomos* humano torna-se um cosmos divino, ou, pelo menos, uma realidade cujos significados são derivados de fora da esfera humana. Sem chegarmos ao extremo de simplesmente igualar religião e alienação, afirmariamos que o papel histórico da religião nas tarefas humanas de construção e manutenção do mundo é em grande parte devido ao poder de alienação inerente à religião. (...) Quaisquer que sejam os méritos ‘últimos’ das explicações religiosas sobre o universo em geral, sua tendência empírica tem sido a de falsificar a consciência do homem acerca da parte do universo modelada por sua própria atividade, a saber, o mundo sociocultural. Essa falsificação também pode ser descrita como mistificação. O mundo sociocultural, que é um edifício de significados humanos, é coberto por mistérios tidos por não-humanos em suas origens. Tudo o que o homem produz pode ser compreendido, pelo menos potencialmente, em termos humanos. O véu da mistificação colocado pela religião impede essa compreensão. As expressões objetivadas do humano tornam-se símbolos obscuros do divino. E essa alienação tem poder sobre os homens precisamente porque ela os protege dos terrores da anomia. A religião mistifica as instituições explicando-a como dados acima e além de sua existência empírica na história de uma sociedade.

Com base na reflexão de Berger (1985), podemos concluir que a Teologia da Prosperidade propalada pela IURD realiza este processo de mistificação na medida em que obscurece a percepção dos elementos criadores da realidade social, atribuindo-os facticidades supra-humanas ou não-humanas. Desta forma, a solução dos problemas inerentes à realidade só podem ser resolvidos de forma ritual, religiosa, pois a mudança na realidade social só se opera na medida em que haja mudança no mundo espiritual, o que justifica, então, a prática de exorcismos, que atualmente está sendo pouco divulgada, bem como todos os ritos visando à prosperidade da pessoa, o que envolve sempre a prática da contribuição financeira para a igreja.

De acordo com Silva (2000), o mercado é apresentado como uma realidade dada, como algo bom. É preciso usufruir de todas as *benesses* que o mesmo possa oferecer. Todavia o diabo atua neste mercado. Ele rouba as bênçãos do crente. Logo é necessário lutar contra o diabo, vencê-lo, para que a realidade econômica seja alterada e o crente seja abençoado, próspero. O mercado é, portanto, relativamente legitimado pela Teologia da Prosperidade. Isso se configura somente em caminhos religiosos para a prosperidade, para o enriquecimento, na medida em que desloca as causas reais da pobreza, tomando-as como resultado da ação de demônios. Assim

sendo, o caminho para o sucesso econômico está em Deus, que abençoa o crente, afastando de sua rota os demônios que o impedem de prosperar, desfazendo feitiços, mau olhados e toda a sorte de pragas, fazendo com que a porta da prosperidade se abra diante de seus olhos.

3 INDIVIDUALISMO, MARKETING E CONSUMO DA FÉ

3.1 Individualismo e seus Discursos na Prática Litúrgica da IURD

Em 2008 quando o sociólogo francês Michel Maffesoli¹⁹, em visita ao Brasil; na ocasião do Congresso Internacional de Antropologia e do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário, realizado em Recife no período de 7 a 10 de outubro de 2008, onde foram discutidos temas sobre: o processo de envolvimento/desenvolvimento do planeta e suas conseqüências nas áreas de economia, meio ambiente, educação, saúde, arquitetura, religião, sociologia, política e antropologia. Foi perguntado a respeito da pós-modernidade e individualismo. Em sua fala, ele destacou que a pós-modernidade trouxe novos valores de um modo geral, como por exemplo: a imaginação; o culto do corpo; a mestiçagem em suas diversas formas; como também a valorização do “eu individual” em detrimento do “nós coletivo”. Ele falou também que os historiadores do século 19 mostraram que a identidade foi a marca essencial da modernidade. No seu livro: “O tempo das tribos”, ele destaca que o indivíduo exercia a função dentro do quadro social, que a pessoa tem múltiplos papéis dentro dos “pactos sociais”.

Com o avanço crescente das inovações tecnológicas que vêm se consolidando ao longo do tempo, isso vem provocando profundas mudanças nas sociedades ditas modernas, transformando as relações sociais e reestruturação no mercado de trabalho, trazendo consigo impactos consideráveis; impacto nas economias nos países do ocidente, onde a modernidade está mais consolidada.

Zygmunt Bauman (2008), em seu livro: “A sociedade individualizada – vidas contadas e histórias vividas”, traz essa discussão citando Emmanuel Levinas, comentando a pergunta quando Deus perguntou a Caim onde estava Abel, Caim replicou, zangado, com outra pergunta: “Sou por

¹⁹ Sociólogo, escritor e professor francês Michel Maffesoli é dos pensadores mais importantes da atualidade. Editor da revista *Sociétés*, Maffesoli estuda fenômenos como as raves, Internet e o dualismo entre o bem e mal, que ele interpreta no livro “A parte do Diabo” como um sendo complemento do outro. Nomes como Gilbert Durand, Edgar Morin, Félix Guattari e Gilles Deleuze, que surgiram com a pós-modernidade influenciaram suas obras, que são focadas principalmente no Cotidiano. Sobre o Brasil, o sociólogo considera “um laboratório de pós-modernismo”, especialmente quando se trata de política, onde diz que o povo exige um governo “populista”, no sentido de ser voltado para o “povo” e não no sentido pejorativo. Maffesoli é professor na Sorbonne - Paris V e diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ), onde jovens investigadores observam os fenômenos da sociedade pós-moderna. A maioria dos seus livros (*Entre o Bem e o Mal*, *O eterno Instante*, *A violência Totalitária*, *O elogio da razão Sensível*, *A sombra de Dionísio*, *O conhecimento do Quotidiano*, *A parte do diabo*) está publicada no Brasil.

acaso o guardião do meu irmão?” Para Levinas essa pergunta zangada de Caim começou toda a imoralidade.

Nas palavras de Bauman (2008, p. 96):

É claro que sou o guardião do meu irmão; e sou e permaneço uma pessoa moral enquanto não pergunto por um razão especial para sê-lo. Quer eu admita, quer, não, sou o guardião do meu irmão porque o bem-estar do meu irmão depende do que eu faço ou do que me abstenho de fazer. E sou uma pessoa moral porque reconheço essa dependência e aceito a responsabilidade que ela implica. No momento em que questiono essa dependência, e preço, como fez Caim, que me dêem razões para que eu me preocupe, renuncio à minha responsabilidade e deixo de ser um ser moral. A dependência de meu irmão é o que me faz um ser ético. A dependência e a ética estão juntas, e juntas elas caem.

Como citei anteriormente, no início deste capítulo, esse veredicto de Levinas não é novidade. Simplesmente reitera, em termos de algum modo diferentes, o que foi, por milênios, no núcleo dos ensinamentos judaico-cristãos, nutrindo e fazendo avançar nossa compreensão comum da humanidade e do ser civilizado. O que Levinas disse transformou a necessidade do outro, assim como a responsabilidade de satisfazer essa necessidade, na pedra fundamental da moralidade, segundo Bauman (2008, p. 97): “e a aceitação dessa responsabilidade se tornou o ato de nascimento da pessoa moral”.

Mas se o veredicto de Levinas não é novidade, então o escárnio e o desprezo pela dependência e o estigma associados a ela são; talvez até a mais profunda e radical das novidades com que a civilização judaico-cristã já se confrontou em sua longa história, e visto também pelos teólogos que há uma relativa ausência e até um certo escárnio e desprezo por parte de algumas comunidade dita cristã. Isso se tornar estranho à prática cristã. Até porque encontramos na Bíblia que toda revelação se dirige a um grupo. O evangelho nos leva à vida comunitária.

Conforme Jürgen Moltmann (2003, p.383) diz:

O “Cristianismo” tem a sua essência e o seu fim não em si mesmo e na própria existência, mas vive de alguma coisa, e existe para alguma coisa, que alcança muito além dele. Se se quer compreender o mistério de sua existência e de suas formas de comportamento, necessário se faz interrogar sobre sua *missão*. Se se quer descobrir sua essência, é preciso interrogar sobre o *futuro* em que ele coloca suas esperanças e expectativas. E se o Cristianismo se tornou inseguro e sem orientação em meio às novas relações sociais, é preciso perguntar, mais uma vez, sobre a razão por que existe e o fim para onde caminha.

De acordo com Bauman (2008), a obra de Norbert Elias: “A sociedade dos indivíduos”, alcançou o âmago do problema que tem perseguido a teoria social desde seu começo.

Ele resume nos seguintes termos (2008, p. 62):

Elias substituiu o “eu” e o “versus” pelo “de”; e ao fazer isso ele deslocou o discurso do imaginário de duas forças presas em uma batalha mortal, mas interminável, entre a liberdade e a dominação, para aquele de uma “concepção recíproca”: a sociedade moldando a individualidade de seus membros e os indivíduos formando a sociedade a partir de suas ações, enquanto perseguem estratégias plausíveis e exequíveis dentro da rede socialmente tecida de suas dependências.

Para Bauman (2008), dispor os membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. A sociedade moderna existe em sua atividade de “individualizar” assim com as atividades dos indivíduos consistem na remodelação e renegociação, dia a dia, da rede de seus sócios fica parado por muito tempo. E que o significado da “individualização” continua mudando e sempre assume novas formas. A “individualização” agora significa algo muito diferente do que significou 100 anos atrás e do transmitia nos primeiros tempos da era moderna.

Em seguida Bauman chama atenção sobre essa tendência da individualização (2008, p. 64):

Não nos enganemos: agora, como antes, a individualização é um destino, não uma escolha: na terra da liberdade individual de escolha, a opção de escapar à individualização e de se negar a participar no jogo individualizante não faz parte, de maneira alguma, da agenda. O fato de homens e mulheres não terem ninguém para culpar por suas frustrações e problemas não mais do que no passado, que eles possam se proteger contra a frustração usando suas próprias utilidades domésticas, ou furta-se dos problemas.

E prossegui no seu argumento:

Se ficam doentes, é porque não foram resolutos e engenhosos o bastante ao seguirem o regime de saúde. Se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem num entrevista, porque não tentaram com afinco o porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras e se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender como deveriam as artes da auto-expressão e de impressionar os outros. É isso que lhes é dito, e o que eles chegaram a acreditar, de modo que se comportam “como se” essa fosse de fato a verdade sobre a questão. Como Beck coloca de maneira perspicaz e pungente, a forma como se vive se torna uma solução biográfica, para as contradições sistemas. Os riscos e as contradições continuam sendo produzidos socialmente; são apenas o dever e a necessidade de lidar com eles que estão sendo individualizados.

Em suma, Bauman resume (2008, p. 65):

Existe uma lacuna crescente entre a individualidade como destino e a individualidade como capacidade prática para a auto-afirmação (“individuação” foi para escolhida por Beck para distinguir o indivíduo auto-sustentado e auto-impulsionado de um simples indivíduo “individualizado”, isto é, um ser humano que não tem outra escolha a não ser atuar como se a individuação tivesse sido atingida); e saltar esta lacuna não é parte daquela capacidade.

A crença na ideologia modernista trouxeram vários avanços em diversas áreas nas ciências (Física, Mecânica, Computação, Medicina), provocando profundas mudanças e relativa melhorias para a humanidade em geral; mas, por outro lado provocaram um hiato entre a humanidade. Que são:

- Ao mesmo tempo em que, através das máquinas se produz um número cada vez maior de alimentos, o homem não tem alimentos para sua sobrevivência.
- Ao mesmo tempo em que, através do avanço na tecnologia da informação quebram-se as barreiras da distância entre as nações, por intermédio de um microcomputador e uma rede mundial de comunicação, onde as pessoas se comunicam de forma *on-line*, há também um grande número de pessoas que não tem esse acesso etc.

Enfim, a modernidade trouxe todos esses “avanços”, mais não deu soluções a grandes questões como: Desemprego; Depressão; Solidão; Fome; Racismo; Desequilíbrio Ecológico etc. Como também não deu resposta que vai de contra a necessidade de transcendência, à qual a Religião satisfaz, e que brota de três características fundamentais da existência humana: a contingência, a impotência e a penúria.

Os críticos da modernidade falam que há um limite natural da ciência, a ciência não pode fazer o papel de Deus. E que Deus é Deus e, Ciência é Ciência. O mito grego de Ícaro (que queria voar), ilustra esta pretensão da ciência de querer resolver tudo.

Os críticos da modernidade falam que há um limite natural da ciência, a ciência não pode fazer o papel de Deus. E que Deus é Deus e, Ciência é Ciência. O mito grego de Ícaro (que queria voar), ilustra esta pretensão da ciência de querer resolver tudo.

De acordo com Alain Touraine (1994), a crise da modernidade se dá em duas etapas: 1) o esgotamento do movimento inicial de liberação e; 2) e a perda de sentido de uma cultura que se sentia enclausurada na técnica e na ação instrumental.

O autor conclui dizendo que, essas duas etapas conduziram a uma terceira etapa:

- Considerada mais radical porque colocava em questão, não só as carências da modernidade, mas seus próprios objetivos. Ou seja, o desaparecimento dos fundamentos metassociais da moral ocasionaram o triunfo da moral social, do utilitarismo e do funcionalismo (Ex: “é bom o que é útil à sociedade; sejamos cada um de nós bons cidadãos, trabalhadores, pais ou filhos/as).

Para Alain Touraine, a decomposição da modernidade se dá através de quatro fragmentos:

1. A reação antimoderna mais profunda é aquela que resiste com toda força ao voluntarismo dos poderes modernizadores;
2. Não se pode reduzir a uma antropologia do desejo a economia de **consumo**, pois esta é indissociável da racionalização industrial. A economia protomoderna, que era uma economia de produção, era dominada pelo espírito científico e técnico; a economia definida pela produção e o consumo de massa é dominada pelo **mercado** e pelo **marketing**;
3. No campo da produção é a idéia de **organização** que ocupa o lugar central;
4. As lutas sociais se misturam constantemente com as lutas nacionais. A nação se separa da razão e a independência conquista cada vez mais a prioridade sobre a modernidade.

Segundo Touraine (1994, p. 111-112) a modernidade trouxe uma explosão sobre esses principais temas:

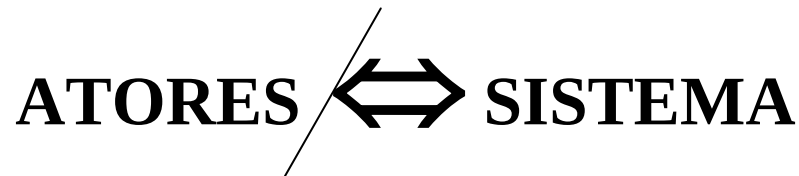
• SEXUALIDADE	
• CONSUMO _	- há consumação, destruição;
• EMPRESA _	- na política das empresas, o lucro ou poder tendem a esmagar a função de produção;
• NAÇÃO _	- e os nacionalismos, como todos os diferencialismo, trazem consigo a guerra.

Mas cada uma desses elementos traz consigo também uma reivindicação da modernidade:

a) A independência da nação é a condição de desenvolvimento econômico; b) A sexualidade coloca em questão normas que visam a integração social e a reprodução cultural; c) O consumo acarreta a produção das grandes empresas e permite a satisfação de demandas cada vez mais variadas.

Também a modernidade provocou uma ruptura entre ATORES e SISTEMA.

RUPTURA



Para Touraine (1994), a sociedade moderna está dominada pela ruptura desta correspondência entre o SISTEMA e os ATORES. De um lado, o poder se concentra e grupos limitados controlam o fluxo do dinheiro, da influência e da informação. O que ele chama de integração social pode ser reinterpretado como o controle exercido por esses centros poder sobre atores sociais cada vez mais manipulados.

Vimos que a idéia de modernidade descreve esta decomposição da imagem clássica da sociedade, que vai da idéia de uma era pós-social ou pós-histórica.

Na verdade, o espírito da modernidade permanece de forma reinterpretada; ou seja, na pós-modernidade, concordando com o referido autor, o SUJEITO se coloca por oposição à lógica do SISTEMA. O sujeito e o sistema não são universos separados, mas movimentos sociais antagônicos, atores sociais e políticos que se enfrentam, mesmo quando as demandas do SUJEITO não são tomadas em consideração, fazem crer a muitos que eles não são senão os agentes da racionalidade econômica, até mesmo servidores do público:

- A sociedade não pode mais ser definida como um conjunto de instituições (Durkheim) ou como o “efeito de uma vontade soberana”;
- Ela não é a criação da história, nem de um Príncipe;

- Ela é um campo de conflitos de negociações e de mediações entre a racionalização e a subjetivação, que são as duas faces complementares e opostas da modernidade.

De acordo com Touraine (1994), a crise da modernidade, que para alguns se manifestou como uma ruptura com a secularização e a confiança na razão, não é antes, a entrada em uma modernidade mais completa que rompeu todas amarras que a prendiam ainda à margem da ordem natural, divina ou histórica, das coisas? Durante a época da modernidade limitada, o homem se julgou **deus**, ele embriagou-se com o seu poder e se aprisionou em uma jaula de ferro que foi menos a das técnicas que a do poder absoluto de um despotismo que se queria modernizador e que se tornou totalitário.

A modernidade realizada não julga mais as condutas segundo sua conformidade à lei divina ou por sua utilidade social; ela não tem outro objetivo que a FELICIDADE, sentimento que faz o indivíduo ser um sujeito e ser reconhecido como capaz de ações sociais visando acrescentar liberdade e criatividade à sua consciência.

A modernidade não mais se satisfaz com o espírito de conquista nem com seu ascetismo, ela é contraditória com a nostalgia do equilíbrio da comunidade e da *homogeneidade*. Ela é ao mesmo tempo liberdade e trabalho, comunidade e individualidade, ordem e movimento. Ela reúne o que estava separado e luta contra as ameaças de ruptura que tendem, mais perigosamente que nunca, a separar o mundo das técnicas do mundo das identidades.

Concordando com Touraine, podemos concluir que a RAZÃO e o SUJEITO podem realmente tornar-se estranhos ou hostis um ao outro, podem também unir-se através do movimento social, na busca da transformação da defesa pessoal e cultural do SUJEITO em ação coletiva dirigida contra o poder que submete a razão aos seus interesses. Desta forma se encontra reanimado um espaço social que parecia esvaziado de todo o seu conteúdo, entre uma economia mundializada e uma cultura privatizada.

Esse impacto é observado, conforme Bauman (2008) mencionando artigo de Pierre Bourdieu: *Le précarité est aujourd'hui partout*. Segundo Bauman o título diz tudo: a precariedade- instabilidade, é uma característica amplamente disseminada das condições de vida contemporâneas.

Ele prossegue dizendo (2008, pp. 195-196):

O fenômeno que tenta agarrar é a experiência combinada de insegurança de posição, titularidade e sustento, de incerteza quanto à continuação e à estabilidade futura, e uma falta de segurança do próprio corpo, do próprio ser e de suas extensões – possessões, vizinhança, comunidade.

A tendência a esquecer o passado, a não se preocupar com o presente e a temer o futuro eram desaprovadas por Sêneca, que as considerava falhas pessoais de seus contemporâneos; mas podemos dizer que hoje, em nossa experiência como humanos, o passado não conta muito, pois não oferece fundamentos seguros para uma perspectiva de vida, não se cuida de maneira adequada do presente porque ele está virtualmente fora de controle e existem boas razões para temer que o futuro reserve mais surpresas desagradáveis, sofrimentos atribulações. Em nossos dias, a precariedade não é uma questão de escolha, é o destino.

Em fim, como Bauman (1998, p.26), sintetiza com propriedade:

A modernidade viveu num estado de permanente guerra à tradição, legitimada pelo anseio de coletivizar o destino humano num plano mais alto e novo, que substituísse a velha ordem remanescente, já esfalfada, por uma nova e melhor. Ela devia, portanto, purificar-se daqueles que ameaçavam voltar sua intrínseca irreverência contra os seus próprios princípios. Uma das mais inquietantes ‘impurezas’ na versão moderna da pureza era os *revolucionários*, que o espírito moderno tinha tudo para gerar: os revolucionários eram, afinal, nada mais do que entusiastas da modernidade, os mais fiéis entre os crentes da moderna revelação, ansiosos por extrair da mensagem as lições da moderna revelação, ansiosos por extrair da mensagem as lições mais radicais e estender o esforço de colocar em ordem podia sustentar. A pós-modernidade, por outro lado, vive num estado de permanente pressão para se despojar de toda interferência coletiva no destino individual, para desregular e privatizar. Tende, pois, a fortalecer-se contra aqueles que – seguindo suas intrínsecas tendências ao descompromisso, à estratégia, ao estender sua implementação ao descompromisso, à indiferença e livre competição – ameaçam exhibir o potencial suicida da estratégia, ao estender sua implementação ao último grau da lógica. A mais odiosa impureza da versão pós-moderna da pureza não são os revolucionários, mas aqueles que ou desrespeitam a lei, ou fazem a lei com suas próprias mãos – assaltantes, gatunos, ladrões de carro e furtadores de loja, assim como seus *alter egos* – os grupos de punição sumária e os terroristas. Novamente, eles não são mais do que entusiastas da pós-modernidade, aprendizes vorazes e dovotos crentes da revelação pós-moderna, ávidos por levar as receitas de vida sugeridas por aquela lição até sua conclusão radical.

3.2 O Indivíduo e sua Identidade na Pós-modernidade

3.2.1 A antropologia cultural

A antropologia Cultural constata que toda sociedade corresponde uma consciência e, que é a chave para qualquer pessoa que se aventure a compreender melhor a nossa

contemporaneidade. Ela diz que as coisas que pensamos de nós mesmos e do mundo à nossa volta, os ideais que desenvolvemos e pelos quais lutamos, as regras morais, as estruturas de explicação e interpretação de fatos e fenômenos da natureza, os sistemas de compreensão de fatos e fenômenos sociais, tudo isso que define o termo *consciência*, são adquiridos e “trabalhados” em sociedade.

Desta forma, temos uma necessidade “antropológica” de compreender nosso mundo, para poder viver nele (*nomos*). Para compreendê-lo, precisamos descrevê-lo, nomeá-lo. Ocorre que esse é um fenômeno basicamente social. Isso se dá e se constrói com outras pessoas.

É preciso que outros compartilhem conosco nossa percepção do estímulo da cor azul, para que percebamos que toda vez que olhamos para céu, vemos o azul, e que o azul está fora de nós, é realidade sensível, independente da minha mente. Então, cunhamos a palavra “azul”, para descrever a sensação visual, legamos essa experiência pronta aos nossos filhos. Ao absorverem nossa linguagem, absorvem com ela um enorme bagagem de cultura já pronta. É dessa forma que se pode pensar que somos produtos da cultura e formadores de cultura (GEERTZ, 1978).

Por isso, existe uma necessidade de construir socialmente nossa própria realidade, por meio da nossa ação sobre o mundo, leva-nos a buscar os outros. Para isso, pela compreensão da nossa identidade como sujeito social que somos. E no momento em que estamos vivendo é relativamente difícil definir a identidade desse sujeito.

Fala-se com relativa frequência em crise de identidade no momento atual. Que crise seria esta? Há de fato uma crise de identidade? A identidade é estática? O que vem a ser identidade? Qual a relação entre identidade e cultura? Qual a necessidade de definir uma identidade? Quais mudanças que ocorrerão nas relações sociais? Que sujeito é esse na contemporaneidade? Como a religião responde essas questões de identidade?

São estas questões que pretendemos responder. Para tal propósito recorremos a alguns textos que consideramos mais relevantes para teorização do tema.

3.2.2 Identidade e a religiosidade

A palavra identidade²⁰ vem da raiz latina *idem* (*identitas*, *identitatem*) que implica igualdade e continuidade, essa palavra tem uma longa história filosófica que examina a

²⁰ DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX. Editado por William Outhwaite e Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (KEN PLUMMER)

permanência em meio à diversidade, mas o período moderno está estreitamente ligado à ascensão do individualismo, e considera-se que sua análise tem início com os textos de John Locke e David Hume. É só no século XX, porém, que ela entra em uso popular, desde os anos 50, na América do Norte.

Com a chamada Sociedade de Massa documentava-se a crescente perda de significado e a posterior busca de identidade²¹; e, durante esse período, a palavra tornou-se amplamente utilizada em descrições dessa busca de determinar “quem a pessoa realmente é”. Tratando inicialmente das crises enfrentadas por negros, judeus minorias religiosas, ela foi, em última análise, generalizada para o todo da sociedade moderna.

Nas ciências sociais, as discussões sobre identidade assumem duas formas mais importantes, a psicodinâmica (Teoria de Sigmund Freud sobre a identificação) e a sociológica. Foi, porém, o psichistoriador Erik Erikson quem mais desenvolveu a idéia. Ele viu a identidade como “um processo ‘localizado’ no cerne de sua cultura comunal, um processo que estabelece, na verdade, a identidade dessas duas identidades.” Ele desenvolveu a expressão “crise de identidade” durante a Segunda Guerra Mundial com pacientes que haviam “perdido o senso de igualdade pessoal e de continuidade histórica”.

Na tradição sociológica da teoria de identidade está ligada ao interacionismo simbólico e surge a partir da teoria pragmática do eu discutida por William James (1892 e George Herbert Mead (1934). Para James, a identidade se revela quando podemos dizer: “Este é o verdadeiro eu!” O eu é uma capacidade caracteristicamente humana que permite às pessoas ponderar de forma reflexiva sobre sua natureza e sobre o mundo social através da comunicação e da linguagem.

Nas obras de Erving Goffman e Peter Berger, a identidade é evidentemente encarada como “socialmente outorgada, socialmente sustentada e socialmente transformada”. As pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem. Em suma, tanto a abordagem sociológica quanto a abordagem psicodinâmica visam ligar o mundo interior com o exterior, mas suas ênfases diferem.

Para Hauke Brunkhorst²², quando falamos de "crise" em relação a sujeitos, a uma vida ou uma forma de vida, a um sistema ou uma "esfera" de ação. As crises decidem se uma coisa

²¹ Segundo Adolpho Hoirisch, o princípio lógico da identidade é geralmente assim enunciado: “o que é, o que não, não é”.

²² Ver DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX.

perdura ou não. O caso paradigmático de crise é a crise de vida, na qual, se levada ao extremo, está se tratando de uma questão de vida ou morte. Em toda crise os envolvidos confrontam-se com a questão hamletiana: ser ou não ser. As crises em geral têm causas objetivas, mas também poder ser vivenciadas como crises pelos sujeitos ou entidades sociais envolvidos. Elas também sempre afetam a autocompreensão e a autodefinição de agentes, sistemas ou esferas, uma vez que sempre afetam sua "identidade", isto é, uma vida ou situação de vida como um todo.

Para Castells (2006), identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. Nas palavras de Calhoun (1994, p. 9-10 apud CASTELLS, 2006):

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida ... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros.

O entendimento de Castells por identidade, diz respeito a atores sociais se dá pelo processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjuntos de papéis. Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, freqüentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade.

Para Castells, a importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação (GIDDENS, 1991 apud CASTELLS, 2006, p. 23). Sabendo que, as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização.

Já consenso do ponto de vista sociológico que, toda e qualquer identidade é construída. Agora, a principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece.

Sabemos que, a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

Para Castells (2006), quem constrói a identidade coletiva, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorrem em um contexto marcado por relações de poder. Para isso, ele faz uma distinção entre três formas e origens de construção de identidade:

1. **Identidade legitimadora:** introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação, e se a aplica a diversas teorias do nacionalismo.
2. **Identidade de resistência:** criada por atores que se encontram em posições ou condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios deferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.
3. **Identidade de projeto:** quando os atores sociais, utilizando-se qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos

agentes sociais, segundo Cuche (2002). A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Para Cuhe (2002), esta concepção de identidade como manifestação relacional à obra pioneira de Frederik Barth (1969).

Como foi dito pelos teóricos, a identidade é construída socialmente, para entender melhor como se deu essa tal fala crise de identidade ao longo do tempo, destacamos os principais fatos e condicionantes estabelecidos na história mais recente. Para isso, será preciso primeiro, enfrentar a difícil tarefa de entender que momento é esse em que estamos vivendo. Como ou o que levou a essas transformações em que estamos vivendo atualmente? Portanto, é descrito pelos formuladores que estamos vivendo em uma época que é difícil definir e, que ainda não é consenso com relação ao nome dado, ou seja, se é modernidade ou pós-modernidade.

Enfim, finalizo este texto concordando com Denys Cuche (2002), quando diz que a análise identidade não pode se contentar com uma abordagem sincrônica e deve ser feita também em um plano diacrônico.

Logo, não existe identidade cultural em si mesma, definível de uma vez por todas, diz Cuche (2002). A análise científica não deve pretender achar a verdadeira definição das identidades particulares que ela estuda. A questão não é saber, por exemplo, quem são “verdadeiramente” os Corsos, mas o que significa recorrer à identificação “corsa”. Se admitirmos que a identidade é construção social, a única questão pertinente é: “Como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?”

E como relação a religião e a sociedade, observamos que, de fato, na modernidade instaurou-se uma situação de crise permanente, que o crescimento autocinético alimenta e no qual se esvaem as pretensões de autofundação da razão.

Portanto, a partir desta constatação, porém, encontramos os teóricos do “pós-moderno” previsões divergentes sobre o evoluir das relações entre Religião e sociedade. Alguns, entre os quais Danièle Hevieu-Légier, acreditam que existe um nexos entre a crise da modernidade e a persistência da Religião, esta entendida como rede de “comunidade emocionais”. Outros, como

Vattimo, insistem sobre o caráter peculiar e inédito da relação que a pós-modernidade estabelece com a Religião, esta entendida como “pietas”; outros ainda, como Lyotard, não levam em consideração a relação. Segundo ao meu ver, dever-se considerar uma quarta possibilidade, por enquanto rara entre os teóricos do pós-moderno, isto é, que a dessecularização implique a redescoberta, seletiva e interpretativa, da religião institucional, enquanto sua antimodernidade conservou uma concepção do homem a qual, na realidade, já está além da modernidade.

E finalizo com as palavras de Vattimo: *“Uma cultura secularizada não é uma cultura que simplesmente deixou para trás os conteúdos religiosos da tradição, mas que continua a vive-los como traços, modelos escondidos e distorcidos, porém profundamente presentes”*.

3.3 Estratégias da IURD na Conquista de Fiéis no Mercado Religioso Brasileiro

É consenso entre os sociólogos e antropólogos que a Igreja Universal do Reino de Deus, obedecendo à dinâmica estrutural da expansão do pentecostalismo brasileiro, foi formada a partir da dissidência de outras igrejas (ALMEIDA, 2009).

Mas, ao mesmo tempo, ela vem se destacando pela sua forma de atuação. Sua estratégia na delimitação do espaço no cenário religioso brasileiro é diferenciada, estabeleceu logo de início um inimigo a ser combatido. E esse inimigo socialmente estabelecido é as religiões de raiz africana, ou seja, cultos afro-brasileiros.

Isso ficou demonstrado através do livro de seu líder maior, Edir Macedo: “Orixás, Caboclos e Guias – deuses ou demônios?”²³.

Comparando sua atuação na história recente no Brasil, a IURD desde o início utilizou estratégias mais agressivas em relação a demais igrejas evangélicas tradicionais ou reformadas, como as igrejas pentecostais; conforme veremos a seguir na próxima seção.

²³ Trata-se de um livro escrito em 1987, dedicado “a todos os pais-de-santo e mães-de-santo de nossa pátria” e que já vendeu mais de dois milhões de exemplares. Em 1995, Edir Macedo escreveu mais um livro sobre o tema dos demônios: “O Diabo e seus Anjos”. Nele sustenta as mesmas acusações em relação ao panteão religioso afro-brasileiro.

3.3.1 Consumismo e teologia da prosperidade

Nas primeiras aulas de introdução à Economia, aprendi sobre a lei da escassez, e também que o objeto da Economia é a escassez em toda a sua extensão. Com isso, a economia procura resolver uma equação de difícil solução, isto é, produzir o máximo de bens e serviços²⁴ com os recursos escassos disponíveis para cada sociedade. E que os bens e serviços eram procurados (demandados) porque tinham uma utilidade²⁵.

Existe um grande debate em torno do conceito de necessidade humana. A maioria reconhece que é concreta, neutra e subjetiva. Nos manuais de economia, encontramos a necessidade humana como qualquer manifestação de desejo que envolva a escolha de um bem econômico capaz de contribuir para a sobrevivência ou para a realização social do indivíduo. Para Rizzieri (2006, p. 11): “ao economista interessa a existência das necessidades humanas a serem satisfeitas com bens econômicos”.

Aprendi também que nas bases de qualquer comunidade encontramos sempre a seguinte tríade de problemas econômicos: 1) O que e quanto produzir?²⁶ 2) Como produzir?²⁷ 3) Para quem produzir?²⁸

E outra pergunta veio à tona a partir do estudo da Teoria da Utilidade, ou seja: Por que as pessoas demandam mercadorias? De acordo com essa teoria, as pessoas demandam mercadoria porque seu consumo lhes traz algum tipo de prazer ou satisfação. Essa é uma condição necessária para que uma mercadoria seja demandada pelos consumidores. Não há demanda para mercadorias indesejáveis como doce de fígado com mel.

Hoje com a interdisciplinaridade entre os saberes, observamos que o ato de consumir não se restringe aos bens materiais e serviços, os bens simbólicos também são incluídos na lista dos bens. Com isso, é visto por intelectuais, acadêmicos, jornalistas e profissionais de marketing como Sociedade de Consumo. Embora, por outro lado, não haja consenso no tocante à definição;

²⁴ É tudo aquilo capaz de entender uma necessidade humana. Eles podem ser: materiais – pois podem-se atribuir-lhes características físicas de peso, forma e dimensão. Por exemplo, automóvel, barco, moto; imateriais – são os de caráter abstrato, tais como a aula ministrada, serviços religiosos (em geral todos os serviços prestados são bens imateriais)

²⁵ Por utilidade entende-se a capacidade que tem um bem de satisfazer uma necessidade humana.

²⁶ Isso significa quais produtos deverão ser produzidos (carros, café, vestuários, entre outros) e em que quantidades deverão ser colocados à disposição dos consumidores.

²⁷ Isto é, por quem serão os bens e serviços produzidos, com quais recursos e de que maneira ou processo técnico.

²⁸ Ou seja, para quem se destinará a produção (fatalmente, para os que têm renda).

outros a chamam de Sociedade da Informação, do Conhecimento, do Espetáculo, de Capitalismo Desorganizado e de Risco.

Segundo Livia Barbosa (2008), devemos fazer distinção entre sociedade e cultura porque para autores como Frederic Jameson, Zygmunt Bauman e Jean Baudrillard, entre outros, cultura do consumo ou dos consumidores é a cultura da sociedade pós-moderna, e o conjunto de questões discutidas sob esse rótulo é bastante específico.

Para esses autores, inclui a relação íntima e quase casual entre consumo, estilo de vida, reprodução social e identidade, a autonomia da esfera cultural, a estetização e comoditização da realidade, o signo como mercadoria e um conjunto de atributos negativos atribuídos ao consumo: perda de autenticidade das relações sociais, materialismo e superficialidade, entre outros.

Por outro lado, autores como Don Slater, Daniel Miller, Grant McCracken, Colin Campbell, Pierre Bourdieu e Mary Douglas, por exemplo, abordam a sociedade de consumo ou o consumo a partir de temas que não são considerados pela discussão pós-moderna, mas nem por isso são menos importantes, segundo Barbosa (2008). Esses autores investigam o consumo sob perspectivas altamente relevantes, tais como: quais as razões que levam as pessoas ao consumo de determinados tipos de bens em determinadas circunstâncias e maneiras? Qual o significado e importância do consumo como um processo que media relações e práticas sociais, as relações das pessoas com a cultura material e o impacto desta na vida social? Qual o papel da cultura material no desenvolvimento da subjetividade humana? É possível a elaboração de uma teoria sobre consumo que dê conta de todas as suas modalidades?

Segundo Featherstone (1997), os bens são usados para delimitar fronteiras entre os grupos, para criar e demarcar diferenças ou demarcar o que existe de comum entre grupos de pessoas.

Featherstone (1997, pp. 40-41), afirma:

O simbolismo é empregado conscientemente na elaboração e no imaginário ligado aos bens, no que se refere ao processo de produção e de marketing, os consumidores recorrem a associações simbólicas, quando usam os bens para construir modelos diferenciados de estilo de vida.

Nesse sentido, o trabalho de Douglas e Isherwood (1980) é particularmente importante devido justamente à ênfase sobre como os bens são usados para estabelecer os limites dos relacionamentos sociais. Argumentam eles que o gozo dos bens relaciona-se apenas em parte com o consumo físico.

Na discussão de Douglas e Isherwood (2006, pp. 249-250), as classes de consumo são definidas no tocante ao consumo de três conjuntos de bens: *a) um conjunto de gêneros de primeira necessidade (por exemplo, o alimento); b) um conjunto de tecnologia (viagens e equipamentos básicos); c) um conjunto de informações (bens da área de informação, educação, arte, atividades culturais e de lazer)*. Com isso, na escala mais baixa da estrutura social os pobres são restritos ao conjunto de gêneros de primeiras necessidades e têm mais tempo à sua disposição, mas os que se encontram no topo da classe de consumo precisam não só de um nível mais elevado de rendimentos, como também de uma competência no julgamento dos bens informacionais e dos serviços.

Em suma, para Barbosa (2008, p. 11): “esses autores investigam como o consumo se conecta com outras esferas da experiência humana e em que medida ele funciona como uma ‘janela’ para o entendimento de múltiplos processos sociais e culturais”.

De acordo com Bourdieu (2007), determinadas constelações de gosto, de preferências quanto ao consumo e práticas de estilo de vida são associadas a ocupações específicas e frações de classe, tornando possível mapear o universo do gosto e os estilos de vida com todas suas oposições estruturadas e suas distinções finamente nuançadas, que operam num ponto específico da história.

Para Campos (1996), os estudiosos têm vinculado o protestantismo ao processo de modernização do mundo ocidental. Sabemos que as questões econômicas e culturais estão relacionadas ou de alguma forma afetam a maneira de perceber a fé e a espiritualidade cristãs. Principalmente através da chamada “Teologia Prosperidade” ou Teologia das Confissões Positivas, que traz uma nova perspectiva no tocante às questões entre presente e futuro (escatologia), cujas mensagens são centradas no “aqui e agora” e no indivíduo, ou seja, “você pode”, “você consegue”, “você é filho do Rei”.

Entre os teóricos e especialistas que estudam as transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, é consenso que são profundas e precisam melhor serem estudadas; alguns as chamam de moderna²⁹, outros de pós-moderna³⁰, independente de qual corrente, é

²⁹ Entendemos por “modernidade” uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno. Mas há quem prefira o conceito de **alta modernidade**, pois não houve realmente ruptura e a evolução de caráter científico continua seu curso. Outros utilizam **modernidade líquida**, pois a sociedade atual, como os líquidos, é marcada por uma incapacidade de manter a forma. Há também quem define de **exculturação**, ou seja, a expulsão da religião do seio da cultura.

aceito por todos que as mudanças vêm ocorrendo, e que essa sociedade de produtores vem gradualmente se transformando em uma sociedade de consumidores.

Para Bauman (2008), nessa nova organização social, os indivíduos se tornam ao mesmo tempo promotores de mercadorias e também as próprias mercadorias que promovem – e todos habitam o espaço social que costumamos descrever como “o mercado”.

Nesse sentido Rossi (2002) diz que o mercado³¹ aparece como uma entidade supra-humana que consegue realizar aquilo que nenhum esforço humano poderia conseguir. O mercado aparece como um espaço natural e providencial que promete satisfazer tudo quanto é considerado direito inalienável na busca da realização humana. Fazendo as devidas ponderações, iremos observar que a linguagem usada sobre o mercado contém certo incitamento a saltos transcendentais.

Em suma, essa, possivelmente, seria a estrada da religião econômica defendida pela “teologia da prosperidade” e advogada pelo capitalismo de mercado, conforme a análise de Jung Mo Sung (1994, p. 204205): Só com essa transcendentalização é que se pode prometer acumulação ilimitada e a satisfação não só de todos os nossos desejos atuais, mas de todos os desejos ainda por vir. O mercado sacralizado é o fundamento da promessa de emancipação da humanidade pelo progresso no sistema de mercado.

Este discurso está relativamente presente nas pregações da Igreja Universal:

- a. A vida material é uma manifestação de um Espírito eterno, uma energia que interliga todos e tudo sob a sua influência e se manifesta por meio de objetos. O *locus* privilegiado para a morada dessa força é o interior de cada um.
- b. Os seres humanos são de dupla natureza, a material e a espiritual. Os males vêm de fora, por isso eles devem ser exorcizados pela força do EU superior – Jesus Cristo.
- c. O mundo se encaminha para um novo período no qual as contradições serão superadas.

³⁰ Presente na reflexão de filósofos e sociólogos como: Heidegger (1976); Gadamer (1973); Lévinas (1985); Foucault (1979); Derrida (1987); Baudrillard (1984); Perniola (1983); Vattimo (1989); Lyotard, (1989); Jameson (1996) e; Lasch (1990).

³¹ É o local ou contexto no qual compradores e vendedores comprem e vendem bens, serviços e recursos. Temos um mercado para cada bem, serviço ou recurso comprado e vendido no sistema econômico.

- d. A ascensão social e a prosperidade estão intrinsecamente ligadas à espiritualidade; isso se dá por intermédio da manutenção de um pensamento positivo.
- e. O sofrimento é estranho à lógica da vida e deve ser evitado.

3.4 Um Breve Perfil das Igrejas Evangélicas Brasileiras e Atuação da IURD

Hoje no cenário religioso o fiel cliente ha de perguntar: Qual igreja evangélica? Qual culto que vou? Vamos a igreja hoje? Ele ou ela responde: Qual? Há um leque relativamente amplo para escolher qual igreja ir. Nesse leque que varia entre o culto tradicional (igreja ligada à Reforma Protestante)³², ao culto pentecostal ou de fogo (Assembleia de Deus etc)³³ e ao culto da prosperidade (confissões positivas) com os neopentecostais (IURD, Internacional da Graça, Renascer, Mundial do Poder de Deus etc)³⁴.

Os teóricos da pós-modernidade³⁵ dizem que estamos vivendo em um momento de excesso de informações, de fragmentação do sujeito, como também de crise³⁶ das instituições

³² Movimento cristão surgido com as Reforma Protestante, realizada, no século 16, pelo teólogo alemão Martinho Lutero (1483-1546), que rompeu com a Igreja Católica. Protestantismo histórico é corrente do protestantismo que compreende as igrejas formadas a partir da Reforma, como a Luterana, a Calvinista e a Metodista.

³³ O pentecostalismo clássico abrange as igrejas pioneiras: Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus. A Congregação Cristã foi fundada por um italiano em 1910, na capital paulista, e a Assembléia de Deus, por dois suecos, em Belém do Pará, em 1911. O segundo grupo de igrejas implantado no Brasil, que não obteve nomenclatura consensual na literatura acadêmica, começou na década de 1950, quando dois missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel* criaram, em São Paulo, a Cruzada Nacional de Evangelização. Por meio dela, iniciaram o evangelismo focado na pregação da cura divina, que atraiu multidões às concentrações evangelísticas na capital paulista e acelerou a expansão do pentecostalismo brasileiro. Em 1953, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular no Estado de São Paulo. No rastro de suas atividades de evangelização, surgiram Brasil Para Cristo (1955, SP), Deus é Amor (1962, SP) e Casa da Bênção (1964, MG).

³⁴ O neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos de 1970. Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.

³⁵ O termo recebeu respeitabilidade intelectual em 1977 através da publicação do livro: “A condição pós-moderna”, resultado de um relatório sobre o conhecimento contemporâneo, elaborado a pedido do governo de Quebec. Com ele, após um uso desordenado, abrangente e impreciso, o conceito Pós-Modernidade adquiria “cidadania” intelectual (BENEDETTI, 2003).

³⁶ De acordo com Gianfranco Pasquino, no **Dicionário de Política**: Chama-se de Crise a um momento de ruptura no funcionamento de um sistema, a uma mudança qualitativa em sentido positivo ou em sentido negativo, a uma virada de improviso, algumas vezes até violenta e não prevista no módulo normal segundo o qual se desenvolvem as interações dentro do sistema em exame. As crises são habitualmente caracterizadas por três elementos. Antes de

(Estado, Escola, Igreja etc.), ou seja crescentes privatizações e individualismo. O sujeito pós-moderno³⁷ está sem referência, em crise. Procura preencher o seu vazio em qualquer coisa que de imediato venha lhe dar sentido no momento.

O fiel cliente, consumidor da fé, hoje procura as opções no “mercado religioso”³⁸ (mercado de bens simbólicos) uma igreja que se adeque ao seu perfil. Assim, como no mercado financeiro³⁹ o agente econômico⁴⁰ (cliente) procura investimento⁴¹ de acordo com o seu perfil, se for conservador (avesso a risco), procura aplicar o seu dinheiro em mercados mais seguros. O moderado (intermediário), em mercados com baixos ou relativos riscos. Já os de perfil mais arrojado ou agressivo, em mercados com retornos mais rápidos e juros mais altos, portanto, com mais risco.

tudo, pelo caráter de subaneidade e por vezes de imprevisibilidade. Em segundo lugar, pela sua duração normalmente limitada. E, finalmente, pela sua incidência no funcionamento do sistema. A compreensão de uma Crise se funda sobre a análise de três fases do estado de um sistema: a fase precedente ao momento em que se inicia a Crise, a fase da Crise propriamente dita e, por fim, a fase depois que a Crise passou e o sistema tomou um certo “módulo” de funcionamento que não se identifica mais com o que precedeu a Crise.

³⁷ É fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, ou não-resolvidas, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

³⁸ As expressões “mercado religioso” são tomadas neste artigo a partir das formulações teóricas originadas em Pierre Boudieu, Peter Berger.

³⁹ É formado por um fórum no qual fornecedores e tomadores de recursos podem fazer negócios diretamente. Enquanto empréstimos e investimentos via instituições financeiras são feitos sem o conhecimento direto dos fornecedores dos recursos (poupadores), fornecedores em mercados financeiros sabem de que lugar seus recursos estão sendo tomados emprestados ou investidos. Os dois mercados financeiros-chave são o mercado monetário e o mercado de capital. Transações através de instrumentos de dívidas a curto prazo ou títulos mobiliários são feitos no mercado monetário. Títulos mobiliários a longo prazo – títulos de dívidas e ações – são negociados no mercado de capital (GITMAN, 2001).

⁴⁰ Um agente econômico é um indivíduo, conjunto de indivíduos, instituição ou conjunto de instituições que, através das suas decisões e ações, influenciam de alguma forma a economia. A função de todos os Agentes Econômicos é fornecer e pagar bens e serviços. Os agentes econômicos são: as Famílias(que têm o objetivo de satisfazer suas necessidades) As Empresas(que têm o objetivo de maximizar seus lucros) e o Governo(que tem o objetivo de ampliar o bem-estar social). Tradicionalmente são considerados como agentes econômicos os seguintes: Família; Empresas; Estado e Exterior.

⁴¹ É a aplicação de algum tipo de recurso (dinheiro ou títulos) com a expectativa de receber algum retorno futuro superior ao aplicado compensando, inclusive, a perda de uso desse recurso durante o período de aplicação (juros ou lucros, em geral ao longo prazo). Entende-se por investimento financeiro as operações de compra e venda de títulos financeiros como letras de câmbio, ações, etc. Segue abaixo uma lista de termos relacionados a investimentos financeiros: Renda fixa; letra de câmbio; ações; CDB; swap; ouro; dólar.

O com perfil conservador procura no mercado religioso, ou mercado de bens simbólicos⁴², igreja que lhes ofereça cultos com uma liturgia mais tradicional, ligado à tradição reformada (luterana e calvinista).

Para aqueles com o perfil moderado, ou intermediário, procura no mercado, igrejas com cultos que não fiquem só preso à tradição reformada, com uma liturgia mais dinâmica, com mais fogo. Acreditam nos dons do Espírito Santo. Há ênfase na pregação do Evangelho e no ensino como também nas experiências pessoais. Nos cultos, os fiéis cantam e oram em voz alta, com os braços estendidos.

Já para o fiel cliente, com perfil mais arrojado (agressivo), procura no mercado religioso, igrejas que tem respostas mais imediatas às suas inquietações existenciais no momento; para melhorar o seu bem-estar. Para isso, ele arrisca mais, faz mais desafios. Nessas igrejas, os pastores têm um discurso mais direto, prático e claro aos seus fiéis consumidores da fé.

Segundo Oro (1997, p. 10-36), os pastores utilizam termos, expressões familiares aos fiéis, fazendo isto consciente, o uso ritualístico reiterado de objetos e símbolos que fazem parte da tradição católica (e umbandista) como sal, azeite, água, velas. Esses pastores fazem referência sem cessar a expressões comuns no meio popular. Por exemplo: “Esta pessoa está com a vida amarrada; o demônio amarrou os negócios dele; está tudo amarrado; o problema financeiro se deve a um trabalho; foi feito um trabalho de bruxaria; foi pago no cemitério, na cachoeira; o óleo santo para “fechar o corpo”; “fazer a corrente da saúde, da libertação” etc.

Enfim, com isso, a ênfase nos rituais de cura e outros visando a resolução de problemas do cotidiano, tal como ocorre nos cultos de possessão; a evocação e insistência de manifestações nos templos, como nos terreiros, dos espíritos da “macumba”; a ruptura de um tradicional modelo comunitário evangélico, exclusivo e relativamente definido, e da introdução de uma relação quase “clientelista” com os fiéis, como nos terreiros, com a conseqüente diminuição da ênfase na conversão⁴³ e o estabelecimento de fronteiras porosas que “autorizam formas de adesão mais fluídas e indiferenciadas de parte das que dela (Igreja Universal do Reino de Deus - IURD) participam e frequentam” (BIRMAN, 1996, p. 90-109).

⁴² De acordo com Pierre Bourdieu, um bem simbólico se configura quando a um objeto artístico ou cultural é atribuído valor mercantil, sendo consagrado pelas leis do mercado ao status de mercadoria. Para esses objetos é formado um grupo consumidor, bem como de produtores de bens simbólicos.

⁴³ Como sublinhou M. C. Soares (1990:85), na Igreja Universal, assim como em outras, não se fala em conversão mas em libertação. Seu objetivo primeiro não é converter e sim libertar as pessoas do jugo do demônio.

Neste mercado de bens simbólicos, os neopentecostais, principalmente, a IURD, vem ganhando destaque e mais espaço com os fiéis clientes, através da mídia televisiva e eletrônica. Ao contrário das igrejas de tradição reformada, centrou sua comunicação nas páginas impressas. Como bem coloca Campos (2008), foi graças à tecnologia desenvolvida por Gutenberg (1450) na produção da página impressa que os textos de Lutero e de Calvino ganharam a Europa.

O apego dessas igrejas à Bíblia, aos livros de Confissão de fé e aos Catecismos fez desse ramo do Cristianismo a “religião do livro”. Nela, o púlpito e a pregação da palavra, “*livrocentricamente*” orientadas, se tornariam a parte mais importante do culto protestante e o pastor seria o “ministro da palavra” e, às vezes, o “ministros dos sacramentos”.

Por causa disto, os pastores ligados a essa tradição têm um apego ao livro (Bíblia, a Confissão de Fé e os Catecismos) tornou-se necessários um maior preparo intelectual, ou seja, um clero letrado e culto.

De acordo com Campos (2008):

A comunicação privilegiava e dependia dos textos escritos, a oralidade e a visualidade operantes na missa católica, na qual a eucaristia é o centro do culto, foram substituídas pela oralidade e literalidade do culto protestante. Nele, o dever do pregador seria o de conciliar a oralidade com o texto escrito, atualizando-o e contextualizando-o ao estilo de vida do receptor da comunicação. Assim, as pequenas comunidades protestantes, perdidas na vastidão dos territórios do Novo Mundo, iriam se reproduzir e manter a sua coesão ao redor do livro.

É atribuído que dessa época tenha surgido a popular afirmação: “*Bíblia, somente a Bíblia, nada mais do que a Bíblia*”. Como também posteriormente, outra expressão: *Bíblia mãe de todas as heresias conhecidas*”.

Ao longo do tempo, surgiram duas correntes, ou tensões entre: “*a letra que mata*” e o “*espírito que vivifica*”, que tem origem no pietismo alemão, do avivalismo inglês e norte-americano, e no início do século XX, a explosão de Pentecostalismo.

Mendonça (2008) faz uma reflexão sobre a tensão entre um Protestantismo marcado pela racionalidade, de um lado, e de outro um misticismo oriundo de uma iluminação interna e emocional. Com isso vem um relativo deslocamento entre, a “religião do livro” para a “religião do coração”.

Essas igrejas de tradição reformada, de certa forma ficaram pressas ao projeto ou agenda da modernidade⁴⁴, o uso centrado na razão em sua teologia⁴⁵ (Teologia Sistemática) e conseqüentemente na sua liturgia; eliminando gradualmente elementos míticos nas suas leituras dos textos bíblicos. E desprezando quase que completamente a linguagem mítica dos sermões proferidos.

Já para as igrejas de liturgias mais moderadas, se assemelha com a chamada “religião do coração”. Existe um deslocamento mais gradual, do livro (página impressa) para os sentimentos e de experiências de renovações espirituais. A história registra, que ocorreu novas mudanças nas formas de comunicação religiosa.

Segundo Campos (2008), o cenário da comunicação protestante no Brasil, era marcado desde o início pelo “binômio literalidade x oralidade”. Mas com a chegada do fenômeno Pentecostal ao Brasil, obteve um relativo exceto, “por causa do alto índice de analfabetos e de pessoas ainda dotadas de uma cultura oral-auditiva”, segundo Schultz (1994). A oralidade e as emoções se tornaram o centro do culto pentecostal, enquanto as igrejas de tradição reformada iriam deixar para um segundo plano a ênfase na página impressa, ou seja no livro.

Para Campos (2008), essas igrejas ligada ao movimento pentecostal obtiveram uma relativa expansão pelas camadas pobres, urbanas e operárias – justamente a população mais pobre e menos escolarizada -, incorporando a oralidade, a literalidade e a visualidade nos meios de comunicação de massa. Por exemplo, na televisão estão à venda tanto livros dos teleevangelistas como também seus CDs ou DVDs.

A aquisição da Rede Record pela IURD representou o início de um processo, segundo Campos (2008) de desregulação do até então laico mercado televisivo no Brasil. A compra da

⁴⁴ Entendemos por “modernidade” uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno. Moderno vem da palavra latina *modo*, que significa “exatamente agora”, “recentemente”, “há pouco”. O moderno, historicamente, está sempre em conflito com o que vem imediatamente antes e em conflito consigo próprio, tornando-se, dessa perspectiva, inevitavelmente pós-algo. Mas o traço característico do que se entende por moderno é, nessa o século XIX, o “novo”. Vive-se sob o imperativo de que “é preciso ser moderno, sob pena de se tornar *démodé*”.

⁴⁵ Na tentativa de tornar a fé cristã mais inteligível ao mundo grego-romano, os primeiros esforços teológicos dentro de cristianismo fizeram uso da metafísica grega, produzindo um discurso de uma só voz (univocidade) e universalidade da Teologia Sistemática. Com a opção radical pela metafísica, a teologia afastou-se radicalmente do outro pólo da cultura grega, o mito, que nada mais era do que uma linguagem metafórica e que, por causa das suas imensas possibilidades de interpretação, é por natureza polissêmica, carregada de muitas vozes. A sublevação da metafísica na teologia sistemática com que ela se esquecesse de que a metáfora é por excelência a linguagem do mistério, mistério pelo qual a teologia deve existir. Para um maior aprofundamento desta discussão ver a respeito: ROCHA, Alessandro. **Teologia Sistemática no horizonte pós-moderno**: um novo lugar para a linguagem teológica. São Paulo: Editora Vida, 2007.

Record por US\$ 45 milhões, representou um novo capítulo na inserção neopentecostal na mídia televisiva brasileira⁴⁶. Um exemplo de sucesso é um dos livros de Edir Macedo de combate aos cultos afro-brasileiros que vendeu mais de três milhões de exemplares.

Não é por acaso que é uma igreja que chama atenção de muitos pesquisadores de diferentes áreas (Sociologia; Antropologia; Psicologia; Filosofia; Administração etc).

No Brasil, como afirma, Mariano (2003), a Igreja Universal transformou-se no mais surpreendente e mais considerável fenômeno religioso das duas últimas décadas, com um desenvolvimento extraordinário, contando com milhões de adeptos e se estendendo a oitenta países. Não se trata somente de um fenômeno considerável em relação ao Brasil; é um fenômeno que ajuda a compreender as novas formas do religioso no atual mundo transnacional.

A IURD seria a ilustração por excelência do fenômeno (RUTH; RODRIGUES, 1999). Ela consegue apresentar uma concepção do religioso que, imediatamente, leva em conta os problemas cotidianos de uma população maltratada pelas mutações sociais e econômicas.

Através da liturgia transmitida tanto no templo como na mídia televisiva, a IURD vem transformado esse religioso. Existe um individualismo e a uma preocupação do indivíduo consigo mesmo que atingem os rincões mais afastados do planeta. Individualismo mesclado a um medo crescente. Na falta de balizas, o ser humano de hoje se vê forçado a encontrar uma via por si mesmo. Como Bauman (2008) diz em seu mais novo livro: “não olhe para trás nem para cima, olhe para dentro de si – para o local em que estão suas próprias capacidades, sua vontade e seu poder”. Já não há grandes líderes para nos orientar nem partilhar a responsabilidade de nossos atos. Hoje os indivíduos solitários entram na ágora⁴⁷ apenas para encontrar outros indivíduos solitários. E voltam para casa com a confiança renovada em sua própria solidão.

É interessante observar, através das próprias palavras de Edir Macedo, que faz questão de frisar do distanciamento, tanto das igrejas de tradição reformada, como as igrejas ligada ao fenômeno avivalista (pentecostal), vejamos em suas palavras:

Vivemos em um clima criado pela pregação protestante de Lutero e do reavivalista Wesley e agora temos de abandonar a pregação meramente carismática, que está na moda, pela ‘pregação integral’. Isto significa que, acima de tudo o mais, Jesus Cristo liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo e seus anjos (MACEDO, 1993, p. 118).

⁴⁶ Ver a respeito bons trabalhos, como: Tavolaro (2007); Campos (1997); Mariano (1999); Fonseca (2003); Oro et alli (2003) e outros mais.

⁴⁷ Praça das antigas cidades gregas, na qual se fazia o mercado e onde se reuniam, muitas vezes, as assembléias do povo.

Em outro livro seu: *Aliança com Deus*, fala a respeito da situação de Jacó em sua reconciliação com Esaú:

Tal situação era semelhante à de Isaque, na terra dos Filisteus, e é a mesma de bilhões de pessoas em todo mundo, que são levadas ao desespero por doenças e enfermidade, fugindo do estado de miséria e fome, sem esperança no futuro e, pior, ignorantes com respeito ao Deus vivo, grande e poderoso, capaz de lhes dar gratuitamente uma vida nova e abençoada (MACEDO, 1993, p. 167-168).

Em suma, através dos relatos do seu líder maior, e dos seus liderados, essa mensagem é transmitida de forma natural nos seus cultos, sem uso de retórica e de fácil assimilação entre os fiéis clientes consumidores da fé.

Não foi à toa que o enunciado: “***Pare de sofrer***” tem um efeito direto no imaginário popular. Como bem colocou Ronaldo de Almeida, se a Igreja Universal se expandiu com sucesso no planeta com este enunciado que substitui freqüentemente seu nome – Pare de sofrer - , é porque conseguiu pôr em cena as causas perseguidoras do sofrimento. O consolo que a Igreja traz ao reunir mulheres e homens que, juntos expressam seu sofrimento é magnificamente resumido na fórmula **Pare de sofrer**.

Observando esse sucesso das igrejas neopentecostais, especialmente, a IURD. Alguns representantes das igrejas de tração reformada, acreditam que as igrejas históricas devem rever suas formas de culto e experiência religiosa, numa releitura de sua herança de fé e missão ao mesmo tempo em que afirmam que o neopentecostalismo precisa aprofundar sua leitura da Bíblia em termos de uma visão que ultrapasse uma espiritualidade centrada no individualismo que o tem caracterizado. César e Shaul (1999, p. 294) reclamam que:

Nossas igrejas históricas, com raras exceções, estão sempre se distanciando do povo, que no seu empobrecimento e exclusão, na sua desorientação e desalento, está hoje mais aberto a movimentos religiosos na sua busca pela salvação [...] nossas igrejas raramente se mostram aptas para apresentar uma mensagem atraente de salvação para um mundo sofrido, ou demonstra paixão para comunicar o que antes foi marca de sua primitiva vitalidade e crescimento.

Enfim, a IURD como nova conquistadora da fé no Brasil, está atuando no mercado religioso brasileiro com estratégias e métodos heterodoxos de arrecadação e sua atuação na

mídia. Com isso, vem se destacando como uma igreja de sucesso não só do ponto de vista eclesiástico, mas sobretudo empresarial⁴⁸.

3.5 A IURD e seus Discursos Estratégicos de Ruptura

Conforme, colocado na seção anterior a Igreja Universal, vêm ganhando destaque com relação a demais. Isso é percebido através da sua liturgia (discurso), que está baseado no tripé: 1) Batalha espiritual; 2) Cura física e 3) Teologia da Prosperidade ou Confissões Positivas.

A IURD estabeleceu um novo paradigma da fé: ao invés da afirmação de que Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará (a crença no advento de Cristo), os iurdiandos declaram que Cristo salva, cura, batiza e “liberta” (MACEDO, 1999, p. 41).

De acordo com Rodrigues (2003), o enunciado “liberta” é a significância do rompimento com os pressupostos basilares que norteiam a história e a sociologia do pentecostalismo no Brasil. A partir dessa mudança paradigmática, constrói-se a ruptura com a ênfase na volta imediata de Jesus, princípio que perpassa a escatologia da maioria das igrejas do pentecostalismo clássico, desde que aportou no Brasil no início do XX (SIEPIERSKI, 2002) e que consubstanciou, na vivência religiosa pentecostal, uma prática ascética extramundana exemplificada: 1) valorização dos sinais externos de santidade em seus usos e costumes (MARIANO, 1995), estabelecendo um distanciamento da vida política nacional; no entanto, isso, na atualidade, tem sido modificado pois, vários membros de igrejas pentecostais, como Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil, entre outras, têm participado da vida política nacional, elegendo seus representantes e interagindo na vida social do país; 2) proselitismo religioso, com a preocupação de cumprir cabalmente o imperativo bíblico do “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura, até os confins do mundo”, seja, praticar a *kerygma*⁴⁹ em sua plenitude e; 3) exercitar um vivência religiosa de guetos, que coaduna com um ascese extramundana insistindo na necessidade de não se misturar, envolver-se

⁴⁸ A Igreja Universal do Reino de Deus é proprietária de várias empresas: TV Mulher, Rede Record, 62 emissoras de rádio no Brasil, Gráfica Universal, Editora Universal Produções, Ediminas S/A, Line Records (gravadora), Uni Line (empresa de processamento de dados), Construtora Unitec, Uni Corretora (seguradora), Frame (produtora de vídeos), New Tour (agência de viagens), entre outras. Sobre as empresas de comunicação da Universal, ver Fonseca, 2003.

⁴⁹ Literalmente, “proclamação”. Refere-se à mensagem fundamental no Novo Testamento, o evangelho de Jesus Cristo (conteúdo da Palavra pregada), ou à proclamação dessa mensagem, principalmente por meio da pregação (ato de anunciar publicamente a Palavra). A base do Kerygma encontra-se na pregação do próprio Jesus (Mc 1. 14, 15), mas os teólogos em geral concentram-se mais especificamente na proclamação da igreja primitiva como testemunho sobre a pessoa e a obra de Jesus como o Cristo.

ou fruir quaisquer coisas que sejam consideradas representações do “mundo”. A IURD promove, no final dos anos 70 e dos anos 80 até os dias de hoje, juntamente com as igrejas ditas neopentecostais, uma ruptura com o quarto elo da pregação pentecostal – “cristo liberta”. Segundo Rodrigues (2003), isso permite uma reestruturação axiomática teológica, que abrirá novos caminhos para a reinterpretação das formas religiosas das formas religiosas construídas pelos neopentecostais e sua relação existencial com o mundo material e simbólico.

A mudança de paradigma teológico, na exposição da mensagem religiosa encampada pela IURD, possibilita estabelecer um “compreensão” (WEBER, apud ARON, 1997, p. 468) de que a teologia norteadora dessa Igreja formula a possibilidade de uma vivência religiosa e social assentada em um ascese intramundana, que se reconfigura por meio da mudanças sociais, econômicas e políticas do seu tempo e se permite acompanhá-las.

Tudo isso nos possibilita compreender, em grande parte, a visibilidade, a inserção social, ativa participação no debate político institucional e o notório crescimento da Igreja Universal.

A Igreja Universal se autoproclama pentecostal. No entanto, e de forma semelhante, embora com mais ênfase, a outras igrejas pentecostais, ela se coloca numa relativa situação de fronteira inter-religiosa, que é explicada de formas diferentes por vários autores, entre eles. Por exemplo, para Paul Freston, ela é a mais católica das igrejas evangélicas (FREESTON, 1993); para R. Valle e I. Satti, ela é “uma reedição urbana do catolicismo popular tradicional” (VALLE; SARTI, 1994, p. 2); para P. Sanchis, um fenômeno que além de desafiar uma tradição cultural (a da cultura católico-brasileira) sobre reencontrar algumas das suas linhas mestras (SANCHIS, 1994, p. 63)⁵⁰; para Ricardo Mariano, uma igreja que rearticula sincreticamente no seu próprio interior crenças e práticas rituais dos adversários” (MARIANO, 1995, p. 127); para Ronaldo de Almeida, uma igreja que se situa “a um meio caminho entre os evangélicos e as religiões afro-brasileiras” (ALMEIDA, 2003, p. 340); para Estevam F. de Oliveira, é a igreja mais yungiana; para Vagner G. da Silva, é um igreja “religiofágica”⁵¹; para Ronaldo de Almeida, um igreja que procedeu a uma “fagocitose religiosa”⁵²; e, enfim, para P. Birmam, uma igreja da “briocolagem” (BIRMAN, 2001). Em suma, para Silva (2007, p. 33): “Uma igreja que construiu seu repertório

⁵⁰ Sanchis recorda que “qualquer religião, ao se implantar num espaço social, adquire alguma propriedade sincrética” (SANCHIS, 1994, p. 43).

⁵¹ Literalmente, comedora de religião.

⁵² Segundo o Dicionário Aurélio, fagocitose significa a “ingestão e destruição de uma partícula sólida ou de um microorganismo por um célula”.

simbólico, suas crenças e ritualística incorporando e ressemantizando⁵³ pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários.”

3.6 A Guerra Contra as Religiões Afro-Brasileiras

Como colocado anteriormente, a inserção da IURD no cenário da religiosidade brasileira acontece através da diferenciação e distanciamento da teologia protestante reformada.

De acordo com Silva (2007), verifica-se no Brasil das últimas duas décadas um acirramento dos ataques das igrejas neopentecostais⁵⁴ contra as religiões afro-brasileiras. Esse ataque⁵⁵ é resultado de vários fatores segundo Silva (2007, p. 9 e 10) entre os quais podemos destacar: a disputa por adeptos de uma mesma origem socioeconômica, o tipo de cruzada proselitista adotada pelas igrejas neopentecostais – com grandes investimentos nos meios de comunicação de massa e o conseqüente crescimento dessas denominações, que arregimentam um número cada vez maior de “soldados de Jesus” – e, do ponto de vista do sistema simbólico, o papel que as entidades afro-brasileiras e suas práticas desempenham na estrutura ritual dessas igrejas como afirmação de uma cosmologia maniqueísta⁵⁶.

Conforme Silva (2007) coloca que, os casos de intolerância, antes apenas episódicos e sem grandes repercussões, hoje se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis para ganhar visibilidade pública, conforme atestam as freqüentes notícias de jornais que os registram em inúmeros pontos do Brasil.

⁵³ Ressemantização ocorre quando conteúdos das religiões de origem, vindas de fora, são alterados por conteúdos das localidades e dos grupos que os adota; ressemolização ocorre quando conteúdos tradicionais de um grupo adquirem nova expressão através de formas simbólicas importadas, vindas de fora (SEGATO, 1997).

⁵⁴ Embora me refira principalmente às igrejas “neopentecostais”, que constituem a fase mais recente do movimento pentecostal, podemos incluir nesse processo também algumas igrejas mais antigas, as quais, talvez por influência da mais recentes, estão adotando posições cada vez menos tolerantes em relação às religiões afro-brasileiras.

⁵⁵ O termo “ataque” está sendo usado aqui no sentido de uma investida pública de um grupo religioso contra outro. Certamente que as razões deste ataque se justificam, do ponto de vista do “atacante”, por convicções religiosas. E, desse ponto de vista, o termo é visto como sinônimo de “evangelização”, “libertação” etc. Faz parte, aliás, de um léxico “belicoso” (no qual figuram outros termos como “batalha”, “guerra santa”, “soldado de Jesus” etc.) presente no discurso neopentecostal que descreve suas ações contra o demônio e os sistemas religiosos que supostamente o cultuam. Do ponto de vista dos grupos afro-brasileiros, obviamente o ataque possui inúmeros outros significados, sendo visto como sinônimo de “intolerância religiosa”, “preconceito”, discriminação” etc (SILVA, 2007, p. 9).

⁵⁶ Doutrina que se funda em dois princípios opostos, o bem e o mal. Tendência a dividir o mundo entre bem e mal.

Para que possamos entender melhor a natureza e extensão desses casos de intolerância⁵⁷, Silva (2007, p. 10) traz no prefácio do livro em que ele foi organizador, as informações que foram recolhidas sobre eles publicadas na imprensa e na literatura acadêmica dos últimos anos. Essas informações, posteriormente, foram sistematizadas e classificadas seguindo os seguintes critérios: 1) ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo; 2) agressões físicas *in loco* contra terreiros e seus membros; 3) ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos dessas religiões existentes em tais espaço; 4) ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil que tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras; 5) ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos e, finalmente; 6) as reações públicas (políticas e judiciais) dos adeptos das religiões afro-brasileiras.

Outra marca de destaque que a IURD leva em relação a demais igrejas é funcionamento durante todos os dias da semana (ver Quadro):

Quadro 01 – Programa da semana

PROGRAMA DA SEMANA	
Segunda-Feira	CONGRESSO EMPRESARIAL NAÇÃO DOS 318
Terça-Feira	SESSÃO ESPIRITUAL DO DESCARREGO E CORRENTE DOS 70 APÓSTOLOS
Quarta-Feira	REUNIÃO DOS FILHOS DE DEUS
Quinta-Feira	CORRENTE DA FAMÍLIA E REUNIÃO DA VIDA REGALADA
Sexta-Feira	SEXTA-FEIRA DA LIBERTAÇÃO
Sábado	CAUSAS IMPOSSÍVEIS E TERAPIA DO AMOR
Domingo	CONCENTRAÇÃO DE FÉ E MILAGRES

Fonte: Folheto da IURD de João Pessoa- PB, 2009.

⁵⁷ Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar as diferenças ou crenças religiosas de terceiros. Poderá ter origem nas próprias crenças religiosas de alguém ou ser motivada pela intolerância contra as crenças e práticas religiosas de outrem. A intolerância religiosa pode resultar em perseguição religiosa e ambas têm sido comuns através da história. A maioria dos grupos religiosos já passou por tal situação numa época ou noutra.

Além de produtos oferecidos gratuitamente na entrada do templo, são distribuídos pequenos folhetos com a programação semanal (conforme quadro 1) nos quais estão discriminadas as atividades e os diferentes temas abordados em cada culto da semana. Três desses cultos se destacam.

O primeiro é dedicado aos empresários (Congresso Empresarial Nação do 318). Todas as segundas-feiras é realizada a “corrente da restituição”, destinada à prosperidade financeira daqueles que se encontram com problemas financeiros, Sobre essa correntes das segundas-feiras vou trata no próximo capítulo.

Nas terças-feiras (Sessão Espiritual do Descarrego), as reuniões são dedicadas à cura. E nelas a Igreja Universal anuncia seus maiores prodígios. Não à toa, esta é uma das reuniões mais freqüentadas durante a semana, tanto aqui em João Pessoa, como em Recife; foram essas reuniões que mais assisti. A partir da observação dos cultos ali realizados procurei reconstruir parte de suas principais atividades e, principalmente, compreender o sentido do conflito religioso neles estabelecido.

Isso foi possível graças à forma praticamente homogênea de realização dos cultos em qualquer templo da IURD, tanto em Recife, com em João Pessoa.

Os cultos dedicados ao exorcismo são realizados às sextas-feiras, dia da “Corrente de Libertação⁵⁸” do diabo e de suas ação sobre a vida dos fiéis. É interessante notar que a reunião é realizada na sexta-feira, dia associado pelo senso comum aos rituais da Umbanda e do Candomblé. Segundo Almeida (2009, p. 67): “Não se trata, porém, de mera coincidência a Igreja Universal dedicou propositalmente, segundo declaração dos próprios pregadores, esse dia à ‘libertação’ dos espíritos malignos que habitam os terreiros dessas religiões.”

Durante esses dois dias da semana, na entrada do templo a pessoa, recebe um folheto que traz a seguinte convocação:

Você que tem a vida escravizada por estes sintomas: 1. nervosismo; 2. dores de cabeças constantes; 3. insônia; 4. medo; 5. desmaios ou ataques; 6. desejo de suicídio; 7. doenças que os médicos não descobrem as causas; 8. visões de vultos ou audição de vozes; 9. vícios; 10. depressão. Então passe pelo Vale do Sal. Na ocasião estaremos distribuindo gratuitamente o óleo de Israel.

⁵⁸ O termo “libertar, ou “libertação”, é fundamental mas ambíguo na Universal. D. Lehmann assinala que ele tem um duplo significado: “libertar os indivíduos dos diabos que os possuem mas também libertar o mau espírito que está dentro do indivíduo cujo corpo em certo sentido o aprisiona” (LEHMANN, 1996, p. 139).

Outro folheto que recebi nas proximidades da IURD de João Pessoa, traz as seguintes informações:

Você que tem problemas: Familiares; Sentimentais; Enfermidades; Vícios; Nervosismo; Desemprego; Miséria; Dívidas; Depressão; Insônia; Desejo de Suicídio; Olho-grande; Inveja etc. Para de Sofrer! “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei.” Jesus Cristo. Existe uma porta aberta para que o poder de Deus seja derramado sobre sua vida. Templo Maior – Av. Epitácio Pessoa, 2.000 – Expedicionários. Traga este folheto neste endereço e receba a oração da fé.

Uma chamada que escutei muito no rádio (Rede Aleluia) foi a seguinte: “...meu amigo e minha amiga; você que está na rua da amargura... venha para rua da felicidade... rua 13 de maio...”.

Foi através desses cultos (Descarrego e Libertação) que percebi melhor o conflito religioso. Quando é realizada a oração do descarrego ou libertação, muitos durante a oração “manifestam” alguma entidade. Alguns endemoninhados são levados para cima do púlpito, antes de começar as entrevistas⁵⁹, o pastor faz ainda uma segunda oração. Ele pede a todos que coloquem as duas mãos sobre a cabeça e que feche os olhos.

É comum ouvir também oração como essa:

Se existe alguém aqui é vítima de um trabalho de macumbaria, de feitiçaria, de magia negra, de bruxaria, de vodu; se foi feito algum trabalho com o nome, com uma peça de roupa, com um fio de cabelo; se alguém aqui comeu alguma coisa trabalhada; se alguém aqui recebeu uma roupa trabalhada, um perfume trabalhado, presente trabalhado a fim de arruinar a sua vida – esse espírito vai manifestar agora.

O pastor que está fazendo a oração, ele vai aumentando o tom da voz e desafiando cada vez mais, repetindo a última frase várias vezes: “espírito vai manifesta agora...”.

Em seguida, cita vários nomes das entidades, evocando cada uma, como por exemplo: “Pombagira”; “Preto-Velho”; “Tranca-Rua”; “Erês”; “Exu da Morte”; “Maria Padilha”; “Maria Mulambo”; “Meta-Meta” etc.

Foi em uma das reuniões de terça-feira da Sessão do Descarrego, em Recife, no templo sede (Catedral da Fé) localizada na Av. Cruz Cabugá, em Santo Amaro. Uma sessão de exorcismo que me chamou atenção, por ser bem diferente dos demais assistido por mim. Como é feita quase todas às vezes a oração de evocação e, logo em seguida ocorrem as manifestações,

⁵⁹ As entrevistas com os demônios constam, fundamentalmente de três questões: “Qual é o teu nome”, “O que você tem feito na vida dela (da pessoa)” e “Como você entrou na vida dela (da pessoa)”.

alguns são “libertos” onde estão, ou seja na plataforma do templo, outros são levados para o púlpito. Nesse dia o pastor fez a primeira oração e a mulher saiu do estado êxtase; em seguida ele perguntou para os que estavam assistindo: “pessoal ela está boa?”. Em seguida manda a mulher caminhar na plataforma, quando ela começou a caminhar, o pasto assobiar no microfone de imediato a mulher cai novamente manifestada. Novamente ele chama atenção de todos os que estão assistindo, dizendo: “estão vendo pessoal, ela não foi totalmente liberta”. Após isso, ele faz uma oração mais forte, e ocorre a libertação daquele corpo.

Outro dia achei outro momento interessante, foi novamente na “Sessão do Descarrego” na Catedral da Fé na Cruz Cabugá. Nesta ocasião o Bispo mandou apagar as luzes do templo e deixou somente as luzes de uma grande cruz de madeira, que refletia a cor vermelha. Essa cruz era vazada no meio. Pediu para que todos formassem uma grande fila e passassem por baixo da cruz e em seguida do outro lado, pegasse um pequeno copo descartável com um pouco de suco de uva para tomar de depois amassar e colocar debaixo dos pés para pisar.

No momento em que as pessoas iam passando, os pastores e o bispo, realizava orações desafiando a todos que ao passar debaixo da cruz, todos os problemas seriam deixados para trás, como: Familiares; Sentimentais; Enfermidades; Vícios; Nervosismo; Desemprego; Miséria; Dívidas; Depressão; Insônia; Desejo de Suicídio; Olho-grande; Inveja etc.

Ao passar debaixo da cruz as pessoas de várias idades levavam peças de roupa, documentos, fotos, objetos pessoais etc, passavam na cruz para alcançar uma vitória, libertação, cura etc.

Em seguida o bispo começou a orar e evocar os encostos e demônios, chamando pelo nome de cada um, isso tudo com as luzes apagadas e com um fundo musical que era tocado pelo tecladista, e as músicas eram parecidas com música de suspense e terror. Na medida que foram ocorrendo às manifestações, foi solicitado acender novamente as luzes, e as pessoas que estavam manifestadas foram levadas para púlpito para serem libertas.

3.7 Imagens e Símbolos na Prática Litúrgica da IURD

No Brasil, como afirma um dos observadores mais atentos do fenômeno, Ricardo Mariano, a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, transformou-se no mais surpreendente e mais considerável fenômeno religioso das duas últimas décadas.

Para Oro (2003), o fenômeno IURD traduz de maneira bastante exemplar essa transformação. O desencanto alardeado por todas as teorias da secularização não se realiza, como se a racionalização não conseguisse dar uma resposta àquilo que a bloqueia. Um novo encantamento toma corpo e mobiliza especialmente a figura do demônio para responder aos desafios do nosso mundo: a miséria, o crescimento das desigualdades, a Aids, a exploração das crianças, as guerras etc.

A inserção da IURD no cenário da religiosidade brasileira acontece através da diferenciação e distanciamento da teologia protestante reformada, principalmente com relação à utilização dos símbolos em sua liturgia e divulgação na mídia, aqui no Brasil.

Sabemos que a Teologia Reforma em seu embate com o Vaticano rompeu com praticamente todos os símbolos em sua liturgia, ficando basicamente com o “pão e o vinho” e o “batismo”. Já a IURD utiliza os símbolos com uma relativa abertura em seus cultos.

De acordo com Eliade (1991), as imagens, os símbolos e os mitos, são consubstanciais ao ser humano e, respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Portanto, se faz necessário um estudo para melhor conhecer o homem e seu comportamento social hoje.

Este artigo tem o objetivo de apresentar de forma preliminar, como a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, vem utilizando as imagens e símbolos na sua prática litúrgica no Brasil.

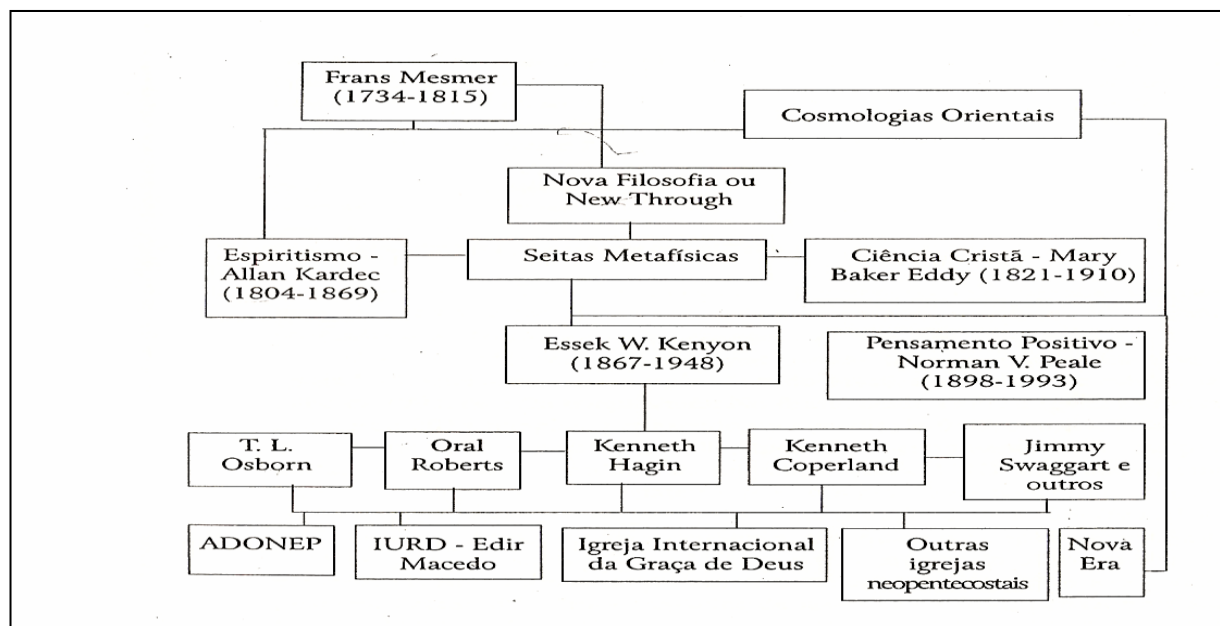
3.8 Discursos, Imagens e Símbolos na Prática Litúrgica da IURD

Na IURD, a orientação teológica é ministrada por Edir Macedo através do ***Instituto Bíblico Universal***, cuja frequência é obrigatória para os pastores. Ela, segundo Oliveira (2004), contém disciplinas básicas e estudos práticos para o cotidiano da Igreja, sem nenhum compromisso com a teologia protestante formal. Nesse sentido, nas palavras do próprio Edir Macedo, fica demonstrado esta diferenciação e distanciamento da teologia protestante reformada:

Vivemos em um clima criado pela pregação protestante de Lutero e do reavivalista Wesley e agora temos de abandonar a pregação meramente carismática, que está na moda, pela ‘pregação integral’. Isto significa que, acima de tudo o mais, Jesus Cristo liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo e seus anjos (MACEDO, 1993, p. 118).

A teologia da IURD, de acordo com os teólogos e estudiosas da questão, está baseada em dois ensinamentos principais: a) a **teologia da prosperidade** e; b) a **batalha espiritual**. Esses ensinamentos são postos em prática especialmente através das correntes, que norteiam a vida diária da igreja, e também pelos *pontos de contato*, que têm a função de despertar a fé nas pessoas, através da mediação de alguns objetos, e pelas *campanhas de fé*, que são programações semanais voltadas para uma atividade especial da igreja.

Quadro 02 - A Genealogia da “Teologia da Prosperidade”



Fonte: CAMPOS (1997, p. 364).

Conforme o quadro 02, que mostra de forma sistemática e cronológica a genealogia da teologia da prosperidade, ela teve início no pensamento de Frans Mesmer com cosmologias orientais. Segundo Campos (1997), essa suposta proximidade pode ser percebida mais a partir de uma análise das raízes da ênfase na prosperidade e no controle do corpo pela mente com finalidade terapêutica, do que em outras concepções teológicas. O surgimento dessas idéias tem origem nos Estados Unidos no Século XIX, desencadeado a partir de experiências terapêuticas encabeçadas por Phineas Quimby (1802-1866), que divulgou técnicas terapêuticas e conceitos elaborados na Europa pelo austríaco Franz A. Mesmer (1734-1815). Todos esses movimentos

trabalham o pressuposto de que as forças mentais e espirituais estão à disposição do homem para realizar curas e resolver problemas.

Vários pregadores neopentecostais norte-americanos, entre eles Kenneth Hagin, Benny Hinn e outros, se tornaram famosos após a Segunda Guerra Mundial por causa da ênfase na cura divina e receberam profunda influência das formulações filosóficas de Kenyon. Todos eles estão ligados à “palavra da fé” ou “confissão positiva”.

A *teologia da prosperidade* está no centro da pregação da IURD. A prosperidade material, o sucesso financeiro e a saúde são tidos como sinais evidentes da presença de Deus no fiel. Seus líderes, bispos e pastores são orientados a vestir os melhores ternos, cuidando do visual como cartão de visita para os que estão buscando a igreja, projetando assim uma imagem social de sucesso e prosperidade.

Várias correntes estão voltadas para estimular a prosperidade nas pessoas: ***corrente da vida regalada, corrente da prosperidade, corrente dos empresários e correntes das almas aflitas***. A principal tônica dessa pregação é que Deus não se contenta com o fato de seus filhos serem pobres e necessitados. Os filhos de Deus não devem ter nenhum tipo de necessidade material, pois Ele é o dono de todas as riquezas e seus filhos são herdeiros de suas riquezas. Edir Macedo assim coloca:

O homem foi colocado na terra para viver em abundância, sobre fartura e prosperidade. Adão não tinha escassez de água nem de alimentos, e nem precisava levar Eva, sua mulher ao médico. Eles eram perfeitos e gozavam da perfeição de Deus, sem que lhes faltasse absolutamente nada (MACEDO apud CAMPOS, 1997, p. 367).

Para Edir Macedo, o princípio fundamental para que o cristão alcance prosperidade é colocar a sua fé em ação, e o primeiro, e também o mais importante passo para efetua-lo, é a entrega do dízimo. Em contrapartida, Deus garantirá as bênçãos de cura, de sucesso na família e de prosperidade financeira.

A *teologia da batalha espiritual* e a conseqüente ênfase dada ao *diabo* representam outra grande marca identificadora da IURD no contexto do neopentecostalismo e provavelmente sejam a explicação para o seu crescimento tão rápido, apropriado-se de alguns elementos presentes na religiosidade popular brasileira, exatamente nos pólos que ela mais combate: o catolicismo popular e os cultos afro-brasileiros. O próprio Edir Macedo faz as seguintes afirmativas:

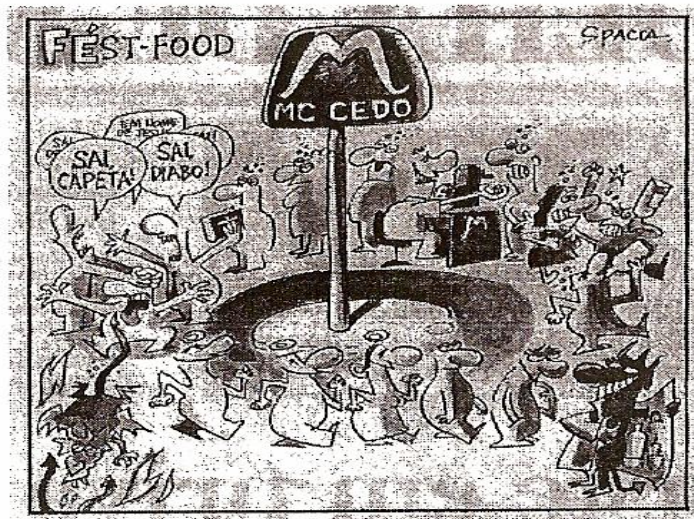
Tanto nas religiões nativas da África, e em outras regiões, os demônios têm sido adorados. No Brasil, em seitas como macumba, quimbanda, candomblé e umbanda, os demônios são adorados e agradados como verdadeiros deuses (MACEDO, 1982, p. 16).

Na realidade, orixás, caboclos e guias, sejam lá quem for, tenham lá o nome mais bonito, não são deuses. Os exús, os pretos velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os “santos”, são espíritos malignos (MACEDO, 1982, p. 17).

Em suma, a guerra contra o diabo é chamada de batalha espiritual. Neste ensino encontramos a essência do caráter dualista da teologia iurdiana. De um lado, as forças espirituais do bem, representadas por Deus através da IURD e de seus pastores; de outro lado, as forças do mal, comandadas pelo *diabo* representadas pela idolatria popular católica e pelas religiões afro-brasileiras.

A Folha de São Paulo, em 19 de setembro de 1995, mostra em forma de charge, uma idéia sobre a “comercialização do sagrado”, conforme Figura 1:

Figura 01 - A IURD é uma “Fést-Food”



Fonte: CAMPOS (1997, p. 178).

Esta charge da figura 01, é um bom exemplo de como esse estigma é divulgado publicamente. De acordo com Campos (1997), a mídia, sem dúvida alguma, é um das maiores responsáveis pela inculcação desse estereótipo na opinião pública.

3.9 Símbolos Iurdiano como Pontos de Contato e suas Afinidades Seletivas com os Símbolos Afro-Brasileiros

De acordo com Oliveira (2004), a linguagem simbólica ganha uma força sem precedentes nos cultos iurdianos no contexto do protestantismo, seja tradicional seja pentecostal. No centro do templo, como se fosse um “altar”, encontra-se um grande *cruz de madeira* e, sobre o púlpito, uma *Bíblia* aberta, ao lado da qual sempre há uma grande mesa, chamada de mesa de comunhão, onde estão colocados um *candelabro para sete velas*, um *cálice de vinho*, *pão*, *jarras de água e óleo para unção*.

Segundo o simbolismo⁶⁰ iurdiano, os objetos vão surgindo como *pontos de contato*, ou seja, pontes entre as pessoas e o sagrado. Esses *pontos de contato* agem dialeticamente, pois permitem uma espiritualização do material e também uma *materialização de espiritual*. Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2004), são verdadeiros símbolos, servindo de elo entre duas realidades: uma visível; e outra apreendida intuitivamente por meio da fé, invisível aos sentidos. O protestantismo histórico abandonou, de certa forma, o valor dos símbolos nos seus cultos. No entanto, esse processo de readaptação aos símbolos cúlticos vem sendo retomado pela IURD, estabelecendo novas formas de comportamento religioso e propiciando uma ligação com o sagrado através da mediação de objetos materiais; algo totalmente novo no contexto das práticas protestantes.

Estes pontos de contato são objetos distribuídos entre os fiéis, cuja finalidade é despertar a fé nas pessoas. São exemplos de pontos de contato: oração no local da enfermidade, unção com óleo, beber água purificada, rosa ungida, cadeira (trono de Deus), cordão vermelho, sabonete ungido, frasco com suco de uva, saquinho de sal grosso, saquinho de sal aromatizado, fita do dizimista, fita preta, chave, cruz etc.

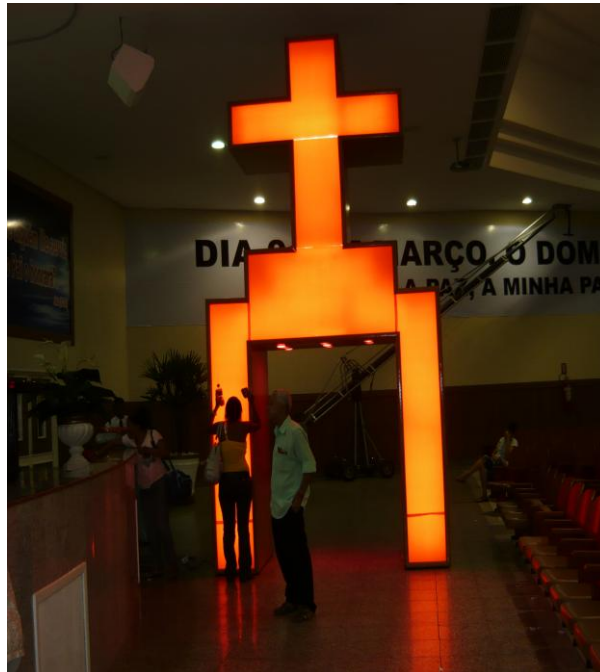
Estão algumas fotografias destes pontos de contato, a seguir com seus respectivos significados:

⁶⁰ Para uma maior aprofundamento da questão, ver: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Foto 06 - Cruz



Foto 07 - Desafio da cruz



Desafio da cruz: a cruz representa o triunfo de Jesus sobre o mal. Ao passar embaixo da cruz a pessoa vai triunfar sobre o mal também, ao seja, deixando todos os problemas (encostos, demônios, doenças etc).

A cruz é um dos principais símbolos no meio cristão, na IURD obtém um caráter mais mágico, para obter vitória nas questões do dia a dia, como emprego, doença, amor etc.

Nesse dia as pessoas são desafiadas a fazer o sacrifício da cruz, que consistem a colocar no envelope no formato da cruz o valor correspondente a R\$ 100,00 (cem) reais como dízimo. O outro momento é dividido em 3 (três) partes: 1) passar embaixo da cruz para deixar todos os problemas (doenças, encostos, demônios etc); 2) tomar um pequeno copo de vinho (suco de uva) para sair o mal; 3) oração e evocação dos encostos e demônios nas pessoas.

Palavra de desafio do Pastor:

A minha vitória é a vitória de Deus.

A tua vitória é a vitória de Deus.

A minha derrota é a derrota de Deus.

A tua derrota é a derrota de Deus.

Foto 08 - Rosa ungida



Rosa ungida – com objetivo de levar para casa e absolver toda maldição durante a semana e depois deve ser levada de volta para igreja para ser queimada. E é realizada uma oração pelos 318 pastores.

Foto 09 - Fita do dizimista fiel



Fita do dizimista: Com a seguinte frase – “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel.” Lembrando para Deus que por ser dizimista, ele tem que ser abençoado.

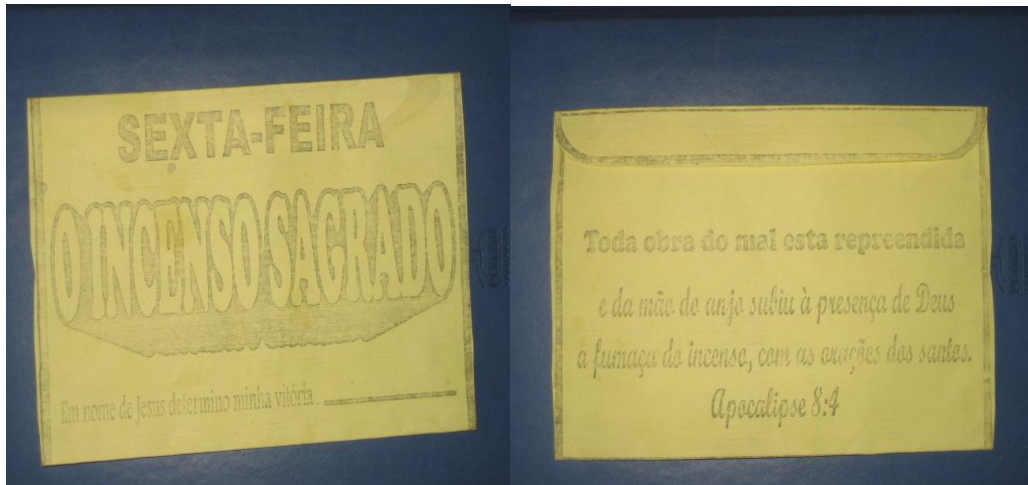
Palavra de estímulo do Pastor: “Moiseis subiu o Monte Sinai como empregado ao descer, desceu líder!”

Foto 10 - Sal aromatizado



Saquinho de sal aromatizado – para os que estão com dificuldade de encontrar com o amor de sua vida.

Foto 11 - Incenso sagrado



Incenso sagrado: tem como finalidade expulsar todo mal que esta na vida e no lar.

Foto 12 - Banho do descarrego



Foto 13 – Folheto do Banho do descarrego

TERÇA-FEIRA

Distribuição gratuita do Banho do Descarrego
com 7 Elementos Bíblicos.



“...Vai, lava-te no tanque de Siloé. Ele foi, lavou-se e voltou vendo.”
(João 9:7)

Escreva aqui o que você deseja ser limpo:

Av. Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro

CATEDRAL DA FÉ

7:00, 11:30, 15:00 e especialmente às 19:00h.

Banho do descarrego: é composto por 7(sete) elementos bíblicos: sal; vinho; trigo; azeite; arruda; água e perfume. O banho deve ser tomado a exatamente meia-noite, para tirar todo o mal que está dentro da pessoa.

Com base na teodicéia dualista comum⁶¹ e presente nos rituais da IURD relacionados à cura, existem dois elementos: 1) A *fé* que o indivíduo tem dentro de si. A *fé* é condição “*sine qua non*” para que a cura aconteça; 2) *Pontos de contato* – como já tivemos oportunidade de demonstrar neste trabalho, eles são objetos distribuídos entre os fiéis, cuja finalidade é *despertar a fé* nas pessoas. São exemplos de *pontos de contato*: oração no local da enfermidade, unção com óleo, beber água purificada etc.

⁶¹ Sobre teodicéia dualista comum, ver Oliveira (2004, pp. 71-151).

Segundo Oliveira (2004), através dos pontos de contato a IURD se apropria de maneira muito especial das manifestações coletivas da fé na religiosidade popular. O primeiro ponto de contato encontrado na corrente da saúde na IURD é o *uso de galhos* de plantas, especialmente, o *uso da arruda* e também o uso de *sal grosso*. Tal costume é fartamente encontrado em outras práticas religiosas no Brasil, especialmente nos rituais de cura praticados por benzedores, curadores etc.; nestes casos, a planta mais usada é a arruda. Nós rituais afro-brasileiros, a arruda também é uma planta muito popular e largamente utilizada, empregada em amuletos, banhos de descarga e coração de médiun.

Mariano (2005), também registra que IURD e Internacional da Graça, indiferentes às críticas dos demais evangélicos, distribuem aos fiéis objetos ungidos dotados de poderes mágicos ou miraculosos, ato que mais uma vez as aproxima de crenças e práticas dos cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular.

Na diferenciação com os pentecostais tradicionais, que se opõem ao uso de objetos sagrados (exceto a Bíblia), os objetos são dotados de poder mágico e terapêutico para não sucumbirem à idolatria.

Na oportunidade que tivemos, durante algumas visitas ao templo da IURD em Recife, na avenida Cruz Cabugá, observamos que atualmente o templo não está mais como Leonildo S. Campos, observou em sua pesquisa, onde ele descrevia com um ambiente que impressionava pelo seu despojamento, e com aparência de pobre. E sim um grande luxo, e bastante sofisticação, com ambiente climatizado e cadeira acolchoada e confortável para o fiel que está para assistir o culto. Tudo bem iluminado e limpo. Além de todos estes aspectos, constatamos também uma riqueza simbólica escondida nas suas cerimônias.

Constatamos também, que nesse cenário os objetos vão surgindo durante o culto, em função da dramatização⁶² proposta. Parte destes objetos já se encontravam sobre a mesa, no início da cerimônia, outros são trazidos dos bastidores pelos obreiros ou obreiras. Assim, aparecem a “rosa ungida”, o “óleo da benção”, “sal grosso”, e uma infinidade de objetos distribuídos gratuitamente, mas disponíveis após a participação das pessoas no ritual do ofertório.

⁶² Na dramatização do espetáculo de fé, o cenário é aquela parte do espaço demarcada pela presença de atores, plateia e objetos de culto, tornando-se um lugar apropriado para a encenação. O cenário sempre foi um elemento fundamental para a experiência de culto, mesmo após o surgimento do alto grau de abstração e individualismo do homem moderno.

De acordo com Mariano (2005), no afã de tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religiosos brasileiros, a Universal incentiva relação de troca com Deus, promete bênçãos, milagres, poder e autoridade para combater o mal e “acata” o panteão dos deuses das religiões inimigas ao invoca-los, incorpora-los, humilha-los e, por fim, exorciza-los. Com isso, rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas dos adversários.

Para Mariano (2005), tal reapropriação sincrética é intencional, estudada, encerra claro propósito proselitista. A liderança da igreja tem plena consciência da eficácia dessa estratégia. Conforme depoimento do Pastor Paulo De Velasco, deputado federal, Prona/SP, em 07 de junho de 1993:

O bispo Macedo é uma pessoa muito prática. E uma vez ele estava consersando conosco e disse que o Brasil é um grande terreiro de macumba. E nós temos trabalhado exatamente em cima da experiência do brasileiro (...) no Rio de Janeiro quando você pergunta ‘quem veio da umbanda, do camdomblé, do espiritismo’ 90% da igreja levanta a mão (...) Muitas vezes nós somos criticados porque procuramos despertar a fé do povo da maneira mais simples e da maneira mais palpável (...) Quanto menos intelectualizada é a pessoa, menos abstração ela consegue fazer. Ela não abstrai, não consegue sair da matéria para a transcendência (...) Para despertar a fé da pessoa, nós às vezes entregamos alguma coisa na sua mão dizendo que aquilo é exatamente algo que vai ajuda-la. Então cada vez que ela olha esse giz, ela vai dizer ‘eu vou conseguir’. Ela mantém, então, a esperança e continua com fé. E, tendo fé, ela obtém aquilo de que precisa (...) Então por que não pegar a arruda que é um negócio que todo mundo conhece no Brasil? Eu já fiz e sei o resultado disso. Você bota a arruda numa bacia de água e espalha, onde bate aquela água o camarada, se ele está endemoninhado, manifesta demônio (...) Essas coisas você faz para despertar a fé das pessoas e, inclusive, utilizar o que está arraigado no subconsciente coletivo brasileiro para fomentar a fé e libertar a pessoa. A finalidade é libertar a pessoa (...) Por que Jesus cuspiu no chão e passou a lama nos olhos daquele homem? Para despertar a fé dele, sem dúvida nenhuma. Porque Jesus sabia que ele tinha fé, mas ele não sabia (...) Outro dia eu estava conversando com o bispo. ‘Escuta, bispo, a fulana – a gente conversa muito sobre experiência – acredita que esteve na França e trouxe de lá uma potestade etc’ ‘Ela acredita nisso? Trabalhe em cima do que ela acredita’.

Conforme constatamos no depoimento e, no dia a dia nos seus programas tanto no rádio como na TV; que a guerra é travada dia a dia contra a umbanda, o camdomblé, o kardecismo e a Igreja Católica torna seus elementos parte integrante da própria identidade da IURD, a mais combativa das igrejas neopentecostais. Sem o Diabo, sem o inimigo incessantemente expulso, humilhado, combatido, vilipendiado, Universal não seria quem é nem presume ser. Ela precisa estar combatendo e vencendo um inimigo forte e poderoso para atestar seu próprio poderio espiritual. Em suma, sem o Diabo e seus anjos, não teria como justificar, diagnosticar e sanar os males que acometem os fiéis, nem como legitimar sua própria existência ou sua natureza divina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No seio da sociedade, tanto no período tradicional como na modernidade, a religião vem demonstrando suas características ao longo dos tempos e resistiu aos ataques do pensamento iluminista e da ditadura da razão; na pós-modernidade, a religião vem se mostrando como um fenômeno inerentemente social.

Previsões e debates baseados em certos fundamentos da dita modernidade continuam com relação à esperada morte da religião que não ocorreu. Todos falharam, o fenômeno religioso permanece vivo tanto nas sociedades mais avançadas como nas mais primitivas, como bem observou Max Weber e Emille Durkheim.

Na pós-modernidade, a religião não é apenas vista com uma questão de foro íntimo, é cada vez mais estudada como fenômeno que está presente na sociedade, e que é um elemento central da explicação e compreensão da estruturação de uma sociedade, que já foram objeto das pesquisas de Weber e de Durkheim.

Em especial no Brasil, o fenômeno religioso é percebido nas suas imbricações com o universo social, os dados estatísticos e as pesquisas sociais apontam que mais de 90% dos brasileiros acreditam em Deus e vivem sua religiosidade onde temos os feriados religiosos como elementos simbólicos da cultura de várias tradições religiosas, principalmente as de tradição Católica Romana também presentes nas repartições e praças públicas.

A partir das discussões de Weber e Durkheim, o fenômeno religioso é estudado de maneira mais compreensiva, não tanto como a crítica por Karl Marx feita. Hoje no Brasil, com a criação de vários cursos de Teologia e de Ciência da Religião tem-se a demonstração do interesse cada vez maior da academia em estudar o fenômeno religioso de uma maneira mais adequada. O sincretismo, os confrontos, disputas e o trânsito religioso vêm cada vez mais sendo objeto de pesquisas das ciências sociais.

O crescente aumento dos números de evangélicos no Brasil tem reforçado e motivado vários projetos de pesquisas para melhor compreender essa mudança que vem ocorrendo na matriz religiosa do Brasil.

A chegada das primeiras missões das igrejas européias e americanas ligadas à tradição reformada, e a adaptação e a assimilação dos brasileiros ao seu universo religioso deixaram suas marcas presentes na sociedade brasileira. Com o surgimento do fenômeno pentecostal no início

do século XX através das Igrejas Assembléia de Deus e Igreja Cristã do Brasil, o crescimento desse movimento tomou novos rumos e provocou uma nova configuração na matriz religiosa no Brasil. Ao longo do tempo, essas igrejas, abandonando gradativamente suas origens, foram cada vez mais se adaptando à cultura brasileira.

No berço de uma igreja pentecostal (Nova Vida), surge o movimento chamado neopentecostal (IURD, GRAÇA, RENASCER, MUNDIAL). Esse movimento vem ganhando espaço no cenário religioso brasileiro e com isso também a atenção de novas pesquisas pela forma de penetração e atuação na sociedade brasileira, pelas suas estratégias de disputas no mercado religioso, pelo rompimento com alguns elementos do pentecostalismo e assimilação de elementos do sincretismo religioso brasileiro. A utilização de estratégias mercadológicas na disputa e conquista de novos consumidores da fé é relativamente visível através das ferramentas de marketing na mídia.

Na disputa e delimitação do território na busca por fiéis, as igrejas tanto de tradição reformada como as igrejas ligadas ao movimento pentecostal no Brasil, ao serem inseridas no país, elegeram como inimigo a Igreja Católica na disputa e delimitação do território na busca por fiéis. Já as igrejas ligadas ao movimento neopentecostal, principalmente a IURD, elegeram os grupos religiosos ligados às tradições africanas (cultos afro-brasileiros).

Uma demonstração nesse sentido é o livro de Edir Macedo *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* que ataca diretamente o Candomblé, a Umbanda e o Espiritismo. Relativamente em toda liturgia durante a semana é dito ao fiéis frequentadores que o mal, representado pelo Diabo, é a causa de todos os problemas (financeiro, saúde, familiar, etc.). Para isso, os fiéis precisam cumprir as correntes estabelecidas durante a semana para libertação do mal que está alojado e para que tenham prosperidade e sucesso na vida.

A inserção da IURD no cenário religioso brasileiro se deu em uma região metropolitana no sudeste do país, originou-se em uma ex-casa funerária e ao longo do tempo foi ocupando espaços já conhecidos da população, como teatros, cinemas e supermercados fechados. A segunda fase do seu crescimento ocorreu com grandes construções de catedrais com capacidade maior e melhor acomodação dos fiéis que continuariam procurando os seus serviços de fé. A dinâmica do fluxo de féis que frequentam os templos da IURD é motivada, entre outras coisas, por um forte estratégico serviço de mídia (televisão, rádio, capatazes e folhetos etc). Para isso, os templos estão localizados em espaços que deixam margem a uma relativa mobilidade social, que

já são conhecidos pela população local, já servidos por um sistema de transporte público de fácil localização, com ruas ou avenidas mais largas e conhecidas.

Reconhecendo que o Brasil é um país de forte sincretismo religioso, a IURD soube assimilar e explorar a seu favor esse sincretismo de forma estratégica na conquista de novos fiéis consumidores da fé. Com isso, em seus eventos e cultos utiliza elementos simbólicos da cultura brasileira, que foram assimilados das culturas africanas. Elementos como galhos de arruda, sal, rosa, perfume, etc. São utilizados nas atividades rituais durante os dias da semana juntamente com correntes de fé que exigem comprometimento dos seus praticantes e uma maior fidelização dos seus fiéis seguidores.

Como Ricardo Mariano afirmou, a IURD não surgiu em um vácuo social, o contexto sócio-econômico, cultural, político e religioso foram relativamente favorável, como por exemplo: a agudização das crises social e econômica; e elevado aumento do desemprego; recrudescimento da violência e da criminalidade; a “destradiconalização” e a modernização sociocultural; a vigência de plena liberdade religiosa e de um mercado religioso pluralista; a baixa regulação estatal da religião; o enfraquecimento religioso, a secularização e o declínio numérico da Igreja Católica; a larga e contínua expansão pentecostal em todo o território brasileiro; a extensa difusão dos meios de comunicação de massa e a relativa facilidade de acesso a eles; a ampla aceitação pelos extratos populares da oferta de crenças e práticas religiosas de cunho mágico, terapêutico e taumatúrgico.

A Igreja Universal, através do seu líder maior Edir Macedo, vem ganhando destaque e diferenciação das demais igrejas evangélicas; isso foi demonstrado em seu livro “A libertação da Teologia”, onde coloca que o tempo da pregação de Lutero e do reavivalista Wesley já passou e, e agora temos de abandonar a pregação meramente carismática, pela “pregação integral”, ou seja, Jesus Cristo liberta as pessoas que estão oprimidas pelo Diabo e seus anjos. Em suma, fica demonstrada no discurso de Macedo a necessidade de libertação do mal, que é a causa de todos os problemas sócio, psico, econômico e espiritual.

Em um outro momento da pesquisa, através de um programa de rádio, tive a oportunidade de ouvir um outro discurso, que demonstra um rompimento e distanciamento tanto dos evangélicos de tradição reformada como dos pentecostais; quando Macedo falou em tom mais agressivo: “...dizem que falo muito sobre Teologia da Prosperidade ... e eles que falam de Teologia da Miséria ... é por isso que o Brasil está assim ...” Neste discurso ele fez questão de

assumir e identificar-se com a Teologia da Prosperidade, independente do que as outras igrejas estão pensando disso, como também de deixar uma delimitação do território.

Nas visitas de campo, observei que esse discurso faz parte de boa parte da programação litúrgica durante a semana. Nessas visitas procurei observar duas questões que achei determinantes na pesquisa o discurso centrado na Teologia da Prosperidade e na Teodiceia (libertação do mal). Nas sessões do descarrego, nas terças-feiras, como nas sessões de libertação, nas sextas-feiras, foi onde concentrei nas minhas visitas e extrai várias experiências ricas para se fazer uma análise social dos fatos ocorridos.

A utilização de elementos simbólicos, como ponto de contato, é algo que me chamou muito atenção durante a pesquisa. Isso porque nasci e me criei em um ambiente religioso evangélico. Na tradição evangélica, principalmente nas igrejas ligadas à tradição reformada, praticamente não são utilizados objetos ou símbolos como ponto de contato, com raras exceções, como: o pão, o vinho, a cruz e o aceite. Já a IURD soube utilizar e vem utilizando em suas reuniões outros elementos apropriando de outras culturas religiosas, principalmente, as de culturas afro-brasileira, como também da tradição católica. Contrapondo a quase ausência de elementos simbólicos nas demais igrejas evangélicas a IURD vem utilizando e apresentando novos elementos que são incorporados nas correntes e nos desafios de fé presentes toda programação da semana.

As campanhas através das correntes exigem dos fieis clientes a fidelização e compromisso de fé com a igreja para não quebrar a corrente. Muitos chegam em busca de sentido e objetivos, é nesses espaços e desafios que o sujeito termina encontrando sentido e vida social. Sendo atribuído por muitos pesquisadores como ambiente terapêutico, ou comunidades emocionais. Encontram-se para extravasar suas emoções e são desafiados através das liturgias, com mensagem positivas que é possível mudar a situação de miséria em que esta vivendo, só basta ter fé, e abraçar e fazer as correntes para alcançar sucesso na vida seja ele financeiro, espiritual, amor, social etc.

Observei também, que as mulheres são a grande maioria nas reuniões durante a semana, e isso também é destacado através de trabalhos de pesquisas de diversos autores. Essas mulheres estão nas reuniões com objetos pessoais da família, para se submeter a rituais com esses objetos na pretensão de alcançar cura e sucesso para os seus familiares e para sua vida também.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. **A igreja universal e seus demônios**: um estudo etnográfico. São Paulo: FAPESP e Editora Terceiro Nome, 2009.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- AQUINO, M. F. **Sociedade, Cultura, Religião**. São Paulo: Bratéria, 1999.
- AYRES, Antônio Tadeu. **Como entender a pós-modernidade**: o desafio de conduzir a igreja segundo os princípios bíblicos. São Paulo: Vida, 1998.
- ASSMAN, H.; HINKELAMMERT, F. **A idolatria do mercado**. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 275.
- BARBER, Benjamin R. **Consumido**: como o Mercado corrompe criança, infantiliza adultos e engole cidadãos. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (orgs.). **Cultura consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- _____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- _____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- _____. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. Pós-Modernidade: Abordagem Sociológica. In: _____. **Teologia na Pós-Modernidade**: Abordagem epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.

BEYER, P. F. **A Privatização e a Influência Pública da Religião na Sociedade Global**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BIRMAN, Patrícia. **Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil**: passagens. In: *Religião e Sociedade*, 17/1-2, 1996: 90-109.

BIRMAN, Patrícia. **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRANDÃO, Carlos R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Orgs.). **Misticismos e Novas Religiões**. Petrópolis: Vozes/UFS, 1994

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: a eficiência do sistema de comunicação e marketing da Igreja Universal do Reino de Deus, 1996. (Tese de Doutorado).

_____. **Evangélicos e Mídia no Brasil** – Uma História de Acertos e Desacertos. *Revista de Estudos da Religião*. Setembro, 2008. p 1-26. Disponível: <www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf>.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**: promessas e desafios. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

CORTESÃO, Luiza; CORREIA, José Alberto; STOER, Stephen. **A transnacionalização da Educação**: da crise da educação à educação da crise. Porto: Afrontamento, 2001.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica**: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003.

DANIEL, Salinas; ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade**: novos desafios à fé cristã. São Paulo: ABU Editora, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DETEWEILER, R. **Postmodernism**. *The Blackwell Encyclopedia of Modern Chistian Thought*. Oxford: Basil Blackwell, 1995, (p. 456-461).

DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX. Editado por William Outhwaite e Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (KEN PLUMMER)

DICIONÁRIO DE POLÍTICA. Noberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. (et al.) 5. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1993.

DOMINGUES, José Maurício. **Sociologia e modernidade:** para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, 2005.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura:** globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel e SESC, 1997, p. 40.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GREMAUD, Amaury Patrick, et al. **Manual de economia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GRENZ, Stanley J. **Dicionário de Teologia.** São Paulo: Vida, 2001.

HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade.** Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

HEXHAM, Irving. **Dicionário de religiões e crenças modernas.** São Paulo: Vida, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos:** O breve século XX. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

JACOBINI, Maria Letícia de Paiva. **Metodologia do trabalho acadêmico.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo:** A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

JUNKER-KENNY, M. **Igreja, Modernidade e Pós-Modernidade.** Concilium, 1, 122-130.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KUNG, Hans. **Teologia a caminho**: fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes e Silva, org. **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulma/Edipucr, 1999. p. 202-208.

LYON, David. **Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LYOTARD, J.F. **A Condição Pós-Moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

_____. **O Pós-Moderno Explicado às Crianças**. Lisboa: Publicações Bom Quixote, 1993.

MACEDO, Edir. **Libertação da teologia**. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1992.

_____. **Aliança com Deus**. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1993, p. 167-168.

_____. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2008.

_____. **A voz da fé**: o segredo para uma vida bem-sucedida. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2009.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. A igreja universal no Brasil. In.: _____. **Igreja Universal do Reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p.53-54.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATOS, Alderi Souza; LOPES, Augustus Nicodemus (orgs.). **Fé cristã e misticismo**: uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MESQUITA, Wania Amélia. **Em busca da prosperidade**: trabalho e empreendedorismo entre neopentecostais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p. 15.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Bernado do Campo, UMEP, 1997, p. 165.

MILLER, Daniel. (org.) **Consumption as the Vanguard of History**: a polemic by way of an introduction. In *Acknowledging consumptio*. Londres: Routledge, 1995.

MONDIN, Batista. **Quem é Deus?** Elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paullus, 1997.

MOLTMANN, Jügen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

NOVAES, Adauto. **A crise do Estado-nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVEIRA, Estevam Fernandes de. **Conversão ou adesão**: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil. Petrópolis-RJ: Proclama, 2004.

ORANTOS, A.S. **La posmodernidad o la cultura del fragmento**. Vida Religiosa, 1998, 4, 304-314.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostais e Afro-brasileiros**: quem vencerá esta guerra? Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36. Novembro de 1997.

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre. **Igreja Universal do Reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceder a religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

PETERSON, Eugene H. **A maldição do Cristo genérico**: a banalização de Jesus na espiritualidade atual. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

PRETES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. São Paulo: Rêspel, 2003.

RAMOS, Robson. **Evangelização no mercado Pós-Moderno**. Viçosa: Ultimato, 2003.

RIZZIERI, Juarez Alexandre Baldini. Introdução à economia. In.: _____. **Manual de economia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

RUBIO, M. **O Contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROCHA, Alessandro. **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**: um novo lugar para a linguagem teológica. São Paulo: Editora Vida, 2007.

RODRIGUES, Kleber Fernando. **Teologia da prosperidade**: sagrado e mercado. São Paulo: Edições ABHR e FAFICA, 2003.

ROLDÁN, Alberto Fernando. **Para que serve a teologia?** Método, história e Pós-modernidade. Curitiba: Descoberta, 2000.

ROSSI, Luiz Alexandre S. **Messianismo e modernidade**: repensando o messianismo a partir das vítimas. São Paulo: Paulus, 2002.

SANT'ANNA, Sílvio L. Introdução: o livro do século. . In: _____. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo/Max Weber**; tradução Pietro Nasseti. 4 Edição. São Paulo: Editora Martin Claret., 2008, p. 121.

SILVA, Juvêncio Borges. **Igreja universal**: misticismo e mercado. Campinas, SP: [s.n.], 2000. Dissertação de Mestrado- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.

SMITH, Huston. **Por que a religião é importante**: o destino do espírito humano num tempo de descrença. São Paulo: CULTRIX, 2001.

SOUZA, Alexandre Carneiro. **Pentecostalismo**: de onde vem, para onde vai? – um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Ney. Evolução Histórica para uma Análise da Pós-Modernidade. In: _____. **Teologia na Pós-Modernidade**: Abordagem epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2001.

SUNG, Jung Mo. **Deus numa Economia sem coração**: pobreza e neoliberalismo – um desafio à evangelização. São Paulo: Paulus, 1992.

_____. **Teologia e Economia**: repensando a teologia da libertação e utopias. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 204-205.

TEIXEIRA, Evilázio. **Aventura pós-moderna e sua sombra**. São Paulo: Paulus, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TOURNIER, Paul. **Mitos e neuroses**: desarmonia da vida moderna. São Paulo: ABU Editora; Viçosa: Ultimato, 2002.

TRACY, D. **A Volta de Deus na Teologia contemporânea**. Concilium, 6, 256, 887-899.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **A dialética da pós-modernidade**: a sociedade em transformação. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

ANEXOS

ANEXOS A

Para mudar a história da sua vida realizaremos algo forte que acabará de vez com seus problemas amorosos!

A Quebra da Maldição Sentimental na Terapia do Amor

Tudo que o impede de ser feliz será arrancado e você tomará posse das promessas de Deus que irão garantir a tão desejada transformação em sua vida.

Vida Sentimental...

De repente essa é a razão do seu sofrimento! Seus relacionamentos até se iniciam, mas não se firmam e chegam ao fim. Você se compromete e se entrega, mas não é correspondido. Você está na solidão e não encontra alguém que venha completá-lo. Existe um mal que o impede de ser feliz no amor.

Você quer MUDAR essa SITUAÇÃO?

decepções amorosas
solidão
angústias
traição
desgostos

SABADOS AS 15h E ESPECIALMENTE AS 19h.

Traga esta Aliança para ser quebrada

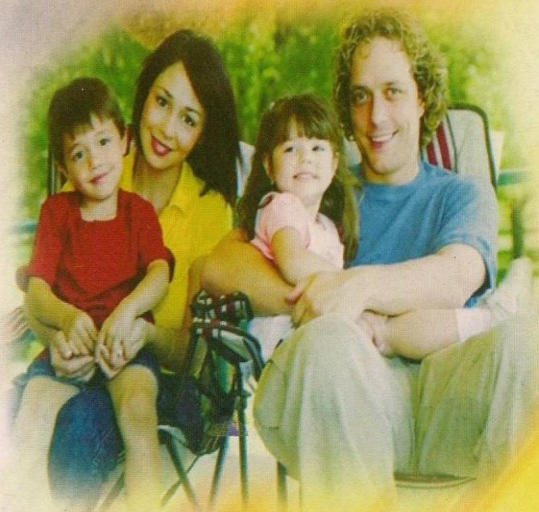
Templo Mater
Av. Epitácio Pessoa, 2000 - Expeditópolis

ANEXOS B





Universal
Igreja do Reino de Deus



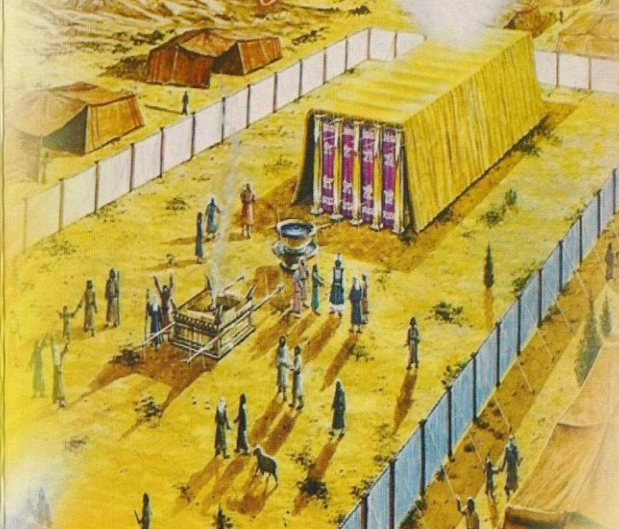
As 7 Orações

Domingo, às 9h30 da manhã

TEMPLO MAIOR

AV. EPITÁCIO PESSOA, 2000 - EXPEDICIONÁRIOS

Minha Família no Escenderijo do Altíssimo



Domingo

Concentração de Fé e Milagres

Às 7h, 18h e, especialmente, às 9h30

***“Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma
chegará à tua tenda.”*** (Salmos 91.10)



Os 7 Domingos no Esconderijo do Altíssimo



Recibo de Pagamento de Salário

Código	Nome do Funcionário	CBO	Emp. Local	Depto.	Setor	Seção	FL.
--------	---------------------	-----	------------	--------	-------	-------	-----

Cód.	Descrição	Referência	Vencimentos	Descontos
			Total de Vencimentos	Total de Descontos
			Valor Líquido →	

Salário Base	Salário Contr. INSS	Base de Cál. F.G.T.S.	F.G.T.S. Do Mês	Base Cál. IRRF	Faixa IRRF
--------------	---------------------	-----------------------	-----------------	----------------	------------

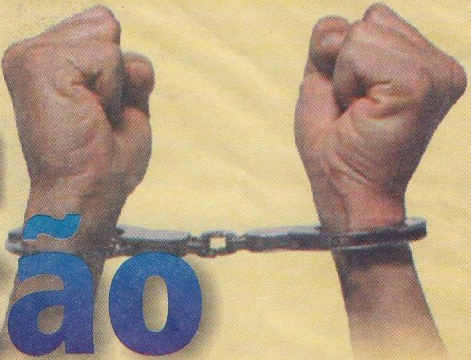
GRATSET FORMULÁRIOS CONTÍNUOS

DECLARO TER RECEBIDO A IMPORTÂNCIA LÍQUIDA DISCRIMINADA NESTE RECIBO

ASSINATURA DO FUNCIONÁRIO

DATA

067323



Noite da Libertação

a quebra da maldição das 7 linhagens do mal

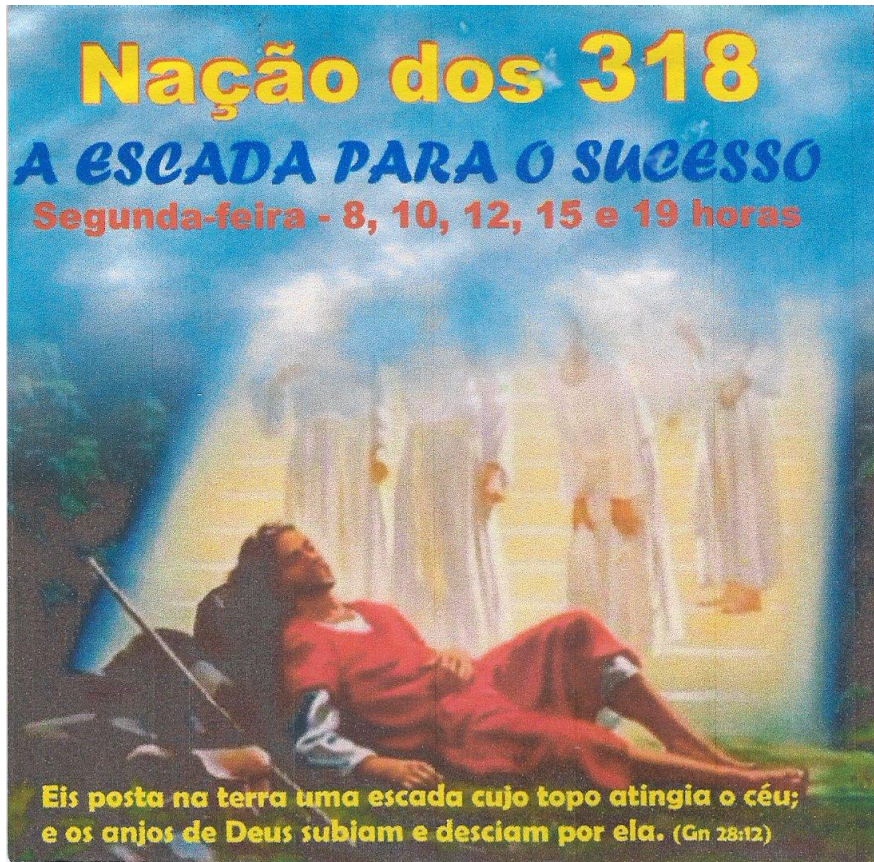
Com a presença de 5 Bispos

**Show com
Bp. Francisco de Assis
e Banda**

**Dia 30
de Junho
7 da noite**

CATEDRAL DA FÉ - Av. Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro

Não jogue este impresso em vias públicas



Nação dos 318
A ESCADA PARA O SUCESSO
Segunda-feira - 8, 10, 12, 15 e 19 horas

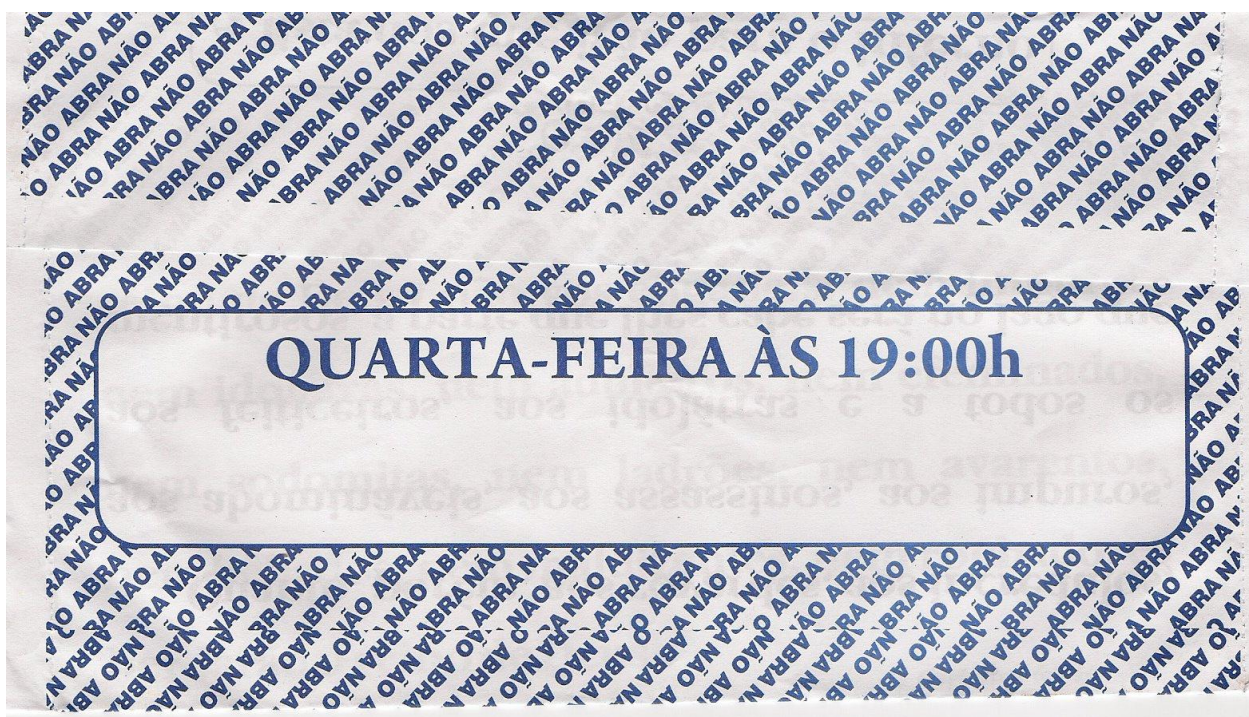
Eis posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu;
e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. (Gn 28:12)

7	PERSEVERANÇA Nome: _____
6	SINCERIDADE Nome: _____
5	FIDELIDADE Nome: _____
4	SACRIFÍCIO Nome: _____
3	REVOLTA Nome: _____
2	CONFIANÇA Nome: _____
1	ATITUDE Nome: _____

Sexta-Feira do Desmanche no Desafio da Cruz

11:30h - 15:00h e 19:00h

"Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres." (João 8:36)







A lista dos que irão para o inferno



Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? não vos enganeis: nem impuros, nem idolátras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus.

1 Coríntios 6:9-10

Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idolátras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

Apocalipse 21:8

FORÇA JOVEM NAÇÃO DOS FALCÕES

DEUS ESTÁ BUSCANDO
PESSOAS COMO VOCÊ!

QUE DESEJAM VENCER E SER FELIZ



Participe do Encontro
dos Jovens vencedores

Domingo às 15:00 h, 2º andar.



Os 6 Domingos da Transformação



Universal
Igreja do Reino de Deus

Nome: _____

Data Nasc.: ____/____/____

Nome: _____

Data Nasc.: ____/____/____

Nome: _____

Data Nasc.: ____/____/____

Nome: _____

Data Nasc.: ____/____/____

Nome: _____

Data Nasc.: ____/____/____

Nome: _____

Data Nasc.: ____/____/____

**às 7:00h - 18:00h
e especialmente
9:30h da manhã**

NAÇÃO DOS 318

O DIA DA

PESCA MARAVILHOSA

"Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes. Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes."

Lucas 5.6

NOVENA DA VITÓRIA NO DESAFIO DA CRUZ

Sexta-feira

às 11:30, 15 e 19h.

Venha passar pela cruz e beber do cálice com suco de uva
que foi consagrado pelo Pr. Cristiano no Monte Calvário.

"Certamente, ele tomou
sobre si as nossas
enfermidades e as
nossas dores levou
sobre si..."
(Isaias 53:4)

"...Quando der Ele a sua
alma como oferta pelo
pecado, verá sua
posteridade e
prolongará os seus
dias..."
(Isaias 53:10)

"...Quando der Ele a sua
alma como oferta pelo
pecado, verá sua
posteridade e
prolongará os seus
dias..."
(Isaias 53:10)

4ª Sexta-feira

5ª Sexta-feira

6ª Sexta-feira

7ª Sexta-feira

8ª Sexta-feira

9ª Sexta-feira

Ouçã diariamente
o programa
Desafio da Cruz
na FM 105,7
das 8 às 9 da manhã

"Eles, pois, o venceram por causa do Sangue do Cordeiro e por causa da palavra e do testemunho
que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida (Apocalipse 12.11)

Catedral da Fé - Av. Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro





TERÇA-FEIRA

Distribuição gratuita do Banho do Descarrego
com 7 Elementos Bíblicos.



"...Vai, lava-te no tanque de Siloé. Ele foi, lavou-se e voltou vendo."
(João 9:7)

Escreva aqui o que você deseja ser limpo:

Av. Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro

CATEDRAL DA FÉ

7:00, 11:30, 15:00 e especialmente às 19:00h.



CURRICULUM VITAE

IDENTIFICAÇÃO

Foto
3x4

Nome:

Endereço:

Bairro:

Fone:

Cidade:

CEP:

Estado:

Filho de

e de

Nacionalidade:

Naturalidade:

Data de Nascimento:

Estado Civil:

Grau de

Instrução:

Cédula de Identidade nº:

Carteira Profissional nº:

Série:

Carteira de Reservista nº:

Título de Eleitor nº:

Zona:

Carteira de Habilitação nº:

Categoria:

CPF:

Inscrito no sob nº:

(órgão profissional)

Escolaridade

CURSO 1º Grau (1ª a 8ª série)

Escola:

Cidade:

Período:

CURSO COLEGIAL OU EQUIVALENTE:

Escola:

Cidade:

Período:

CURSO SUPERIOR:

Universidade:

Faculdade:

Curso:

Cidade:

Período:

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO, PÓS GRADUAÇÃO, SEMINÁRIOS, PALESTRAS, ETC.

Assunto:

Entidade:

Período:

Assunto:

Entidade:

Período:

Assunto:

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Firma:
Endereço:
Cidade:
Período:
Funções Desempenhadas:

Bairro:
Estado:
Cargo:

Firma:
Endereço:
Cidade:
Período:
Funções Desempenhadas:

Bairro:
Estado:
Cargo:

Firma:
Endereço:
Cidade:
Período:
Funções Desempenhadas:

Bairro:
Estado:
Cargo:

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES - PESSOAS QUE POSSAM DAR INFORMAÇÕES

Nome:
Endereço:

Fone:
Cidade:

Nome:
Endereço:

Fone:
Cidade:

Nome:
Endereço:

Fone:
Cidade:

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS E FUNCIONAIS

Último Salário:
Salário Pretendido:
Outras Funções que se propõe a exercer:

..... de de

.....



JEJUM DAS CAUSAS IMPOSSÍVEIS

“...Porém a causa que vos for demasiadamente difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei.”

(Deuteronômio 1:17)

Creia nessa promessa e traga a sua causa para ser apresentada ao SENHOR DO SÁBADO, o Deus do Impossível, aquele que fez essa promessa.

Escreva aqui a sua causa impossível:

Seja perseverante, não desista, não se entregue!

O seu dever é trazer a sua causa impossível neste sábado, o de Deus, é respondê-la.

“Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal.” (Isaías 56:2)

SÁBADO às 7:00 e 11:30h

CATEDRAL DA FÉ - Av. Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro

Nº	Ficha de Membro		FAVOR PREENCHER COM LETRA DE FÔRMA	
Não preencher				
antunes Soares da Silva				
Nome:	Roberto Fernandes			
Nome do cônjuge:	Rodrigo Jacareu			
Endereço:	Zurume Selva			
Bairro:	Viguetes	Cidade:	Rodrigo	
Estado:	Pernambuco	CEP:	Tel.: Residencial	
Nacionalidade:	brasileira	E-mail:	Naturalidade:	
Profissão:	Jacareu	Grau de Escolaridade:	muito alta	
Cart. Identidade:	Bob	Origem:	Data do Nasc.:	CPF:
Título de Eleitor:		Cidade/UF:	Zona:	Seção:
RECEBIDO (A) POR:	☐ Batismo	☐ Adesão	☐ Transferência	Função: ☐ Obreiro ☐ Membro
Data do Batismo:	/ /	Qual Igreja?	Sede da Igreja:	



Universal

Igreja do Reino de Deus

SEXTA-FEIRA DESAFIO DA CRUZ

“Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa! Então, as cadeias caíram-lhe das mãos.”

(Atos 12:7)

JEJUM DAS CAUSAS IMPOSSÍVEIS

“...Porém a causa que vos for demasiadamente difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei.”

(Deuteronômio 1:17)

Creia nessa promessa e traga a sua causa para ser apresentada ao SENHOR DO SÁBADO, o Deus do Impossível, aquele que fez essa promessa.

Escreva aqui a sua causa impossível:

Seja perseverante, não desista, não se entregue!

O seu dever é trazer a sua causa impossível neste sábado, o de Deus, é respondê-la.

“Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal.” (Isaías 56:2)

SÁBADO às 7:00 e 11:30h

CATEDRAL DA FÉ - Av. Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro

ORAÇÃO PELA PAZ

Salmo 122

Alegrei-me quando me disseram:

Vamos à Casa do SENHOR.

Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém!

Jerusalém, que está construída como cidade compacta,

para onde sobem as tribos, as tribos do SENHOR,

como convém a Israel, para renderem

graças ao nome do SENHOR.

Lá estão os tronos de justiça, os tronos da casa de Davi.

Orai pela paz de Jerusalém!

Sejam prósperos os que te amam.

Reine paz dentro de teus muros

e prosperidade nos teus palácios.

Por amor dos meus irmãos e amigos, eu peço:

haja paz dentro de ti!

Por amor da Casa do SENHOR, nosso Deus,

buscarei o teu bem.

**Traga esta oração todo sábado
às 7 ou 11:30 da manhã**

SABADÃO DOS IMPOSSÍVEIS

**Acompanhe esta oração diariamente
pela 105,7 FM às 14h e especialmente às 21h**